

CONJUNTURA ECONÔMICA

para o Desenvolvimento - Exportações - Indispensáveis Econômico

SETEMBRO, 1958

**DIFICULDADES NO ACÔRDO
DO CAFÉ**



**MELHORAM AS PERSPECTIVAS
PARA O ALGODÃO**



**ERVA-MATE — RECUPERA-SE A
EXPORTAÇÃO**



**NOVAS IDÉIAS DE DEFESA PARA
AS MATÉRIAS-PRIMAS**



**O PETRÓLEO E A CRISE
NO IRAQUE**

**RIO DE JANEIRO
BRASIL**

ANO XII

N.º 9



MANUTENÇÃO DA FÁBRICA — Nas folgas do serviço de transporte, há sempre uma tarefa útil que o Jeep-Willys pode desempenhar na conservação da fábrica, rebocando equipamentos para a limpeza de pátios, para o corte de gramados, graças à sua versatilidade.



PLANTÃO DE TRANSPORTE — Para efetuar uma entrega rápida, atender a um eventual desembarque, a um transporte urgente — o Jeep-Willys está sempre pronto para arrancar, a qualquer hora, em qualquer tempo e com plena garantia de chegar ao seu destino.



TRAÇÃO HORIZONTAL — Dentro ou fora da fábrica, o Jeep-Willys reboca e empurra pesadas cargas, quando necessário, substituindo veículos especializados. A sua tração nas 4 rodas permite multiplicar sua potência, para a execução das mais rudes tarefas.



WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S.A.

Somente Willys fabrica o veículo autorizado a usar a marca Jeep® "Se não é Willys, não é Jeep"

Fábrica: São Bernardo do Campo — Estado de São Paulo • Concessionários em todo o país.

The
FIRST NATIONAL
BANK *of* BOSTON

FUNDADO EM 1784

Contas Correntes,
Contas Populares e Limitadas,
Câmbio,
Cheques de Viajantes,
Ordens de Pagamento,
Guarda de Valores,
Cofres de Aluguel,
Cobranças
e todos os demais
Serviços Bancários



RIO DE JANEIRO AV. RIO BRANCO, 18

SÃO PAULO RUA 3 DE DEZEMBRO, 50

SANTOS P. VISC. DE MAUÁ, 14



Tecidos... feitos com óleo!

Além da matéria prima, das máquinas complicadas e da habilidade dos operários especializados, também os óleos lubrificantes desempenham papel importante na fabricação dos tecidos modernos.

Esses óleos são responsáveis não só pela lubrificação da maquinaria têxtil, como igualmente pelo tratamento dos próprios fios, assegurando maior rendimento à produção.

A **Shell Brazil Limited**, sempre pronta a estudar e resolver os problemas da lubrificação industrial, coloca à sua disposição uma série de óleos da mais alta qualidade.

Para maiores informações procure o escritório da Região

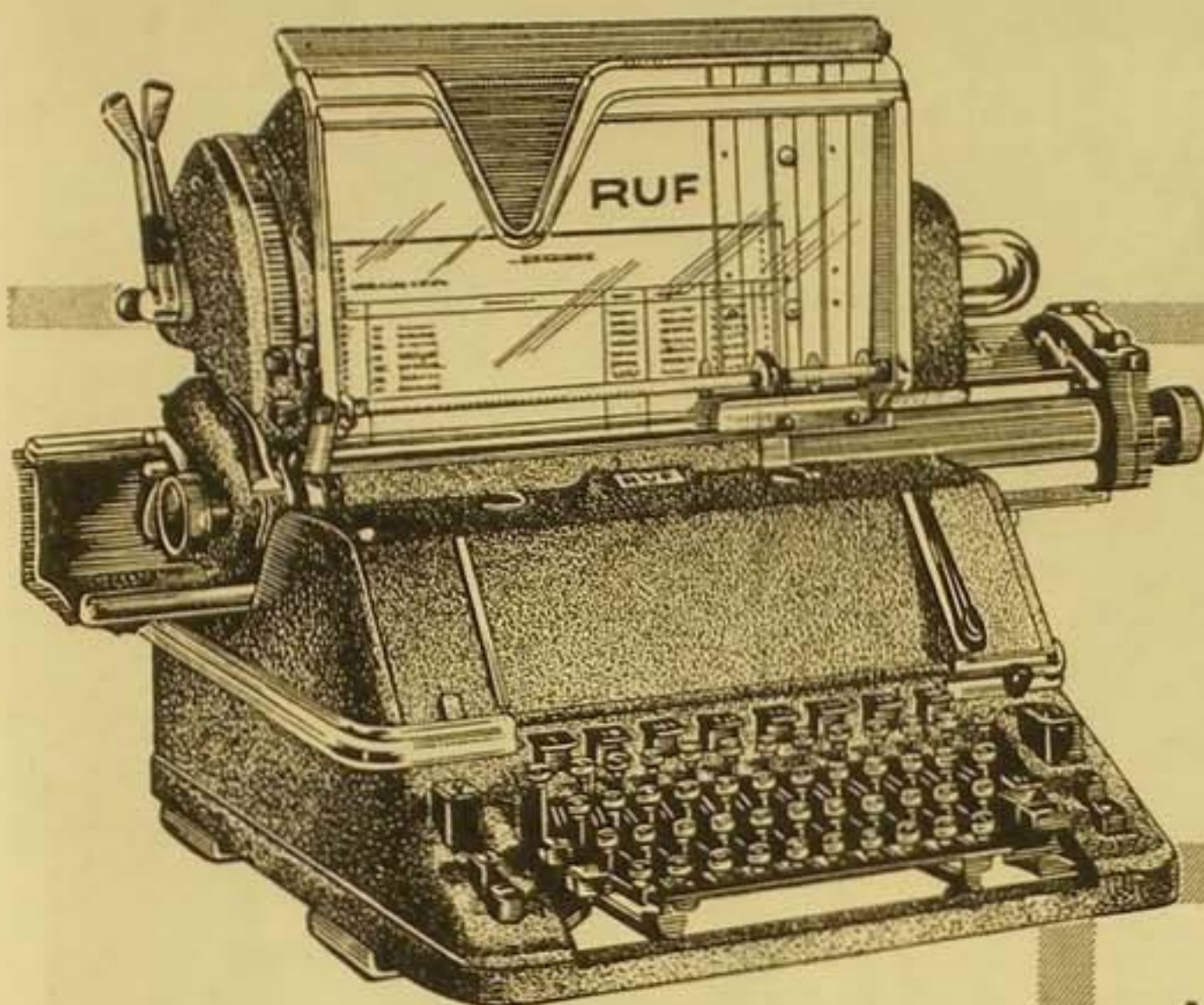
SHELL BRAZIL LIMITED

RIO: PÇA. PIO X, 15 - 6.º - S. PAULO: RUA CONS. NÉBIAS, 14 - 7.º



Máquinas especializadas

para mecanizar a contabilidade



INTROMAT

reduz 70% de tempo e trabalho

O mundialmente famoso processo Ruf é uma garantia para sua contabilidade. Reduz a um terço o serviço pela simultaneidade dos lançamentos em vários registros. As modernas máquinas Ruf Intromat, especialmente construídas e aperfeiçoadas durante longos anos, aumentam ainda mais o rendimento do eficiente e prático processo Ruf.

**Conjuntos Ruf completos desde Cr\$ 9.500,
e Máquinas Ruf de Contabilidade desde Cr\$ 30.600,**

CONSULTA GRÁTIS!

Seja qual for o seu problema de Contabilidade, consulte antes o nosso Dep. Técnico para obter o conjunto mecânico que mais lhe convém. Peça folhetos e informações, preenchendo este cupão e enviando-o ao nosso escritório mais próximo.

A sua RUF INTROMAT é mais completa porque tem:

- 1 - o mais rápido dispositivo de alimentação frontal dos formulários com expulsão automática.
- 2 - alimentação dupla de formulários de larguras diferentes.
- 3 - dispositivo especial para a alimentação de envelopes de pagamento e fixação da linha.
- 4 - dispensa papel carbono.
- 5 - luz vermelha indicando quando a folha do Diário chega ao seu fim.
- 6 - retorno elétrico do carro.

**A Ruf Intromat pode ser fornecida
com ou sem somadores**

NOME
ENDEREÇO
CIDADE.....
ESTADO

ORGANIZAÇÃO *Ruf* S. A.
Equipamento para Escritórios

Rio de Janeiro: Rua Debret, 79 - A - Tel. *32-6767
São Paulo: Rua da Consolação, 41 - Tel. *33-9136
Curitiba: Rua 15 de Novembro, 567 - Tel. 4-6822
Belo Horizonte: Av. Afonso Pena, 941 - Tel. 2-1902
Porto Alegre: Av. Alberto Bins, 681 - Tel. 5886

O que



representa
para o lavrador:



Fertilizantes de alta qualidade!

Ao oferecer ao lavrador fertilizantes de alta qualidade e em excelentes condições de financiamento, "ACCO" — Anderson, Clayton & Cia. Ltda. — está não somente contribuindo para melhores colheitas e para a obtenção de produtos agrícolas de melhor qualidade, como evitando que a terra se esgote e, de ambos os modos, colaborando para o fortalecimento da economia brasileira, que não pode prescindir da estabilidade de sua produção agrícola.



ACCO — uma nova maneira
de dizer PROGRESSO

ANDERSON, CLAYTON & CIA.
LIMITADA

Rua Formosa, 367 - São Paulo

Um Novo Piso em 24 Horas!

Com **VULCAPISO**
o novo parquet vinílico

e **Brascodur**
1200

a cola de extraordinário
poder adesivo

Foto: Loja Realist, em Santos.

Baixe o custo da construção! Use Vulcapiso — o novo e revolucionário parquet vinílico — para revestir, da noite para o dia, grandes ou pequenas extensões de pisos e lambris em *halls*, corredores, escritórios, lojas, cinemas, residências e hospitais. Milagre da ciência, Vulcapiso é mais resistente que o taco de peroba do campo, e suas 8 lindas cores permitem as mais modernas combinações decorativas. Vulcapiso pode ser colocado sobre concreto, madeira, pedra, mármore ou cerâmica. Sua perfeita adesão sobre esses materiais é garantida por Brascodur-1200, a cola fabricada especialmente para colocação de Vulcapiso. Brascodur-1200 seca rapidamente e é de fácil aplicação, proporcionando grande rendimento.

VULCAPISO e Brascodur 1200



produtos garantidos pelas organizações
pioneiras, do gênero, na América Latina.



Primeiro, trace a diagonal da área. Coloque VULCAPISO do centro para os lados. O desenho sairá perfeito.



Em seguida, aplique BRASCODUR — 1200 no chão e depois em VULCAPISO, usando uma espátula dentada.



Deixe arejar 5 a 10 min., depois coloque o VULCAPISO, batendo com um martelo de borracha de 500 a 700 g.



VULCAN MATERIAL PLÁSTICO S. A.

Rio : Av. Pres. Vargas, 309 — 18.º andar — Tel. 23-5930
S. Paulo : Av. Rio Branco, 211 - 2.º andar - Tel. 34-5870

BRASCOLA LTDA.

S. Paulo : Rua Prof. Aprígio Gonzaga, 78 — Tel. 70-2873
Rio : Gerlinger & Cia. Ltda. — Av. Churchill, 97 — 4.º and.

Representantes em todo o Brasil



200 anos Geigy

Em 1758 surge uma das mais antigas empresas químicas do mundo, na cidade de Basileia (Suíça), com o fim de comercializar produtos químicos, corantes e drogas. Johann Rudolf Geigy foi o seu fundador. Hoje em dia, passados duzentos anos, J. R. GEIGY S. A. celebra seu segundo centenário, e a esta comemoração se associam as organizações GEIGY do mundo inteiro. Nesses dois séculos, a pequena empresa inicial transformou-se numa sociedade que atua em muitos países. As atividades das sociedades GEIGY estendem-se, atualmente, aos domínios dos corantes e taninos, dos produtos industriais e plásticos, das especialidades farmacêuticas e dos produtos antiparasitários, como o DDT. A marca GEIGY distingue os produtos químicos orgânicos da mais alta qualidade.

J. R. GEIGY S. A. - Basileia (Suíça)

Representantes exclusivos no Brasil:

GEIGY DO BRASIL S. A. Produtos Químicos

Matriz: Rio de Janeiro - Filiais: São Paulo e Porto Alegre





Trecho da Adutora de Cabo Frio, 25.000 metros de tubos de ferro fundido de 600 mm. — 4.500 juntas elásticas.

A antiga junta rígida de chumbo e corda será em breve totalmente abandonada e substituída pelas juntas elásticas de borracha

ELASTYJUNTA

ECONOMIA e RAPIDEZ — Duas características que valorizam ainda mais os tradicionais fatores de *RESISTÊNCIA, SEGURANÇA, LONGEVIDADE*, que fazem do tubo de ferro fundido material *INSUPERÁVEL e INSUBSTITUÍVEL*.



CIA. FERRO BRASILEIRO S. A.

RIO DE JANEIRO

Avenida Nilo Peçanha, 26-6.º

Tel. 32-8011

SÃO PAULO

Rua Líbero Badaró, 293

Tel. 37-4536

BELO HORIZONTE

Rua Goitacazes, 15 - 5.º

Tel. 2-5333

RECIFE

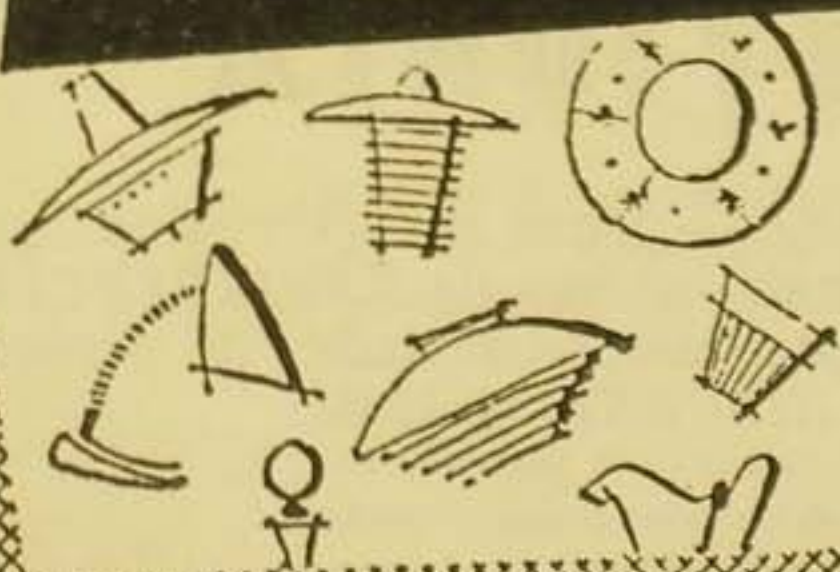
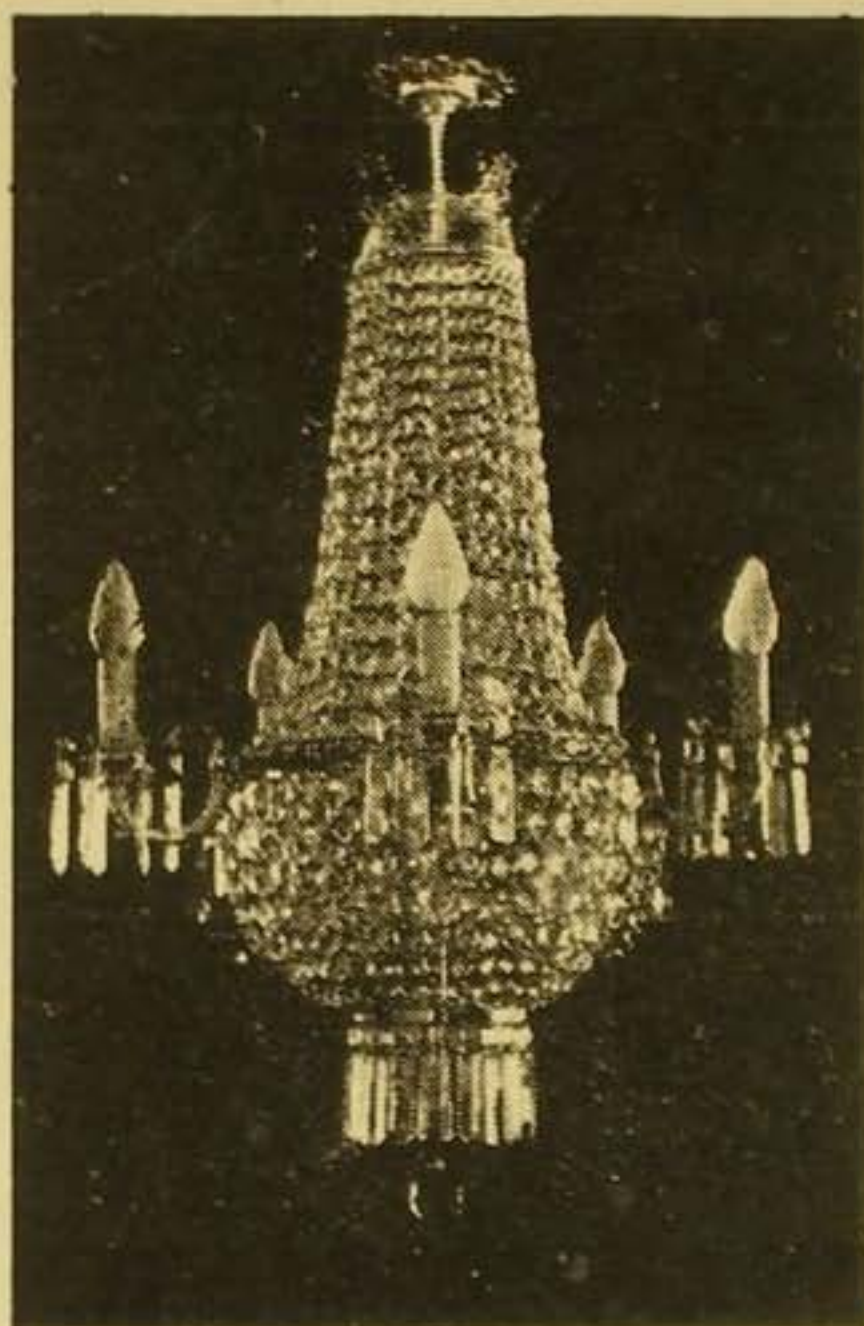
Conde de Boa Vista, 45

Tel. 4342

End. Telegr. : "FERROBRASIL"



Este é um produto Nadir



- * vidros e cristais
- * louças e porcelanas
- * lustres e globos
- * aparelhos p/ iluminação
- * artigos de metal

NADIR FIGUEIREDO SA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

S. Paulo: R. Florêncio de Abreu, 572-1º - Tel. 34-0599.
R. Independência, 390 - Tel. 32-7951.

Rio de Janeiro: Av. Pres. Vargas, 509-8º - Tel. 43-2990.

Porto Alegre: R. Senhor dos Passos, 54-4º - Tel. 2-4973

Belo Horizonte: Av. Olegário Maciel, 244 - Tel. 2-1798

Salvador: R. Santos Dumont, 4-1º e 2º and. - Tel. 6660.

Recife: R. das Flores, 77-1º - s/3 a 5 - Tel. 6439.

Curitiba: Travessa Alfredo Bufrem, 18 - 2º - s/13.

Belém: R. Santo Antônio, 8 - 2º and. - s/306.

MÁQUINAS

QUE

NÃO

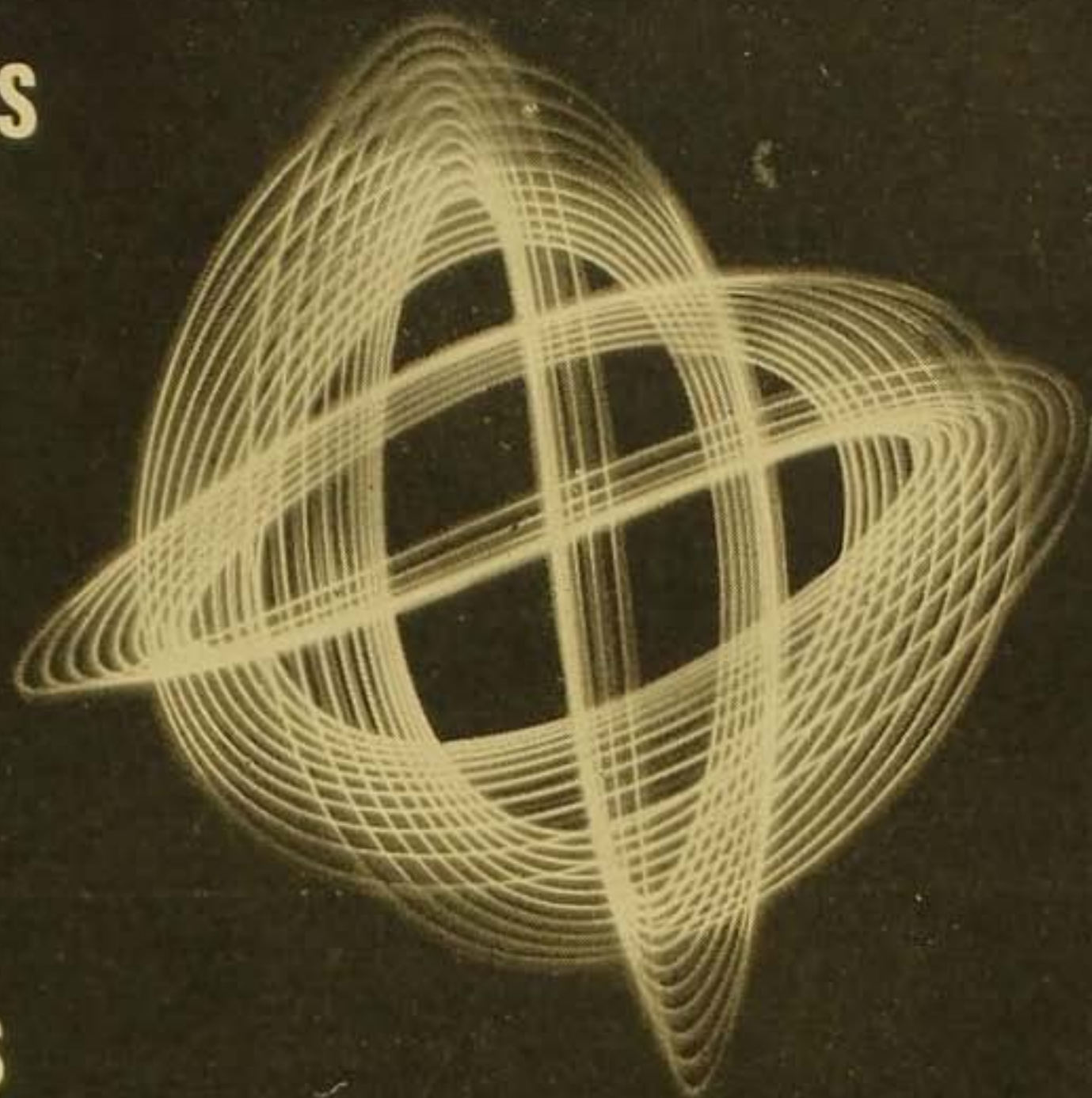
PODEM

PARAR

EXIGEM

MOTORES

ELÉTRICOS



ARNO

O bom funcionamento das máquinas é uma parcela significativa no conjunto de fatores que determinam a prosperidade de uma indústria. Para garanti-lo, é necessário o emprego de motores de qualidade. Os Motores ARNO oferecem a perfeição técnica exigida por suas máquinas, pois são projetados e construídos especialmente para os fins a que se destinam.

A linha ARNO compreende motores de todos os tipos, submetidos, nas diversas fases de sua fabricação, ao C.I.Q. - Contrôlo Integral de Qualidade - uma exclusividade ARNO!

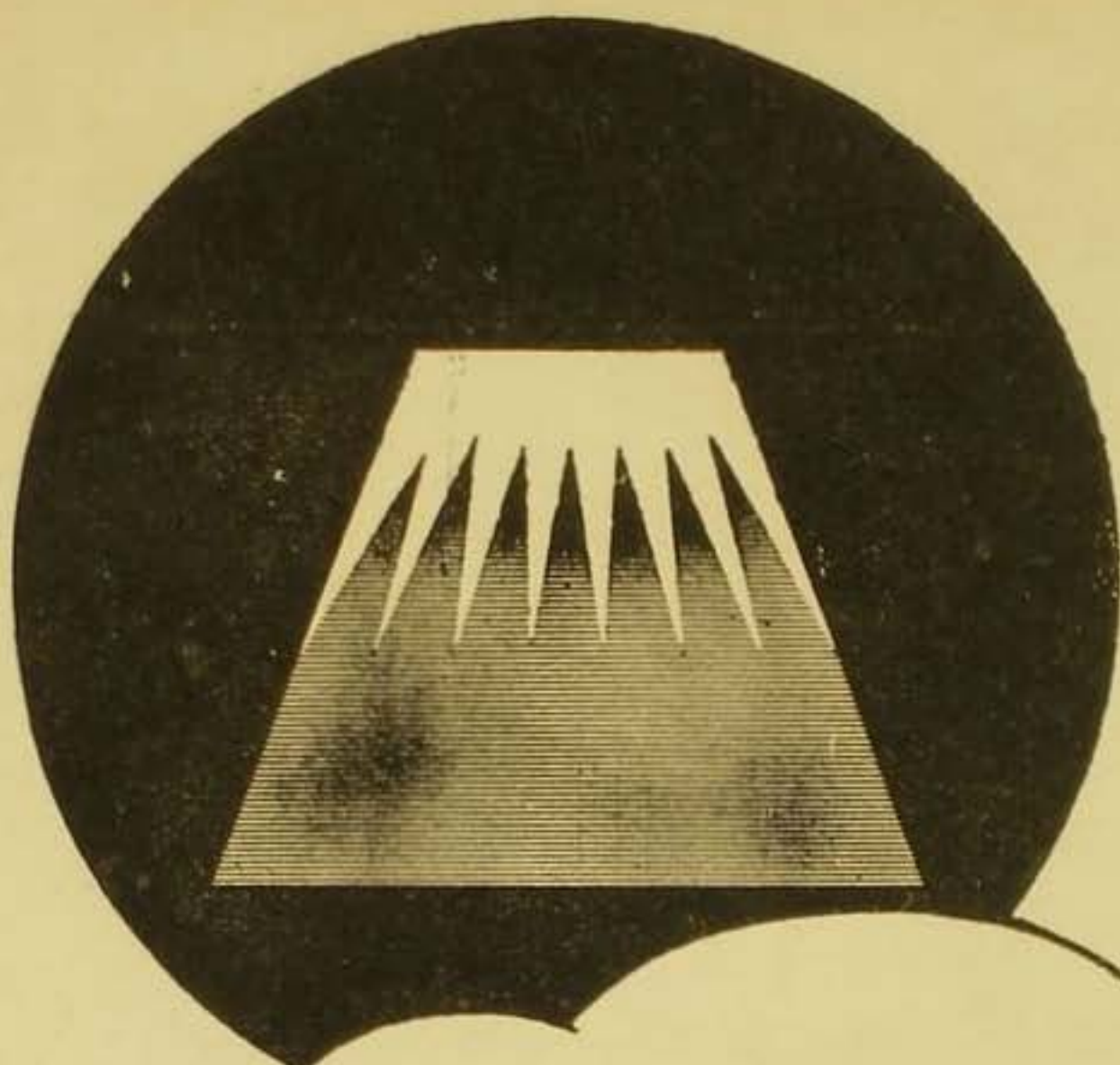


MOTOR MONOFÁSICO

ARNO S.A. 
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

A MAIOR FÁBRICA DE MOTORES
ELÉTRICOS E APARELHOS DOMÉSTICOS
DA AMÉRICA LATINA

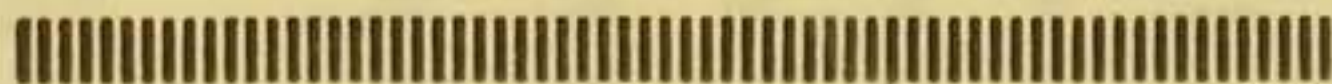
MATRIZ: AVENIDA ARNO, 240 - C. POSTAL 8217 - SÃO PAULO • RIO DE JANEIRO - PORTO ALEGRE - RECIFE - BELO HORIZONTE - CURITIBA - CAMPINAS - SANTOS - RIBEIRÃO PRETO - SOROCABA - BAURU - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO



*Promoção de Negócios
é a nossa Especialidade*



The **FUJI BANK, LTD.**



Matriz: Chiyoda-ku, Tóquio

187 Filiais no Japão

Filial em Londres:

Salisbury House, Finsbury Circus, London, E.C. 2

Agência em Nova York: 42 Broadway, New York, N.Y.

Representante em Calcutá:

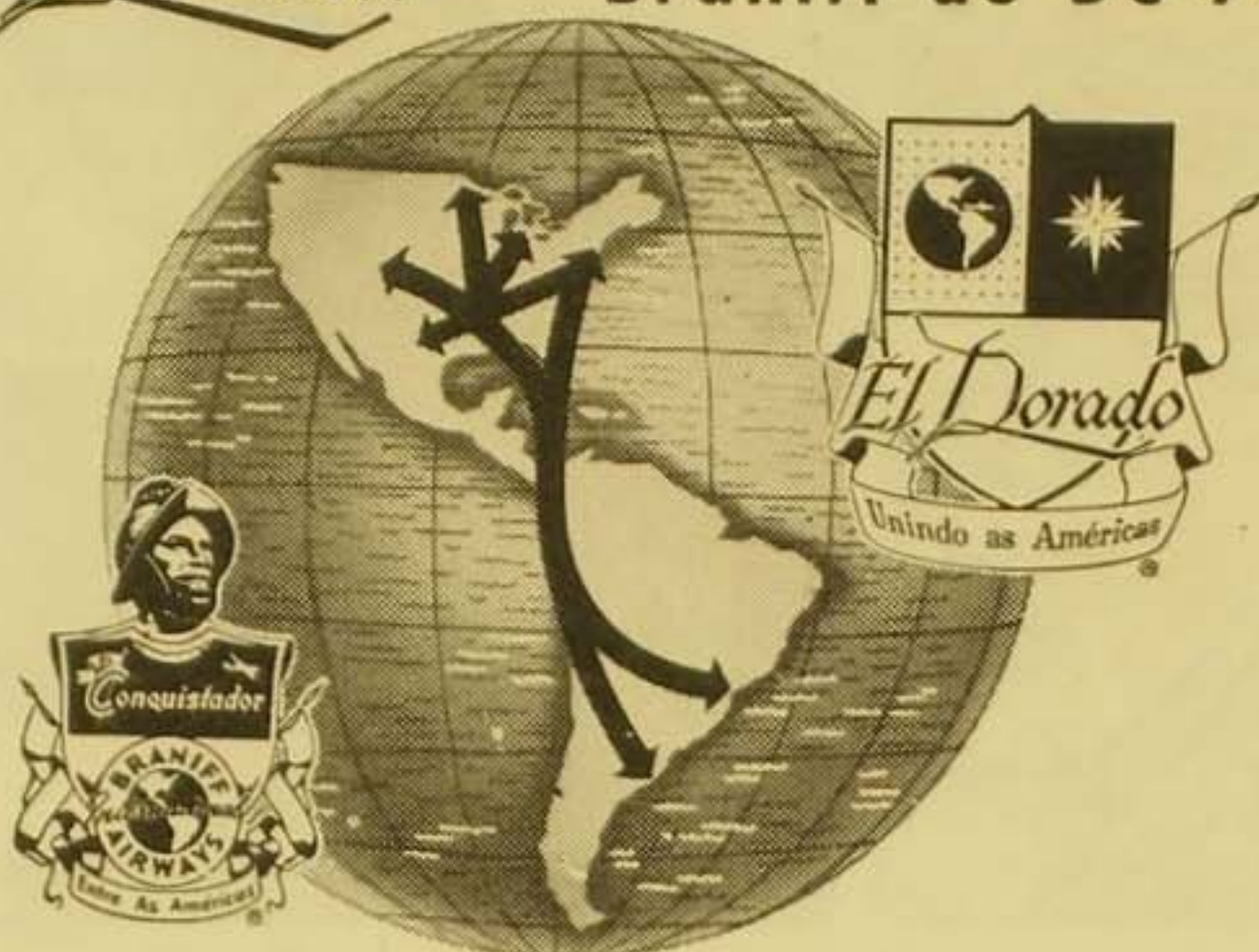
Mookerjee House, 17 Brabourne Road, Calcutá



Para **NOVA YORK**
e **WASHINGTON**

El Dorado

— a fabulosa versão
Braniff do DC-7C



e... sòmente pela Braniff

LIMA • PANAMÁ • MIAMI

com conexões em Miami para qualquer parte dos EE. UU.

BRANIFF representa:



- O melhor em serviço aéreo entre as Américas
- Refeições de epicuro, planejadas por "chefs" famosos
- Leitos de verdade nos vôos do El Dorado
- A rota mais pitoresca do mundo
- Serviços de luxo e de turista em todos os vôos

BRANIFF
International
AIRWAYS

Para reservas e maiores informações, consulte seu
agente de turismo ou visite ou telefone para Braniff:

Rio de Janeiro - Av. Presidente Wilson, 123-A - Tel.: 32-2255

São Paulo: Rua São Luiz, 112 - Tel.: 37-8116



***Há três gerações...
procuramos oferecer bons serviços!***

Nossos 46 anos de atividades ininterruptas, repousam no valor e na dedicação de nossos homens. Hoje, eles somam quase três mil. Acrescente-se, ainda, o investimento no Brasil de cerca de três e meio bilhões de cruzeiros em armazéns, depósitos, terminais oceânicos e de cabotagem, para garantia do perfeito suprimento de derivados de petróleo a todo o País. E veja-se o resultado: os produtos Esso que alimentam e dinamizam os meios de pro-

dução e de transporte chegam a tempo e à hora aos mais remotos pontos do território nacional, a preços razoáveis, permitidos pelo baixo custo operacional. Reconhecidos pela alta qualidade, os produtos Esso asseguram o máximo rendimento às máquinas do progresso, impulsionando a economia do País. Nosso maior orgulho é servir ao Brasil, estimulando, há três gerações, o desenvolvimento desta grande Nação.



contribui para o progresso do Brasil.

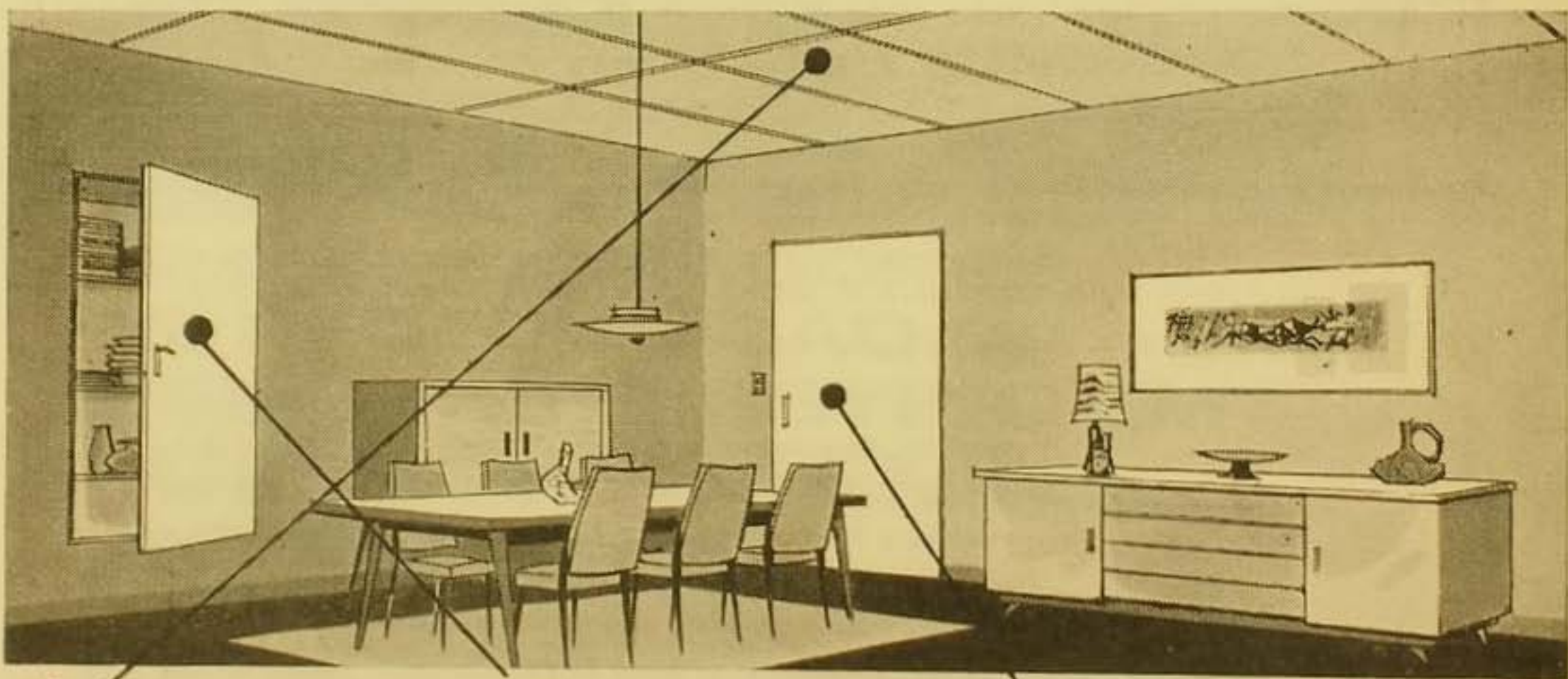
EUCATEX

oferece o material certo para a aplicação certa!

Faça Lambris com Eucatex Duro Canelado ou Couro - dão classe e categoria ao escritório!

Elimine os Ruídos com Eucatex Acústico - forrando tetos e paredes, elimina até 93% dos ruídos!

Para Paredes Divisórias nada melhor que Eucatex Durotermic - torna divisões à prova de som, removíveis, desmontáveis e reaproveitáveis.



Faça Forros com Eucatex Isolante (12 mm) - economiza material, mão-de-obra e embeleza o ambiente!

Faça Móveis e Armários Embutidos com Eucatex Duro Liso - supera a madeira com grandes vantagens!

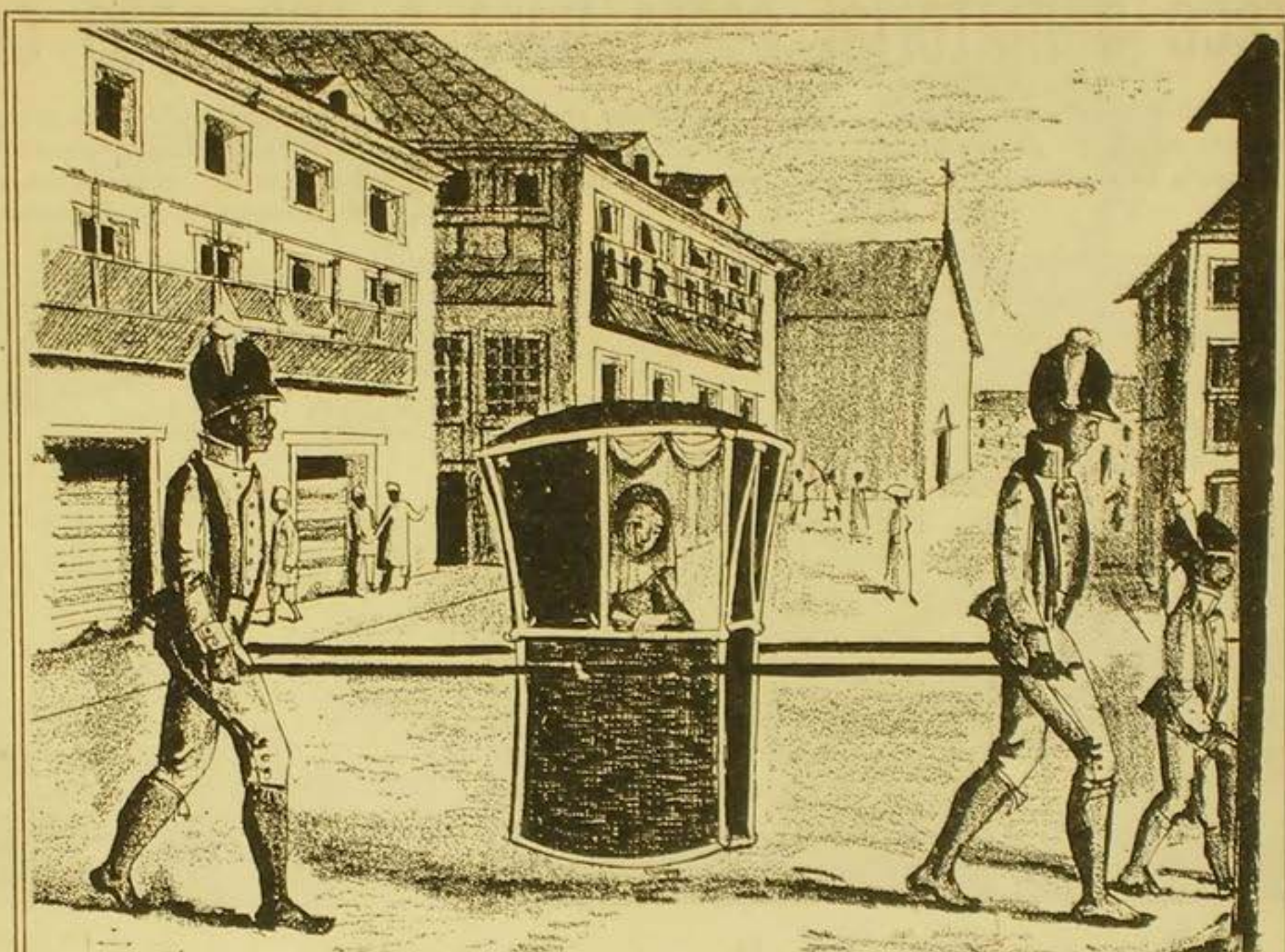
Para Portas sólidas e à prova de som, o mais indicado é Eucatex Durotermic!

EUCATEX S.A.

Indústria e Comércio

— Única fabricante na América Latina da linha completa de chapas de fibra de madeira: chapas isolantes, chapas acústicas e chapas duras.

Av. Francisco Matarazzo, 530 - Tel. 51-9108 - SÃO PAULO
Av. Presidente Vargas, 435 - s/ 902 - Tel. 43-3828 - R. DE JANEIRO
R. Rio de Janeiro, 282 - s/ 1.006 - Tel. 4-1636 - BELO HORIZONTE
R. Santo Antônio, 120 - Tel. 5232 - PORTO ALEGRE



"A lady going to visit" - Henry Koster

FAZ UM SÉCULO...

que o Banco da Bahia abriu suas portas!



E assim firmou uma tradição de contínuos serviços prestados à economia brasileira. Projetando-se no tempo, expandindo-se no espaço geográfico, através da ampliação de seus serviços e da modernização de seus sistemas, o Banco da Bahia mantém-se em essência o mesmo banco de há um século. A mesma solicitude dessa época, a mesma cortezia do tempo das caleças e das saias rodadas, a mesma solidez nos negócios, são características do Banco da Bahia de hoje — um banco moderno e progressista. E, sobretudo, uma organização que presta bons serviços ao povo e à nação brasileira.

BANCO DA BAHIA S.A.

o primeiro banco particular a completar 100 anos



40.842

TRANSFORMADORES DE DISTRIBUIÇÃO DA GENERAL ELECTRIC EM FUNCIONAMENTO NO BRASIL

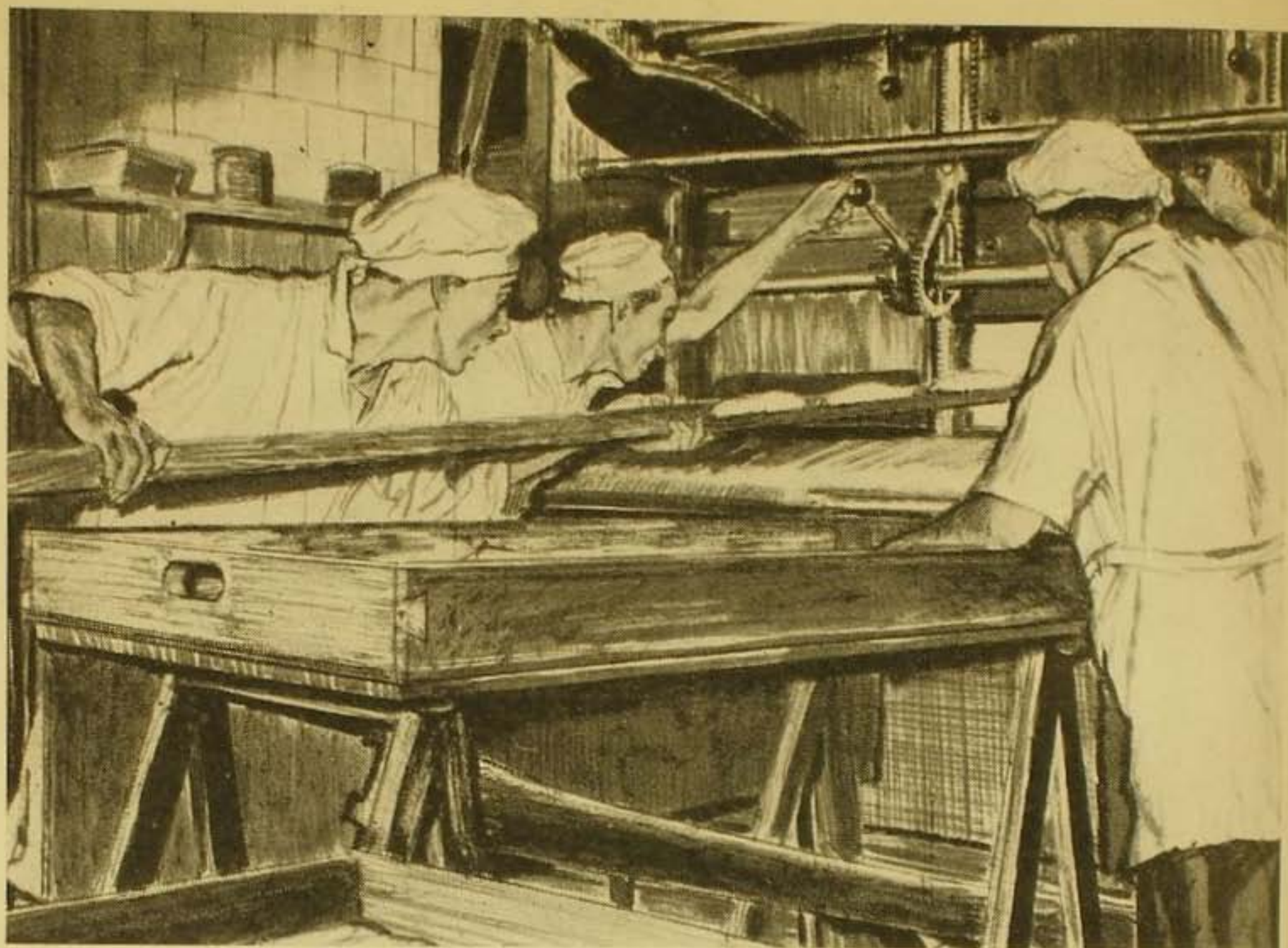
Este número expressivo é um atestado de qualidade que fala por si mesmo. Fabricados dentro do mais rigoroso controle, da matéria prima ao produto acabado, os transformadores de distribuição G-E, que obedecem às normas técnicas recomendadas pelo ABNT, ASA e NEMA, se destacam pelo menor peso, redução nas dimensões e corrente de excitação mais baixa, oferecendo melhor rendimento e continuidade de operação. E, através do seu Departamento de Serviços, a General Electric S. A. assegura assistência técnica permanente a cada transformador instalado.



Nosso Mais Importante Produto é o Progresso

GENERAL  ELECTRIC

GENERAL ELECTRIC S. A. - BRASIL



Na boca do forno há 6 mil anos

Anda perdida pelos milênios a origem da nobre profissão de padeiro. Quatro mil anos antes de Cristo, os egípcios já comiam pão José do Egito, conta o Velho Testamento, decifrou, na prisão, o sonho de um padeiro. Outro padeiro, também egípcio, teria descoberto o fermento, ao lhe caírem, sobre a massa, algumas partículas com germens da fermentação, trazidas pelo vento, tornando-a mais leve e macia.

E o padeiro, hoje como há milhares de anos, continua sua atividade benemérita de bem servir aos homens. Através do Serviço Fleischmann — distribuição constante e pontual de fermento fresco para panificação, desde os grandes centros às mais remotas povoações do país — a Standard Brands of Brazil, Inc. contribui para que seu padeiro lhe preste melhores serviços, oferecendo-lhe um pão de melhor qualidade.

Standard Brands of Brazil, Inc.

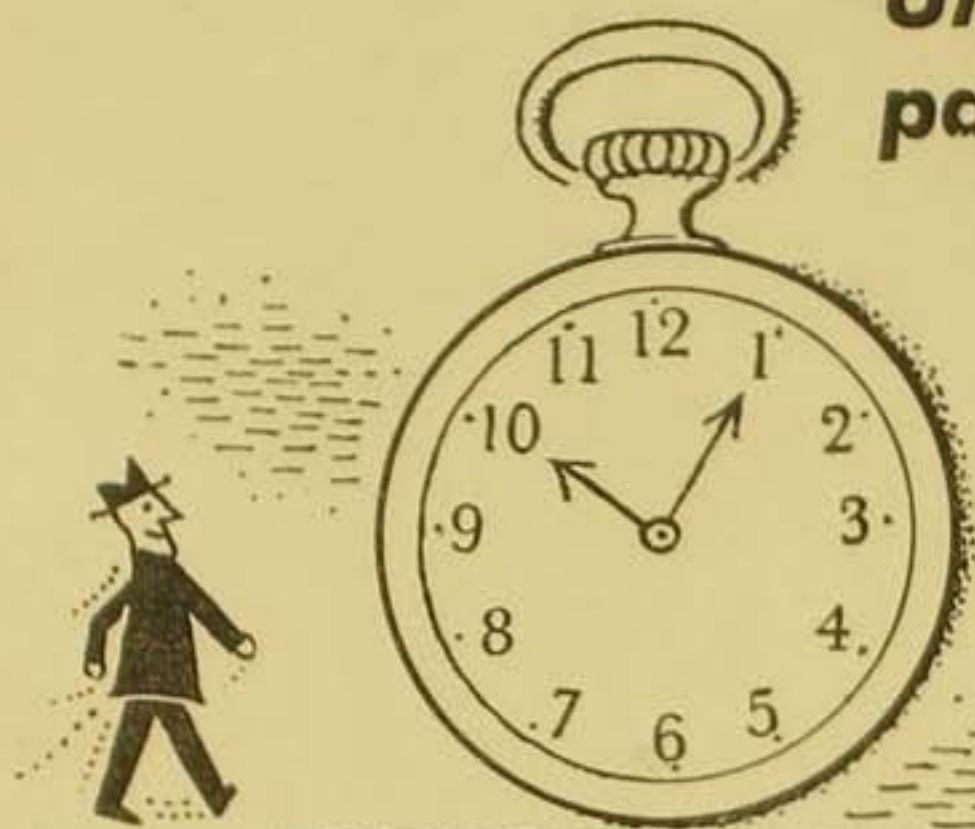
Fabricantes de **FERMENTOS FLEISCHMANN**
para Panificação — Chá Tender Leaf — Benefax
Fabricantes dos famosos produtos **ROYAL**:
Fermento em Pó, Pudins e Gelatinas Royal

HBU



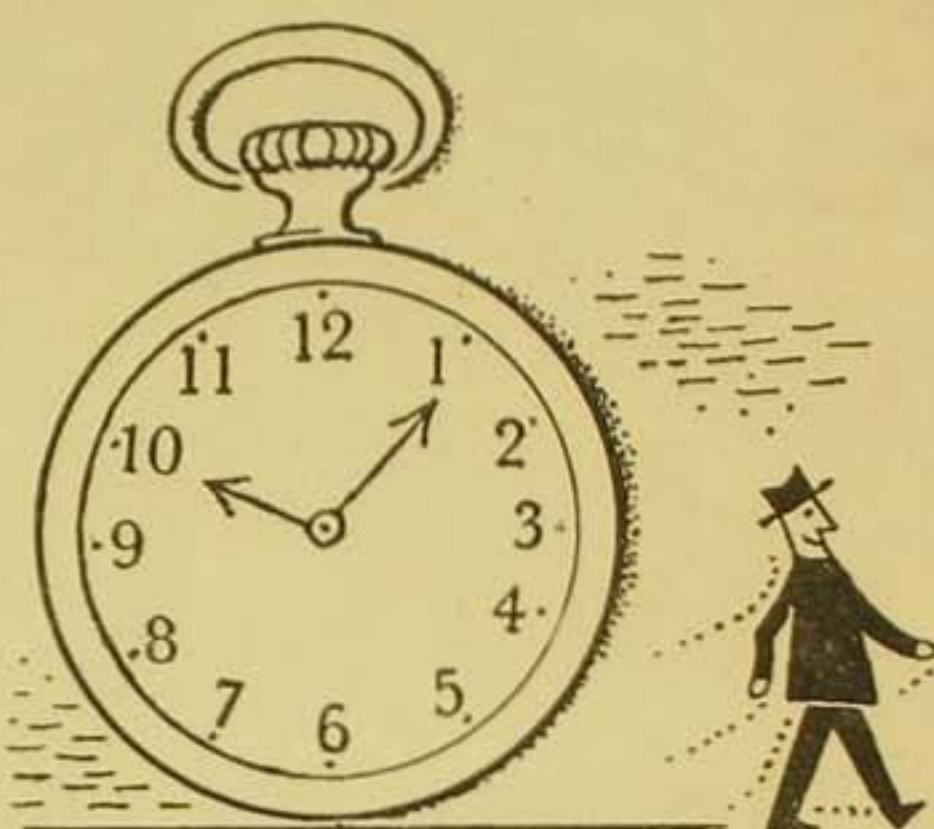
HBU

**UM MINUTO APENAS
para receber um cheque?**



sua entrada...

Quem tem uma Conta Particular no Banco Holandês Unido não acha nada demais. Isto é rotina no Banco Holandês Unido. Os cheques de correntistas de Conta Particular são apresentados *diretamente* no guichê e pagos na mesma hora!



...sua saída!

Se "tempo é dinheiro", o serviço do Banco Holandês Unido poupa muito dinheiro aos seus correntistas. Abra a sua Conta Particular quanto antes, e poupe dinheiro e tempo!

Atende ininterruptamente das 9,30 às 17 h.

BANCO HOLANDÊS UNIDO

Capital e Reservas - Matriz Holanda - Fls. 64.500.000,00

(mais de Cr\$ 1.300.000.000,00)

RIO DE JANEIRO

R. Buenos Aires, 9 a 13

SÃO PAULO

R. 15 de Novembro, 150 a 154

SANTOS

R. 15 de Novembro, 157 - 159



Como se faz um líder?

Pela confiança que inspira

Confiança é a palavra que explica a situação excepcional dos produtos Atlantic no conceito dos automobilistas.

Sempre na vanguarda no campo da lubrificação, pioneira sempre, a Atlantic foi a primeira a lançar, também no Brasil, um óleo Premium. Era a resposta a um dos problemas vitais da proteção que o automóvel exige. A resposta do pioneiro. A resposta do que marchava na frente. O Atlantic Premium Motor Oil, o óleo de melhor qualidade vendido no Brasil, mereceu logo a confiança e a preferência de todos os que realmente identificam produtos de alta classe. E a experiência de milhões de automobilistas no Brasil e no mundo o confirmou: entre outras qualidades, o Atlantic Premium Motor Oil mantém novo o motor de seu carro por mais tempo.

Os consumidores sabem: a Atlantic serve bem — servindo melhor!

ATLANTIC REFINING COMPANY OF BRAZIL

**CÔRES
BELAS E
REALMENTE
LAVÁVEIS**

TINTAS YPIRANGA

- uma tinta para cada fim!





O serviço mais atencioso no mundo inteiro

3 vôos semanais

BRASIL-EUROPA sem escalas

- SERVIÇO "DE LUXE"
- CLASSE TURISTA
- AERO-CRÉDITO



Informações nas AGÊNCIAS DE VIAGENS
ou à Av. Rio Branco, 311 - A loja
Tels.: 52-4654 e 52-4853



a CONJUNTURA em instantâneos

Os acontecimentos do Oriente imprimiram certa reação ao mercado norte-americano do café, seja no disponível, seja no de futuro, no decorrer do mês de julho último. Todavia, o não agravamento da situação militar fêz com que os fatores permanentes do mercado (isto é, o excesso definido da oferta sobre a procura possível) voltassem a influir, perdendo-se já no fim do referido mês os ganhos obtidos, com exceção, no mercadode futuros, dos contratos para setembro próximo. Por outro lado, em face da incerteza quanto aos resultados dos entendimentos entre os representantes dos países produtores — sob os auspícios do Departamento de Estado norte-americano — no que concerne à atitude dos produtores do Hemisfério Oriental (África, Ásia e Oceania), os distribuidores e torradores americanos se mantêm retraídos.

☆ * ☆

Atenuou-se, em julho, o ritmo da expansão dos empréstimos dos bancos comerciais. Esse fato deveu-se à estabilização recente das emissões de papel-moeda e à contração sofrida em julho no saldo líquido das Letras do Tesouro adquiridas pelos mesmos bancos.

☆ * ☆

Em confronto com a média dos seis primeiros meses do ano, as emissões de capital realizadas em julho pelas sociedades anônimas que operam no país evidenciaram um aumento de 6%.

☆ * ☆

Cresceu sensivelmente o número de requerimentos de falências e concordatas no Rio de Janeiro. O contrário ocorreu em São Paulo, onde se observa apreciável diminuição dessas ocorrências.

☆ * ☆

A safra algodoeira de 1959 será de 50 a 60% maior do que a precedente. As perspectivas de comercialização da safra em aprêço são otimistas, graças às medidas governamentais que elevaram as bonificações ao exportador (Instrução 157 da SUMOC). Também os produtores terão majoradas as bases atuais do financiamento oficial à produção.

☆ * ☆

Aumentaram, êste ano, as exportações de erva-mate: 40,2 mil t nos sete primeiros meses, contra 25,9 mil t em igual período de 1957.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA
Centro de Análise da Conjuntura Econômica

CONJUNTURA ECONÔMICA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redação :

AV. 13 DE MAIO, 23 - SALAS 1221/24

FONE: 52-4601

RIO DE JANEIRO (D.F.)

Fundador

RICHARD LEWINSOHN

Diretor

JOSÉ GARRIDO TORRES

Redator-Chefe

DÊNIO NOGUEIRA

Secretário

ALFREDO C. DE MEDEIROS

Publicidade

ARY DE MORAES CALDEIRA

Corpo Redatorial

ALUISIO B. PEIXOTO, EDISON CÉZAR DE CARVALHO, EDUARDO S. GOMES JÚNIOR, FREDERICO HELLER, HELIO M. ESCOBAR, HERBERT FRIEDMANN, JORGE KINGSTON, LEON ZEITEL, OSWALDO RIBEIRO FRANCO, TUPY C. PÓRTO.

• • •

Correspondentes no Exterior :

Europa — RICHARD LEWINSOHN

EE.UU. — ROBERT F. MARTIN

PREÇOS DE ASSINATURA E AVULSO

Edição em Português : Assinatura Cr\$ 360,00. — Avulso Cr\$ 30,00.

Edição Internacional : Assinatura Cr\$ 300,00. — Avulso Cr\$ 25,00

Escritório em S. Paulo

RUA QUIRINO DE ANDRADE, 193 — Conj. 71 — TELEFONE : 36-1187

S U M Á R I O

A CONJUNTURA EM INSTANTÂNEOS	1
EVOLUÇÃO DOS NEGÓCIOS	3
ÍNDICES ECONÔMICOS	25
ÍNDICE DO CUSTO DA VIDA EM PÓRTO ALEGRE	35
AGRICULTURA	
Algodão — Melhoram as perspectivas	39
Erva-Mate — Recupera-se como produto Exportável	51
COMÉRCIO	
Exportações — Indispensáveis ao Desenvolvimento Econômico .	61
SERVIÇOS PÚBLICOS	
Eletrificação na Área São Paulo-Paraná	69
A CONJUNTURA NO ESTRANGEIRO	
Novas Idéias de Defesa para as Matérias-Primas	75
O Petróleo e a Crise no Iraque .	81
NOTÍCIAS	85

AGENTES DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

REVISTA FORENSE S. A.

AVENIDA ERASMO BRAGA N.º 299 — FONE : 42-9573 — RIO DE JANEIRO



DIFICULDADES NO ACÔRDO DO CAFÉ

Dois fatos principalmente afetaram o mercado de café no decorrer de julho último: a) o agravamento da tensão no Oriente Médio, ocorrido no meio do mês, com os desembarques norte-americanos no Líbano e britânico na Jordânia, e b) a expectativa dos resultados dos trabalhos do Grupo de Estudo do Café em Washington. A preocupação com possíveis dificuldades no transporte de café dos países produtores para os centros de consumo, em consequência de eventual conflito armado, num momento em que os distribuidores e torradores estão de novo ou ainda trabalhando com estoques mínimos, imprimiu certo grau de firmeza ao mercado, seja no disponível, seja no de futuros da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York, notadamente nas posições a serem liquidadas em prazo mais curto.

Mas no fim do mês, na ausência de complicações mais graves no campo militar, os fatores permanentes do mercado, isto é, excesso definido da oferta sobre a procura possível, fizeram sentir o seu peso, perdendo-se os ganhos obtidos, com exceção, no mercado de futuros, dos contratos para setembro próximo, be-

neficiados pela situação técnica existente até agora.

O QUADRO a seguir, no qual estão reproduzidos, em relação aos contratos B (Brasil) e M (Milds), as cotações do fechamento do mercado a termo da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York, nas datas e para os meses de negócios indicados, mostra esta maneira de evoluir do mercado.

BOLSA DE CAFÉ E AÇÚCAR DE N. YORK

Cotações do fechamento em centavos
de dólar por libra-pêso

MESES DE NEGÓCIO

Julho de 1958 Set. Dez. Mar. Maio

Contrato B

14	45,00	42,00	41,44	40,40
15	45,55	43,45*	41,78	40,78*
21	45,54	43,30	41,80*	40,65
31	46,40	42,75	41,05	40,00

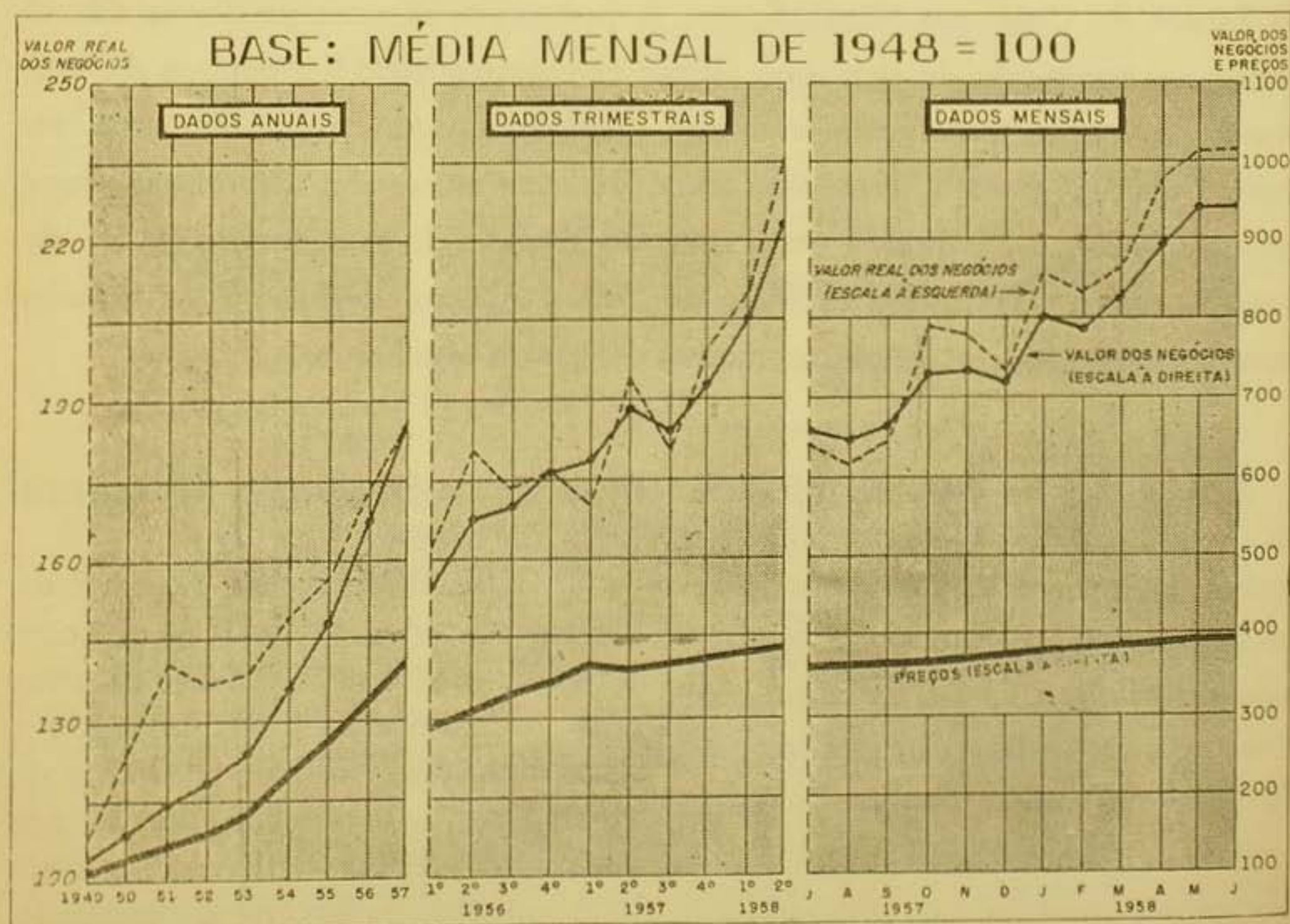
Contrato M

14	49,35	46,35	45,16	43,75
21	50,73	46,65*	45,45	44,15*
30	50,95	45,93	44,40	43,35
31	50,85	45,92	44,35	43,30

(*) Cotação do fechamento mais alta do período.

A expectativa do desfecho das negociações ora em curso em Washington, entre os representantes dos países produtores de café, sob os auspícios do Departamento de Estado, foi outro fator importante do mercado. Na incerteza quanto aos resultados desses entendimentos, especialmente no que concerne à atitude dos produtores do Hemisfério Oriental (África, Ásia e Oceania), os distribuidores e torradores se mantêm retraídos, prosseguindo em sua política de compras mui restritas, apenas para reposição. Apresentando-se os suprimentos existentes tão abundantes, não prevêem qualquer possibilidade de alta dos preços, mesmo se se realizar o acordo internacional visado

EVOLUÇÃO DA CONJUNTURA ECONÔMICA



pelos países produtores. Temem, no entanto, queda substancial do atual nível de preços no caso de não se chegar a entendimento de âmbito mundial para a regularização da oferta, dada a existência, nos países produtores, de disponibilidades estimadas em mais de 60 milhões de sacas de 60 quilos, distribuídas da seguinte forma:

Produção exportável da safra 1958/59, segundo a estimativa do Serviço de Agricultura Estrangeira do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos	50.000.000
Existência no Brasil em 30/6/1958, segundo o Comunicado 58/56, do Instituto Brasileiro do Café	10.453.000
Saldo dos cafés da safra 1954/55, adquiridos pela Comissão do Financiamento da Produção	3.500.000
Total	63.953.000

ao qual se deve somar quantidades não conhecidas precisamente, em poder da Federación Nacional de Cafecultores da Colômbia, estimada em 1.600.000 sacas.

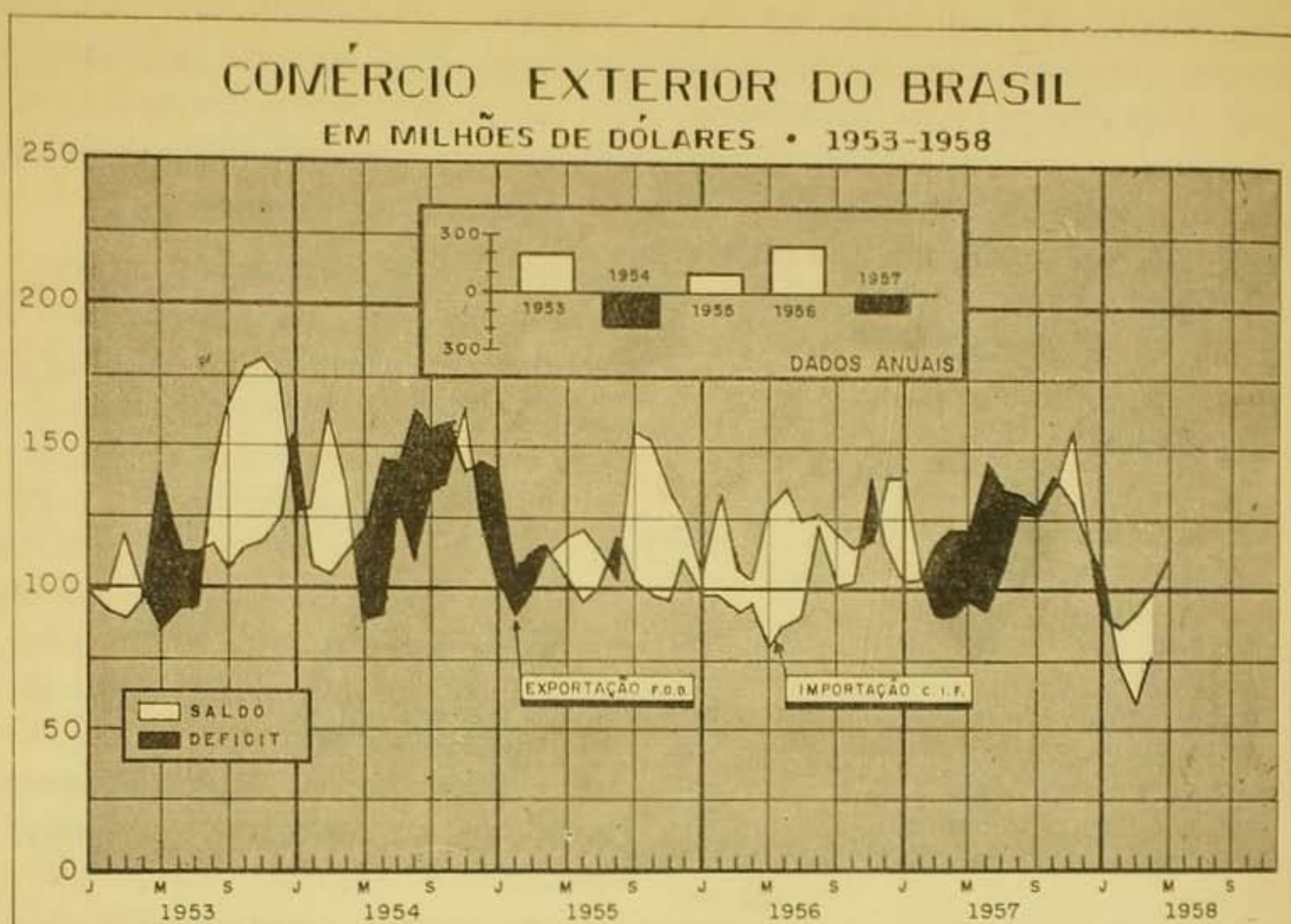
Contrastando com essas disponibilidades, as importações mundiais não deverão exceder, nas presentes condições, a cifra máxima por elas já atingida, a de 1956, num total de 37.200.000 sacas.

A propósito da participação no acordo internacional para a regularização da oferta dos produtores do

Hemisfério Oriental, julgamos interessante reproduzir aqui os comentários da importante e acreditada firma de Londres, Edmund Schluter & Co. Ltd.

"Afigura-se improvável que os países produtores de café da África venham a participar de um acordo internacional de cotas de exportação. Com a possível exceção de Angola, Congo Belga e Quênia, onde a maioria das plantações é de propriedade de fazendeiros europeus, capazes de compreenderem as razões da disciplina dos controles, os territórios restantes, compreendendo a África Ocidental Francesa, a África Oriental Britânica, os Cameruns, a Etiópia, Madagacar, Uganda, Tanganica e Ruanda Urundi, exportam café cultivado quase inteiramente por africanos — muitas centenas de milhares deles, cada um auferindo renda insignificante de suas poucas árvores. Se Washington, ou os países latino-americanos, enviassem missão ou comitê de investigação à África, que lá seria muito bemvinda, compreenderiam, talvez, melhor as razões pelas quais não é praticável a participação africana nos arranjos de cotas. Se esses acordos são desejáveis ou não é questão à parte: simplesmente não são praticáveis. A África está satisfeita com os preços atuais, mas os apreciaria ainda mais baixos, desde que as colheitas fôsem integralmente vendidas.

Também os comerciantes de café, que encaram a indústria como um todo e se preocupam mais com sua



saúde permanente do que com maiores lucros imediatos, acreditam na redução dos preços como o único corretivo eficaz para aumentar o consumo".

Refletindo a política de estoques mínimos dos distribuidores e torradoures e a possibilidade que desfrutam de adquirir o necessário ao seu movimento em muitas fontes de produção, as exportações brasileiras para o exterior em julho último foram apenas de 868.810 sacas de 60 quilos, das quais 371.008 para os Estados Unidos.

Em julho e nos primeiros sete meses do ano, nossas remessas para o exterior, em sacas de 60 quilos, fo-

ram as seguintes nos últimos cinco anos:

Anos	Julho	Janeiro/Julho
1954	625.959	5.938.542
1955	953.549	6.144.298
1956	1.275.373	9.743.061
1957	976.614	7.543.441
1958	868.810	6.668.995

O Serviço de Agricultura Estrangeira do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos prevê leve aumento do consumo naquele país.

O consumo civil **per capita** de café na base do equivalente a café verde é estimado, para 1958, em 15,7 libras-pêso, tendo sido em 1957 de 15,6 libras. Por conseguinte, registrando-se nos Estados Unidos contínuo aumen-

to da população, pode-se esperar incremento nas necessidades da importação. Existe também a expectativa de que as importações na Europa continuem a crescer, principalmente na Alemanha Ocidental.

Atenua-se a expansão do crédito dos bancos comerciais

Em julho, segundo a apuração estatística elaborada com base nos balancetes de cerca de 45 dos maiores bancos comerciais, o saldo global dos empréstimos dos bancos privados ter-se-ia elevado de, aproximadamente, 1,8 bilhão de cruzeiros, ou seja, de quase 1% (ver QUADRO II, correspondente à evolução desses empréstimos no período de janeiro a julho dos últimos 3 anos).

Duas foram as causas fundamentais para que o nível dos em-

préstimos concedidos em julho pelos bancos comerciais evidenciasse contenção no seu ritmo de expansão observado desde janeiro: a) a estabilização experimentada recentemente pelas emissões de papel-moeda, que nos 6 primeiros meses do ano havia acusado um aumento líquido de cerca de 7 bilhões de cruzeiros; b) a contração sofrida no mês pelo saldo líquido das Letras do Tesouro (títulos de dívida a curto prazo, emitidos pelo governo federal), adquiridas pelos ban-

I - VARIAÇÃO DO SALDO DOS EMPRÉSTIMOS DOS BANCOS PARTICULARES (1)
(Em milhões de cruzeiros)

MESES	1 9 5 6		1 9 5 7		1 9 5 8	
	Absoluta	%	Absoluta	%	Absoluta	%
Janeiro.....	+ 2 400	+ 1,8	+ 84	+ 0,1	+ 3 648	+ 2,1
Fevereiro.....	+ 2 374	+ 2,1	+ 1 731	+ 1,3	+ 1 960	+ 1,1
Março.....	+ 3 158	+ 2,7	+ 2 528	+ 1,9	+ 4 304	+ 2,5
Abril.....	+ 2 920	+ 2,5	+ 2 020	+ 1,5	+ 6 072	+ 3,4
Maio.....	+ 2 235	+ 1,8	+ 2 179	+ 1,6	+ 3 361	+ 1,8
Junho.....	+ 2 151	+ 1,7	+ 3 277	+ 2,3	+ 4 722 ⁽²⁾	+ 2,5
Julho.....	+ 1 137	+ 0,9	+ 2 587	+ 1,8	+ 1 800 ⁽²⁾	+ 0,9
JAN./JULHO....	+ 16 375	+ 14,8	+ 14 406	+ 10,7	+ 25 867	+ 15,5

(1) Exclusive Letras do Tesouro.
(2) Estimativa.

II - MOVIMENTOS DE ALGUMAS CONTAS DOS BANCOS PARTICULARES
(Saldo em milhões de cruzeiros)

ITENS	SALDO NO FIM DO PERÍODO			VARIAÇÃO (±)					
	Dezembro		Julho (1) 1958	Média mensal			Julho		
	1956	1957		1957		1958	1957	1958	
				Jan/jun	Jul/dez	Jan/jun			
Gaixa.....	33 224	54 904	51 800	- 116	+ 3 730	- 684	+ 323	+ 1 000	
Empréstimos (2) ..	134 420	168 424	201 800	+ 2 501	+ 3 166	+ 5 596	+ 2 600	- 200	
Letras do Tesouro	365	1 490	10 500	+ 531	- 344	+ 1 585	+ 13	- 2 000	
Depósitos.....	147 713	200 372	229 400	+ 2 424	+ 6 353	+ 4 821	+ 1 451	+ 100	
a Vista.....	126 641	176 047	201 500	+ 2 318	+ 5 916	+ 4 226	+ 1 202	+ 100	
a Prazo.....	21 072	24 325	27 900	+ 106	+ 437	+ 595	+ 249	-	

(1) Estimativa com base numa amostra de 45 bancos, cujo movimento perfaz cerca de 75% do movimento global dos bancos particulares.

(2) Inclusive Letras do Tesouro.

Fonte: S.E.E.F. do Ministério da Fazenda.

cos comerciais, cujo total baixou de aproximadamente 2 bilhões de cruzeiros.

Com o incremento assinalado em julho, o montante do saldo dos empréstimos desses bancos, incluindo a parcela correspondente às aquisições que fizeram de Letras do Tesouro, atingiu cerca de 201,8 bilhões de cruzeiros. Em relação ao nível de 31 de dezembro de 1957, o de fins de julho último, estava acrescido de aproximadamente 33,4 bilhões de cruzeiros, isto é, de 20%. Excluída dessa expansão a parcela correspondente às aplicações efetuadas em decorrência da compra de Letras do Tesouro, cujo saldo líquido no fim de julho importava em cerca de 10,5 bilhões, a quota proveniente do aumento do saldo dos empréstimos concedidos às atividades econômicas se reduz a, aproximadamente, 24,4

bilhões de cruzeiros, ou seja, a 15%.

No ano passado, embora o incremento do saldo global dos empréstimos dos bancos comerciais atingisse em julho cerca de 2 600 milhões de cruzeiros, o seu crescimento nos 7 primeiros meses de 1957 foi mais moderado, pois alcançou 17,6 bilhões de cruzeiros, ou seja, 13%. Dessa expansão eliminadas, igualmente, as aplicações feitas pelos bancos em Letras do Tesouro, a parte dos empréstimos às atividades econômicas se reduziu a 14,4 bilhões, ou a 10,7%.

A expansão acusada pelo crédito que os bancos comerciais concederam de janeiro a julho do corrente ano só encontra paralelo na observada em igual período de 1956, quando bateu todos os recordes até então.

Concorreram para o incremen-

to de tais empréstimos feitos pelos bancos em exame: o aumento dos saldos dos respectivos depósitos, bem como recursos adicionais correspondentes à assistência financeira que receberam das Autoridades Monetárias em forma de redescontos, no total, de 2 bilhões de

cruzeiros. Se a essa cifra se adicionarem os 29 bilhões de cruzeiros correspondentes aos aumentos dos depósitos e os 3 bilhões relativos ao crescimento de sua caixa, chega-se à cifra de 34 bilhões de capacidade adicional de crédito dos bancos privados do país.

Ainda em elevação os ágios cambiais

No corrente ano, a ascensão rápida e ininterrupta dos ágios cambiais nos leilões normais de divisas efetuados pelas Bôlsas de Valores do país alcançou nível recorde. Em abril, a média do preço pago pela licitação das principais moedas em Bôlsa acusava um incremento de cerca de 100% sobre a de dezembro de 1957. Tal elevação não guardou praticamente qualquer relação com o decréscimo de cerca de 20% experimentado, a partir de janeiro, pelo montante das respectivas ofertas, principalmente as do dólar americano e as do dólar de conversibilidade limitada.

Após aquela majoração, os ágios cambiais passaram a assinalar, em maio e junho, tendência para baixa, embora com moderação. Todavia, essa inflexão pouco durou, porquanto já em julho, se registraram novos aumentos, sendo que, para algumas moedas, os ágios ultrapassaram o recorde de abril.

Na Bôlsa do Rio de Janeiro, ainda que a oferta semanal dos leilões normais, correspondente ao

dólar americano e ao dólar de conversibilidade limitada, fôsse mantida, em julho, ao mesmo nível dos últimos meses (1 050 milhares para a moeda americana e 827 milhares para a de conversibilidade limitada), os respectivos ágios ponderados acusaram no período aumentos de 6,28 cruzeiros (5%) e 17,27 cruzeiros (13%).

Quanto aos ágios do dólar-convênio e das demais moedas inconversíveis, verificaram-se na mencionada Bôlsa incrementos médios de aproximadamente 5%. Em relação às ofertas dessas moedas, seu nível global acusou pequeno acréscimo. Todavia, como ocorre nos últimos tempos, grande foi a margem de sobras dessas divisas. Da oferta global de dólar-convênio na Bôlsa do Rio de Janeiro, somente foram licitados, em julho, 3 370 milhares, ou seja, 32%. Nos meses anteriores esta tem sido, grosso modo, a taxa de aproveitamento daquele tipo de moeda. No que se refere às demais moedas inconversíveis, a quota licitada em julho, na Bôlsa do Rio, correspondeu a

III - LEILÃO DE CÂMBIO - MAIO A JULHO DE 1958
 COTAÇÃO MÉDIA DO DÓLAR CONVÊNIO LICITADO NA BÔLSA DO RIO DE JANEIRO (1)
 (Em cruzeiros)

PAÍSES	MESES	CATEGORIAS		MÉDIA PONDERADA
		Geral	Especial	
Argentina.....	Maio.....	111,39	233,82	116,96
	Junho.....	117,02	-	117,02
	Julho.....	120,22	250,82	120,55
Bolívia.....	Maio.....	-	-	-
	Junho.....	-	-	-
	Julho.....	-	-	-
Chile.....	Maio.....	112,11	233,82	113,92
	Junho.....	116,49	250,82	118,79
	Julho.....	120,78	268,65	125,35
Espanha.....	Maio.....	111,42	242,03	117,53
	Junho.....	114,95	247,18	125,89
	Julho.....	119,33	264,03	139,76
Finlândia.....	Maio.....	110,37	-	110,37
	Junho.....	114,82	-	114,82
	Julho.....	120,91	-	120,91
Hungria.....	Maio.....	111,20	-	111,20
	Junho.....	116,45	-	116,45
	Julho.....	122,21	-	122,21
Israel.....	Maio.....	108,82	-	108,82
	Junho.....	118,82	-	118,82
	Julho.....	-	-	-
Iugoslávia.....	Maio.....	-	-	-
	Junho.....	156,82	-	156,82
	Julho.....	157,65	-	157,65
Japão.....	Maio.....	118,28	233,82	119,48
	Junho.....	118,07	248,42	120,53
	Julho.....	122,54	258,49	122,91
Noruega.....	Maio.....	110,78	-	110,78
	Junho.....	114,99	-	114,99
	Julho.....	120,36	-	120,36
Polônia.....	Maio.....	109,73	233,82	111,91
	Junho.....	115,82	246,82	116,44
	Julho.....	120,03	266,82	120,50
Tchecoslováquia.....	Maio.....	110,42	233,82	110,92
	Junho.....	115,33	247,82	117,60
	Julho.....	120,43	261,49	121,68
Uruguai.....	Maio.....	114,82	-	114,82
	Junho.....	114,82	-	114,82
	Julho.....	121,40	-	121,40

(1) Inclusive a taxa do mercado oficial.

IV - MOVIMENTO DOS LEILÕES CAMBIAIS NA BÔLSA DO RIO DE JANEIRO
- MAIO A JULHO DE 1958
(Em milhares de dólares)

DISCRIMINAÇÃO	CATE- GORIAS	MAIO		JUNHO		JULHO	
		OFE- RECIDO	LICITADO	OFE- RECIDO	LICITADO	OFE- RECIDO	LICITADO
Dólar Americano..	Geral... Especial	4 120 80	4 120 80	4 120 80	4 120 80	5 150 100	5 150 100
Dólar A.C.L.	Geral... Especial	3 212 96	3 212 96	4 015 120	4 015 120	3 212 96	3 212 96
Argentina.....	Geral... Especial	892 44	231 11	892 44	142 -	1 115 55	393 1
Bolívia.....	Geral... Especial	352 8	- -	352 8	- -	440 10	- -
Chile.....	Geral... Especial	464 16	113 2	580 20	230 4	464 16	188 6
Espanha.....	Geral... Especial	1 255 65	367 18	1 004 52	244 22	1 004 52	292 48
Finlândia.....	Geral... Especial	928 24	332 -	928 24	171 -	1 160 30	215 -
Hungria.....	Geral... Especial	352 8	73 -	440 10	115 -	352 8	98 -
Israel.....	Geral... Especial	116 4	2 -	116 4	1 -	145 5	- -
Iugoslávia.....	Geral... Especial	735 15	- -	588 12	4 -	588 12	77 -
Japão.....	Geral... Especial	1 397 65	767 8	1 116 52	1 041 20	1 124 52	1 083 3
Noruega.....	Geral... Especial	1 160 30	317 -	928 24	145 -	928 24	285 -
Polônia.....	Geral... Especial	696 16	223 4	696 16	209 1	870 20	306 1
Rep.Pop. Rumânia.	Geral... Especial	- -	- -	- -	- -	176 4	- -
Tchecoslováquia..	Geral... Especial	804 36	300 1	804 36	229 4	1 005 45	335 3
Turquia.....	Geral... Especial	435 15	- -	348 12	- -	348 12	- -
Uruguai.....	Geral... Especial	456 12	3 -	555 15	9 -	444 12	36 -
Coroa Dinamarquesa	Geral... Especial	1 085 25	419 1	1 085 25	419 -	1 328 30	512 1
Coroa Sueca.....	Geral... Especial	1 242 27	834 7	1 242 27	986 3	1 465 33	1 355 4

Fonte: Câmara Sindical da Bôlsa de Valores do Rio de Janeiro.

V - OFERTA DE DIVISAS NA BÓLSA DE VALORES DO RIO DE JANEIRO
AGOSTO DE 1957 A JULHO DE 1958
(Em milhares de unidades monetárias)

MOEDAS	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.
Dólar Americano.....	2 602	2 760	6 450	5 157	5 156	4 165	3 162	4 216	4 200	4 200	4 200	5 250
Dólar A.C.L. (1).....	2 122	2 214	5 250	4 200	4 200	3 360	2 520	3 360	3 308	3 308	4 135	3 308
Dólar Argentino.....	399	144	720	576	432	720	432	576	846	936	936	1 170
Dólar Boliviano.....	200	60	450	360	360	360	270	360	360	360	360	450
Dólar Chileno.....	154	77	385	291	240	240	180	240	420	480	600	480
Dólar Espanhol.....	630	234	1 170	966	792	1 320	792	1 506	792	1 320	1 056	1 056
Dólar Finlandês.....	450	148	740	622	534	890	534	712	892	952	952	1 190
Dólar Húngaro.....	188	60	300	240	240	240	180	240	330	360	450	360
Dólar Israelita.....	60	30	150	120	120	120	90	120	120	120	120	150
Dólar Iugoslavo.....	-	-	-	-	-	-	-	-	390	750	600	600
Dólar Japonês.....	687	234	1 170	966	792	1 320	792	1 056	852	1 462	1 168	1 176
Dólar Norueguês.....	450	148	740	592	444	950	624	832	684	1 190	952	952
Dólar Polones.....	240	118	590	502	592	592	444	592	682	712	712	890
Dólar Português.....	-	-	360	180	-	-	-	-	-	-	-	-
Dólar Rumeno.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	180
Dólar Tchecoslovaco..	459	150	740	630	540	900	540	720	810	840	840	1 050
Dólar Turco.....	270	90	450	360	270	450	270	360	270	450	360	360
Dólar Uruguaio.....	120	84	420	336	336	336	252	336	444	468	570	456
SUBTOTAL EM DÓLAR CONVÊNIO.....	4 237	1 577	8 385	6 741	5 692	8 438	5 400	7 200	7 802	10 400	9 676	10 520
Coroa Dinamarquesa...	5 040	1 666	8 330	6 664	730	1 217	4 998	6 664	7 294	7 504	7 504	9 380
Coroa Sueca.....	3 615	1 185	5 980	4 820	760	1 422	4 480	5 960	6 410	6 560	6 560	7 750
Libra Islandesa.....	30	30	30	30	84	168	-	-	-	-	-	-
SUBTOTAL DAS DEMAIS MOEDAS (expresso em US\$).....	1 519	557	2 458	1 990	1 574	2 807	1 597	2 139	2 319	2 379	2 379	2 856
TOTAL GERAL (expresso em US\$).....	10 480	7 108	22 543	18 088	16 622	18 770	12 679	16 915	17 629	20 287	20 390	21 934

(1) Em virtude do acordo firmado com a Alemanha, Austria, França, Holanda, Inglaterra, União Belgo-Luxemburguesa e Itália, as respectivas moedas foram substituídas pelo dólar de área de conversibilidade limitada (US\$ A.C.L.).
Fonte: Câmara Sindical da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

VI - LEILÃO DE CÂMBIO - MAIO A JULHO DE 1958
COTAÇÃO MÉDIA DAS MOEDAS LICITADAS NA BÓLSA DO RIO DE JANEIRO (1)
(Cr\$/moeda estrangeira)

MOEDAS	MESES	CATEGORIAS		MÉDIA PONDERADA
		Geral	Especial	
Dólar Americano..... (Cr\$ 18,82)	Maio.....	149,98	319,45	153,21
	Junho.....	150,20	300,84	153,07
	Julho.....	156,14	325,05	159,35
Dólar A.C.L..... (Cr\$ 18,82)	Maio.....	150,89	270,74	154,35
	Junho.....	153,59	277,75	150,20
	Julho.....	163,66	294,81	167,47
Dólar Convênio..... (Cr\$ 18,82)	Maio.....	112,92	237,18	114,88
	Junho.....	116,72	248,00	119,30
	Julho.....	121,94	264,13	124,51
Coroa Dinamarquesa..... (Cr\$ 2,74)	Maio.....	16,91	33,87	16,95
	Junho.....	16,69	-	16,69
	Julho.....	17,48	36,33	17,52
Coroa Sueca..... (Cr\$ 3,64)	Maio.....	22,79	45,68	22,97
	Junho.....	22,41	48,23	22,49
	Julho.....	23,66	49,85	23,74

(1) Inclusive a taxa do mercado oficial.

Fonte dos dados originais: Câmara Sindical da Bólsa de Valores do Rio de Janeiro.

cêrca de dois terços da respectiva oferta global, mantendo nesse particular quase a mesma margem evidenciada nos 6 primeiros meses do ano.

A julgar pelos primeiros leilões realizados em agosto, nos quais os ágios registrados foram superiores aos do mês precedente, é de se admitir que a tendência altista observada em julho continue a perdurar. Por outro lado, o robu-

tecimento das medidas de contenção de crédito, as limitações de gastos do governo e conseqüente paralisação das emissões de papel-moeda, cujos primeiros efeitos já se fizeram sentir em agosto, bem como a evolução mais favorável da conjuntura cambial, poderão influir decisivamente no sentido de evitar que o nível médio dos ágios suba ainda mais em futuro próximo.

Se V.S.^a deseja iniciar ou renovar sua assinatura desta Revista, basta telefonar para 42-9573 — LIVRARIA FORENSE (no Rio), ou para o nosso Agente local.



O elemento humano constitui fator decisivo para a eficiência de qualquer organização.

Selecionar o pessoal, pesquisar-lhe os pendores profissionais e orientá-lo devidamente são alguns dos importantes problemas de natureza técnica impostos à moderna empresa.

Para a solução desses problemas, procure o

INSTITUTO DE SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

mantido pela

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

(horário : de 9 às 18 horas)

RUA DA CANDELARIA, 6, 2.º andar — Telefone 43-5144 — RIO DE JANEIRO

VII - COTAÇÃO MÉDIA PONDERADA DAS MOEDAS LICITADAS
NA BÓLSA DE VALORES DO RIO DE JANEIRO (1)
(Cr\$/Dólar)

MESES	DÓLAR AMERICANO	DÓLAR A.C.L.	DÓLAR CONVÊNIO	TARIFA ADUANEIRA MÉDIA
<u>1957:</u>				
Janeiro.....	83,97	78,14	61,36	4%
Fevereiro.....	86,26	82,67	76,67	"
Março.....	84,92	85,63	76,30	"
Abril.....	85,72	85,54	77,25	"
Maio.....	84,43	84,47	79,73	"
Junho.....	84,02	83,46	84,16	"
Julho.....	88,54	88,28	75,21	"
Agosto.....	108,39	101,21	80,18	"
Setembro.....	90,22	88,42	81,32	Ad-valorem
Outubro.....	85,37	84,92	84,38	"
Novembro.....	83,44	81,28	70,37	"
Dezembro.....	91,15	87,37	73,46	"
<u>1958:</u>				
Janeiro.....	115,38	103,32	84,71	"
Fevereiro.....	133,94	120,09	104,83	"
Março.....	140,53	137,23	113,78	"
Abril.....	161,53	157,89	134,22	"
Maio.....	153,21	154,35	114,88	"
Junho.....	153,07	150,20	119,30	"
Julho.....	159,35	167,47	124,51	"

(1) Inclusive a taxa oficial.

Satisfatórias as emissões de capital

Embora, em julho, as emissões correspondentes aos aumentos de capital e às fundações de empresas representadas por sociedades anônimas nacionais se houvessem situado em nível inferior ao de junho, o seu montante pode ser considerado satisfatório. Em confronto com as operações efetuadas em igual mês de 1957, as de julho último assinalam um incremento nominal de 279 milhões de cruzeiros,

ou seja, de 9%. Em comparação com a média que vigorou nos seis primeiros meses do ano, as emissões de julho último se colocaram cerca de 6% acima, alcançando 3.490 milhões de cruzeiros.

Com as operações de julho, o total emitido nos sete primeiros meses do ano atingiu 23,3 bilhões de cruzeiros, enquanto em igual período de 1957 montava a 38,3 bilhões, isto é, 64% mais. Todavia,

no ano passado figuraram no período em questão algumas operações extraordinárias decorrentes de lei especial (Lei n.º 2 862, de setembro de 1956). Com a exclusão das emissões resultantes do mencionado dispositivo legal, o total correspondente ao período de janeiro a julho de 1957 se reduz a aproximadamente 27 bilhões de cruzeiros, mas, ainda assim, a parcela emitida na mesma época do ano em curso é inferior àquela em 14%.

No mês de julho, 176 sociedades anônimas elevaram os seus capitais de 2,6 bilhões de cruzeiros, ao passo que 78 outras eram fundadas com o capital global de 0,9 bilhão.

Das emissões desse mês e ati-

nentes a aumentos de capital, 81,7% decorreram de subscrição em dinheiro; 13,5% da incorporação de reservas ou de créditos de acionistas mantidos em contas correntes; 4,7% da incorporação de bens ou fusão de outras empresas, enquanto a parcela restante de 0,1% correspondia às reavaliações de ativo imobilizado.

Permanecendo a tendência que persiste desde algum tempo, não se registraram em julho operações de emissões de títulos de empréstimos a prazo médio ou longo, através das "debêntures".

Em julho, 57 empresas se transformaram em sociedades anônimas, com um capital global de aproximadamente 400 milhões de cruzeiros.

VIII — EMISSÕES DE CAPITAL — JULHO DE 1958
(Em milhões de cruzeiros)

UNIDADES FEDERADAS	TOTAL GERAL	NOVAS SOCIE DADES	AUMENTO DE CAPITAL REALIZADO POR:					
			Total	Subscri ção em dinheiro	Incorp. de re- servas	Incorp. de C/C	Reavali ação de ativo	Incorp. de bgns e fusões
Bahia.....	12,4	5,0	7,4	5,8	1,6	-	-	-
Ceará.....	34,0	18,0	16,0	16,0	-	-	-	-
Distrito Federal	859,7	216,7	643,0	600,9	0,5	38,6	-	3,0
Goiás.....	0,1	0,1	-	-	-	-	-	-
Minas Gerais....	195,4	20,9	174,5	174,5	-	-	-	-
Paraná.....	105,0	39,5	65,5	63,5	-	2,0	-	-
Pernambuco.....	6,0	6,0	-	-	-	-	-	-
Rio de Janeiro..	45,5	3,5	42,0	40,0	-	2,0	-	-
R. G. do Sul....	193,1	7,4	185,7	154,1	11,6	1,0	-	19,0
Santa Catarina..	3,7	0,2	3,5	2,0	-	-	-	1,5
São Paulo.....	2 028,1	560,3	1 467,8	1 062,5	108,1	187,3	4,1	98,8
Sergipe.....	7,0	-	7,0	7,0	-	-	-	-
T O T A L	3 490,0	877,6	2 612,4	2 133,3	121,8	230,9	4,1	122,3

Fonte: Diários Oficiais

IX - EMISSÕES DE CAPITAL - JULHO DE 1958
(Em milhões de cruzeiros)

UNIDADES FEDERADAS	R A M O S D E A T I V I D A D E S											
	BANCOS E SEGUROS		COMÉRCIO		IMOBILIÁRIA		INDUSTRIAL		SERVIÇOS PÚBLICOS		DIVERSOS	
	Novas emprê- sas	Aumen- to de capi- tal	Novas emprê- sas	Aumen- to de capi- tal	Novas emprê- sas	Aumen- to de capi- tal	Novas emprê- sas	Aumen- to de capi- tal	Novas emprê- sas	Aumen- to de capi- tal	Novas emprê- sas	Aumen- to de capi- tal
Bahia.....	-	-	5,0	-	-	-	-	-	-	-	-	7,4
Ceará.....	-	-	-	6,0	-	10,0	4,0	-	10,0	-	4,0	-
Distrito Federal.	1,0	30,0	101,0	131,7	-	30,8	38,0	353,0	-	10,0	76,7	87,5
Goiás.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1	-
Minas Gerais.....	-	15,0	-	-	0,7	-	2,0	145,5	6,2	2,3	12,0	11,7
Paraná.....	20,0	-	19,5	3,5	-	-	-	6,0	-	-	-	56,0
Pernambuco.....	-	-	5,0	-	-	-	-	-	1,0	-	-	-
Rio de Janeiro...	-	-	2,0	-	-	-	1,5	32,0	-	2,0	-	8,0
R.G. do Sul.....	-	50,0	4,0	117,0	-	-	1,0	15,7	-	-	2,4	3,0
Santa Catarina...	-	-	0,2	2,0	-	-	-	1,5	-	-	-	-
São Paulo.....	-	242,0	133,0	311,1	269,0	21,6	105,7	618,9	6,4	89,2	46,2	185,0
Sergipe.....	-	-	-	-	-	-	-	7,0	-	-	-	-
T O T A L	21,0	337,0	269,7	571,3	269,7	62,4	152,2	1 179,6	23,6	103,5	141,4	358,6

Fonte: Diários Oficiais.

Permanece intenso o movimento imobiliário

Continuaram bem animadas as transações durante o último mês do 1.º semestre, pois foram negociados 693 prédios, terrenos e apartamentos, no valor de Cr\$ 468 milhões, contra a média mensal de 826 imóveis, por Cr\$ 452 milhões, nos 5 meses iniciais do ano.

CARACTERÍSTICAS DO PRIMEIRO SEMESTRE

Confrontando-se os resultados definitivos da primeira metade do ano com igual período de 1957 (ver QUADRO X), observa-se notável aumento da área vendida em

1958 (prédios e terrenos), bem como o excesso de um bilhão de cruzeiros de capital empregado em apartamentos.

CRESCENTE PROCURA: PRÉDIOS COM AMPLOS TERRENOS

Os 1 479 prédios prometidos durante o 1.º semestre medem globalmente 1,2 milhão de m², do que resulta uma extensão média, por unidade, de 829 m², contra 653 m² em igual época do ano anterior (+ 37%).

Em relação ao conjunto de todos os terrenos negociados, obser-

X - PROMESSAS DE COMPRA E VENDA DE IMÓVEIS NO DISTRITO FEDERAL - JUNHO DE 1958

Z O N A	PRÉDIOS			TERRENOS			APARTAMENTOS	
	Nº	Área (Mil m ²)	Valor (Milhoes de Cr\$)	Nº	Área (Mil m ²)	Valor (Milhoes de Cr\$)	Nº	Valor (Milhoes de Cr\$)
Subúrbios.....	156	226,2	93,6	203	2 078,3	32,9	23	11,8
Norte.....	89	18,4	38,5	14	6,0	3,3	70	32,4
Centro.....	1	0,1	0,3	-	-	-	87	44,8
Sul.....	27	10,0	36,8	3	1,2	4,6	262	164,0
Ilhas.....	7	2,7	3,2	20	10,6	1,8	1	0,4
T O T A L	280	257,4	172,4	240	2 096,2	42,6	443	253,4
ATÉ JUNHO:								
1958.....	1 479	1 225,4	900,9	483	4 743,6	112,1	3 131	1 716,6
1957.....	1 165	761,2	575,1	476	942,5	88,9	1 467	712,0

Fonte: Cartórios.

vou-se crescimento ainda mais intenso: 9 821 m² por unidade, contra 1 980 m². Desprezando-se, porém, as áreas a lotear, cujo movimento de compra e venda é muito irregular, nota-se um declínio, que carece, todavia, de maior significação (482 m² no 1.º semestre de

1958, contra 539 m² no 1.º de 1957).

Esse fenômeno explica-se com a crescente procura de apartamentos, em sua maioria não localizados nos subúrbios, de forma que os prédios nos bairros desta zona se tornam mais atrativos, à medida que contam com frente e fundos apreciáveis. Únicamente em virtude das importantes, mas pouco numerosas, transações em 1958 com áreas a lotear posteriormente, é que a extensão média de terrenos acusou a modificação assinalada.

DUPLICA A QUANTIDADE DE APARTAMENTOS VENDIDOS

Durante os 6 meses iniciais do ano foram negociados 3 131 apartamentos, contra apenas 1 467 até junho de 1957. Segundo revela o resumo seguinte, o movimento

XI - NOVOS EMPRÉSTIMOS HIPOTECÁRIOS REALIZADOS NO DISTRITO FEDERAL EM JUNHO DE 1958

PRAZO (a nos)	Nº	VALOR (Mi- lhoes de Cr\$)	MÉDIA	
			Pra zo (anos)	Juros (%)
Até 5.....	27	12,1	2,3	10,5
6 a 15....	69	52,6	10,8	11,8
16 ou mais	25	17,6	20,0	11,8
TOTAL.....	121	82,2	11,5	11,6
ATÉ JUNHO:				
1958.....	686	478,2	-	-
1957.....	628	567,4	-	-

Fonte: Cartórios.

quantitativo aumentou principalmente no Centro e na zona Sul (+ 239% e + 120% respectivamente):

NÚMERO DE APARTAMENTOS
NEGOCIADOS

Zona	1.º sem.	
	1958	1957
Sub. e Ilhas	235	173
Norte	559	299
Centro	417	123
Sul	1 920	872

Examinando-se a evolução dos preços, conclui-se que a estabilidade relativa da cotação de unidades situadas nos bairros da zona Sul e do Centro da cidade, que con-

trasta com a valorização ocorrida no resto do Distrito Federal (em relação a apartamentos), deve ter contribuído para incentivar os compradores a adquirirem aqueles imóveis cujo valor venal não sofreu ultimamente tão brusca alteração.

VALOR MÉDIO DE UM APARTAMENTO
E VALORIZAÇÃO

1.º semestre de 1957/58

Zona	Valor médio (mil Cr\$)		Valoriza- ção (%)
	1958	1957	
Sub e Ilhas .	429	258	66
Norte	488	417	17
Centro	578	657	— 12
Sul	574	530	8

INSOLVÊNCIAS — Agravam-se no Rio, melhoram em S. Paulo

No 2.º trimestre do ano aumentou sensivelmente o número de requerimentos de falências e concordatas no Rio de Janeiro: 97 firmas, contra apenas 50 no 1.º trimestre. Em São Paulo, ao contrário, observou-se apreciável diminuição: 303 pedidos de insolvências no 1.º trimestre, contra 215 entre abril e junho. No ano anterior, as insolvências também haviam sofrido acréscimo — embora ligeiro — no Rio de Janeiro (71 no 1.º trimestre e 79 no 2.º) e apre-

sentaram recuo, embora diminuto, em São Paulo (230 no 2.º trimestre, contra 254 no 1.º).

Para melhor julgarmos essa evolução tão diversas nas duas principais praças do país, confrontemos os resultados acima com o valor global dos títulos protestados em cada uma das referidas capitais, tendo em vista que a falência ou concordata costuma seguir-se ao protesto, após um determinado prazo.

XII - NÚMERO DE FALÊNCIAS E CONCORDATAS NO RIO DE JANEIRO E EM SÃO PAULO
- JUNHO DE 1958 -

FALÊNCIAS OU CONCORDATAS	RIO DE JANEIRO			SÃO PAULO		
	Junho 1958	Até junho 1958	Até junho 1957	Junho 1958	Até junho 1958	Até junho 1957
FALÊNCIAS:						
Requeridas.....	29	114	110	82	476	403
Decretadas.....	4	37	51	12	82	91
Denegadas.....	-	2	12	-	6	3
CONCORDATAS:						
Requeridas.....	7	33	40	6	42	81
Deferidas.....	5	27	40	11	38	63
Denegadas.....	-	-	1	1	5	3

Fonte: Cartórios.

A INFLUÊNCIA DO VULTO DE TÍTULOS PROTESTADOS

Verifica-se então que a importância de promissórias ou duplicatas não pagas decresceu em São Paulo, de Cr\$ 289 milhões nos 3 primeiros meses do ano para

Cr\$ 234 milhões no 2.º trimestre (— 19%), enquanto nos mesmos intervalos passou de Cr\$ 86 milhões para Cr\$ 95 milhões, respectivamente, no Distrito Federal (+ 10%).

Esse fato merece tanto mais destaque porque a expansão do crédito bancário se processou em escala intensa, conforme mostra o resumo seguinte, que indica a média de empréstimos (ao público) bancários vencidos (bilhões de cruzeiros):

XIII - TAXA DE PROTESTO DE TÍTULOS E
ÍNDICE DE INSOLVÊNCIA NO
RIO DE JANEIRO E EM SÃO PAULO
- JANEIRO A JUNHO DE 1958 -

PRAÇA E TÍTULOS	TAXA DE PROTESTO (por 1 000)		ÍNDICE DE INSOLVÊNCIA (1954 = 100)	
	1958	1957	1958	1957
RIO DE JANEIRO:				
Promissórias..	4,94	3,39	104	71
Duplicatas....	3,20	3,55	125	139
T o t a l	3,96	3,47	107	94
SÃO PAULO:				
Promissórias..	7,77	6,76	202	176
Duplicatas....	3,46	3,42	169	167
T o t a l	5,16	4,08	175	164

	São Paulo		Rio de Janeiro	
	1958	1957	1958	1957
1.º trim.	98,5	78,6	44,3	38,8
2.º trim.	104,4	81,4	47,2	39,8
2.º trim. / 1.º trim. (%) .	106	104	107	103

Confrontando-se os débitos a amortizar no 2.º trimestre com os

XIV - TÍTULOS PROTESTADOS NO RIO DE JANEIRO E EM SÃO PAULO EM JUNHO DE 1958

PRAÇA E PERÍODO	PROMISSÓRIAS		DUPLICATAS		TOTAL	
	Nº	Valor (Mil Cr\$)	Nº	Valor (Mil Cr\$)	Nº	Valor (Mil Cr\$)
RIO DE JANEIRO:						
Junho de 1958.....	501	17 302	1 300	22 126	1 801	39 428
Até junho de 1958...	3 344	98 775	6 952	82 375	10 296	181 150
Até junho de 1957...	2 450	63 189	6 803	73 258	9 253	136 447
SÃO PAULO:						
Junho de 1958.....	2 303	49 271	3 505	30 654	5 808	79 925
Até junho de 1958...	14 801	309 788	20 258	213 284	35 059	523 072
Até junho de 1957...	12 073	223 276	16 807	160 604	28 880	383 880

Fonte: Cartórios.

correspondentes valores no período precedente, seja na capital bandeirante, seja no Distrito Federal, nota-se que o incremento dos compromissos foi relativamente mais intenso em 1958 do que no ano anterior, visto que montou a 6% em São Paulo (4% em 1957) e a 7% no Rio de Janeiro (3% em 1957).

neiro, o que nos leva a crer tratar-se possivelmente de um fenômeno sazonal.

TAXAS DE PROTESTO DE TÍTULOS
(por mil)

	São Paulo		Rio de Janeiro	
	1958	1957	1958	1957
1.º trim.	2,83	2,57	1,94	1,70
2.º trim.	2,24	2,22	2,01	1,76

A DEPENDÊNCIA DA TAXA DE PROTESTOS

Estabelecendo-se taxas de protesto de títulos distintas para o 1.º e para o 2.º trimestre, em lugar dos resultados constantes do QUADRO II, que se referem a todo o semestre, observa-se no ano em curso, bem como no precedente, melhoria em São Paulo e maior incidência relativa no Rio de Ja-

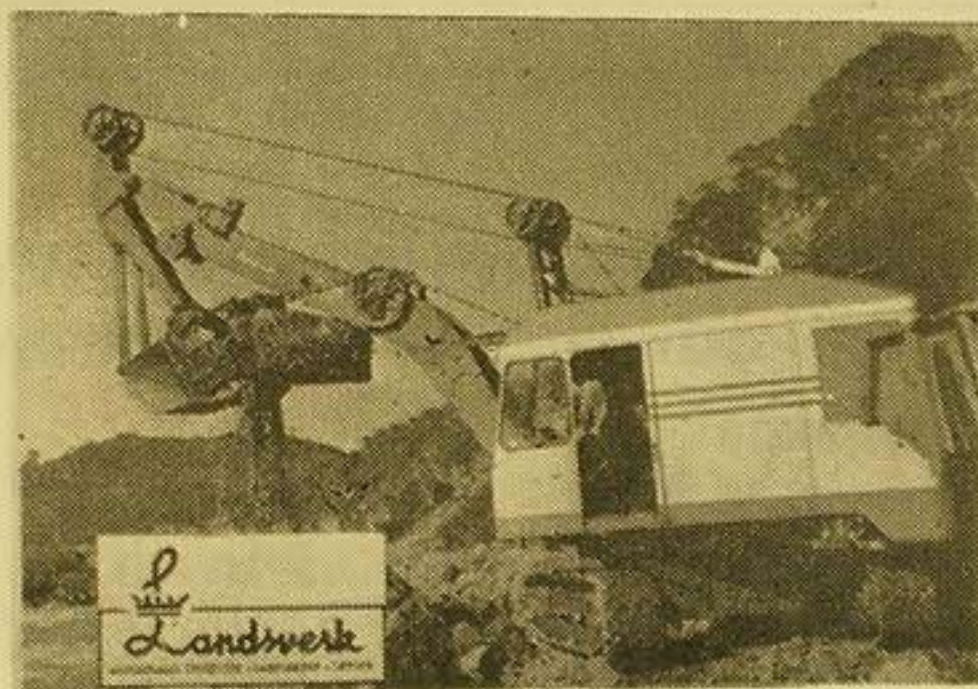
CORRELAÇÃO ENTRE INSOLVÊNCIAS E PROTESTOS

Os resultados obtidos no exame anterior sugerem a existência de nítida correlação entre a taxa de protesto, o valor global dos títulos protestados e a quantidade de fir-

mas com insolvência requerida. Resumindo a recente experiência, nota-se a seguinte evolução, expressa em porcentagem de alteração do 1.º para o 2.º trimestre dos 2 últimos anos:

Praça	Ano	N.º insolv. requeridas	Valor global de tít. prot.	Taxa de prot. de títulos
São Paulo	1958	— 29	— 19	— 21
	1957	— 9	— 10	— 14
Rio de Janeiro	1958	+ 94	+ 10	+ 4
	1957	+ 11	+ 6	+ 4

ESCAVADEIRA LANDSVERK, da Suécia



L-67 c/pá invertida em serviço na Usina Euclides da Cunha, da CHERP — São Paulo

O máximo em qualidade e robustez.

Aprovada para os mais severos serviços. Linha completa de implementos e ainda pá mecânica especial para túneis e bate-estacas.

— Consultem nossos preços —

Menor empate de capital devido ao menor custo dos ágios em relação a outras procedências.

NORENO BRASIL S/A

Caixa Postal 8630

São Paulo

Banco do Estado de São Paulo S. A.

CAPITAL Cr\$ 500.000.000,00

RESERVAS Cr\$ 500.000.000,00

Depósitos — Empréstimos — Descontos — Câmbio — Cobranças —
Transferências — Títulos — Cofres de aluguel

MATRIZ:

Praça Antônio Prado, 6 — Caixa Postal, 789 — SÃO PAULO

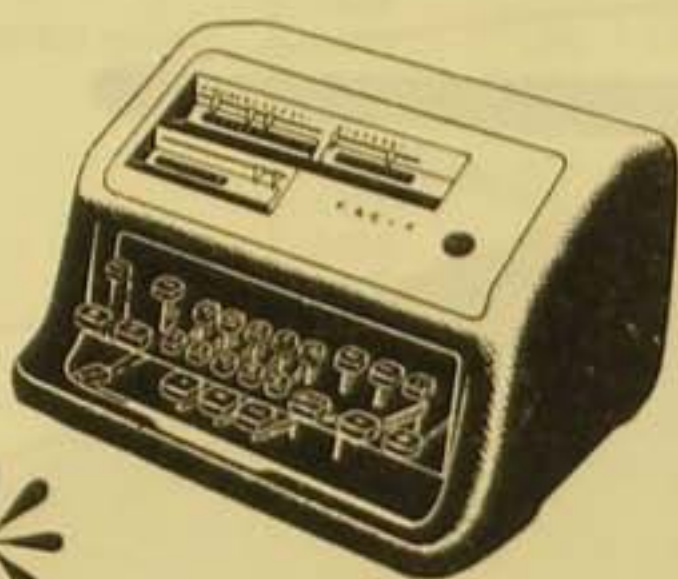
End. Telegráfico: "BANESPA"

Filial no Rio de Janeiro — RUA DA ASSEMBLÉIA, 31

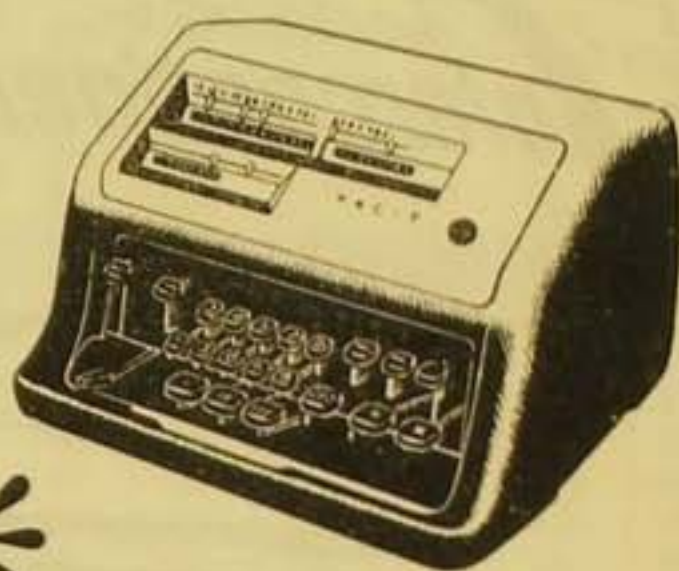
Conte com a precisão de Facit...

Facit* não falha!

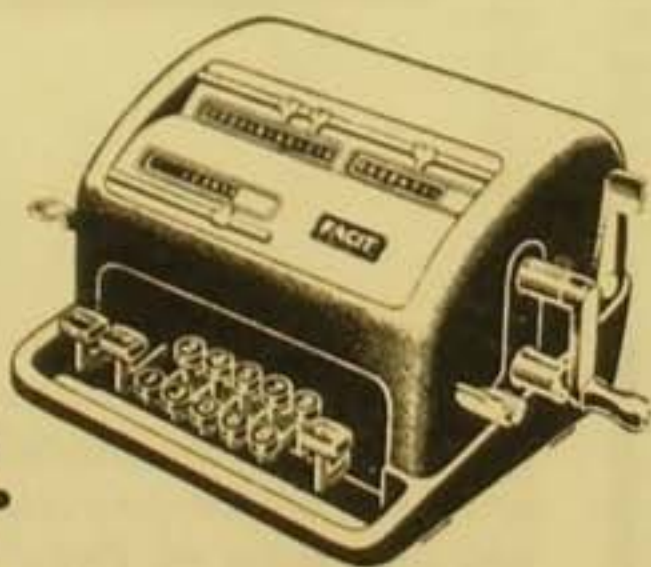
Fabricadas com o melhor aço sueco, de linhas elegantes, durabilidade eterna e precisão comprovada, as máquinas de calcular FACIT realizam enquanto V. pensa... Atendendo à necessidade de cada escritório, eis aí 4 modelos que representam o que de mais perfeito se pode exigir em matéria de cálculos rápidos, exatos e de fácil verificação. Escolha a FACIT que V. está precisando... e sua escolha será precisa!



CA 1-13 - A menor máquina de calcular elétrica do mundo, inteiramente automática. Todas as funções e operações efetuadas elétrica e automaticamente. Cálculo de quadrado de números pela ação de uma única tecla. O máximo em rapidez.



CS 1-13 - Máquina de calcular elétrica, que multiplica semi-automaticamente e efetua automaticamente todas as outras operações. Seus 3 registros são levados a zero por um único movimento.



C 1-13 - Máquina de calcular portátil de comando manual. É a máquina ideal para "andar de passeio pelo escritório..." É silenciosa como todas as "FACIT"!



C 1-19 - Máquina especial de comando manual para cálculos que envolvam números elevados. Capacidade: 10 - 10 - 19 algarismos. E, como todas as "FACIT", na cor verde-suave que tanto repousa a vista!

FACIT S.A.
(Máquinas de escritório)

Rua México, 21 - 4.º andar
Av. dos Democráticos, 635 - B
Rua da Passagem, 83

RIO NOVA YORK

pela **VARIG**

uma viagem insuperável
em luxo... em conforto... em cortesia!



Uma atmosfera de cordialidade, importância e eficiência envolverá Você... quando Você viajar no novo Super Constellation Intercontinental de Luxo da Varig! Para um passeio inesquecível... ou uma urgente viagem de negócios... voe sempre pela Varig, o melhor serviço para Nova York.

• Um novo avião... em nova rota... com o novo serviço Intercontinental de Luxo... assim Você viajará para Nova York, com uma única escala em Port-of-Spain, Trinidad, no Super Constellation Intercontinental de Luxo da Varig - a mais moderna aeronave para passageiros em vôo no Hemisfério!

VARIG



ÍNDICES ECONÔMICOS

Base : Média mensal de 1948 = 100

NUMERO	PERÍODO	EVOLUÇÃO DOS NEGÓCIOS			MOVIMENTO DE MERCADORIAS									
		Valor dos negócios	Preços	Valor real dos negócios	EXPORTAÇÃO				IMPORT.		Capacidade de importar	Cabotagem (valor)	Vendas (valor)	
					TOTAL		CAFÉ		Quantum	Valor				
					Quantum	Valor	Quantidade	Valor						
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
1	Média mensa	1944	57	63	90	80	49	77	43	96	38	70	62	56
2		1945	64	72	88	84	56	81	47	94	41	73	69	63
3		1946	82	84	99	102	84	89	72	79	62	109	85	85
4		1947	90	92	98	97	90	84	85	110	109	104	86	89
5		1948	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
6		1949	115	107	107	90	93	111	129	115	98	107	108	111
7		1950	146	119	123	78	115	85	176	140	97	152	116	134
8		1951	196	140	141	82	150	93	216	173	177	159	144	171
9		1952	213	156	137	66	120	90	213	158	177	114	134	191
10		1953	247	180	138	74	130	89	222	164	118	140	167	219
11		1954	340	228	149	84	132	62	193	207	146	206	224	294
12		1955	413	265	156	82	121	78	172	145	117	149	270	362
13		1956	549	317	173	85	126	96	210	148	110	152	369	457
14		1957	673	362	186	79	118	82	172	157	133	136	.	542
15	1956.....	Jan.	461	283	163	74	104	86	169	149	103	120	319	409
16		Fev.	491	293	168	97	140	126	256	176	107	154	296	425
17		Mço.	459	294	156	76	109	88	188	106	95	128	403	383
18		Abr.	517	297	174	75	102	79	167	137	104	127	359	463
19		Mai.	573	305	188	95	133	92	201	140	82	153	349	481
20		Jun.	571	315	181	100	142	110	243	127	94	184	389	472
21		Jul.	571	319	179	100	132	88	199	124	95	157	330	458
22		Ag.	570	327	175	91	134	99	226	330	136	148	312	465
23		Set.	567	336	169	83	125	92	213	149	107	130	392	451
24		Out.	634	341	186	83	117	89	200	184	112	134	428	515
25		Nov.	599	346	173	86	126	93	212	214	152	153	393	476
26		Dez.	574	347	166	91	143	110	244	171	131	136	461	481
27	1957.....	Jan.	629	362	174	95	142	114	248	110	112	147	426	523
28		Fev.	616	362	170	80	112	89	192	134	111	135	449	533
29		Mço.	600	361	166	64	96	68	148	157	126	104	.	467
30		Abr.	635	359	177	60	88	60	128	164	130	88	.	529
31		Mai.	720	358	203	72	100	63	133	157	129	117	.	648
32		Jun.	722	358	202	61	86	56	115	208	148	101	.	610
33		Jul.	657	359	183	86	113	67	132	196	144	136	.	511
34		Ag.	644	361	179	84	126	80	166	151	142	148	.	488
35		Set.	654	361	181	98	126	88	184	160	135	159	.	500
36		Out.	734	362	203	92	141	102	209	233	151	161	.	553
37		Nov.	737	365	202	113	157	114	239	202	133	188	.	549
38		Dez.	713	369	194	98	130	82	174	175	126	184	.	583
39	1958.....	Jan.	802	376	213	70	94	51	112	87	112	125	.	614
40		Fev.	783	377*	207*	69	89	49	104	86	79	117	.	592
41		Mço.	819	383*	214*	64	93r	66	136	137	64	108	.	660
42		Abr.	898	387*	232*	63	101	83	170	135	93r	111	.	684
43		Mai.	934	394*	236*	79	115	95	189	123	115	142	.	704
44		Jun.	935	395*	237*	83	92	55	107	709
45		Jul.	964	401*	241*	.	.	60	116	681
46		Ag.

MÉDIA MENSAL DE 1948 (VALORES ABSOLUTOS): Col. 5 — Cr\$ 1 808,1 milhões; US\$ 98,4 milhões. Col. 6 — 1 457,7 mil sacos. Col. 7 — Cr\$ 751,5 milhões; US\$ 40,9 milhões. Col. 9 — Cr\$ 1 748,7 milhões; US\$ 93,4 milhões. Col. 11 — Cr\$ 1 498,8 milhões. Col. 12 — Cr\$ 12.347 milhões

OBSERVAÇÕES: (*) Dados provisórios. 1 — Média simples dos índices de venda e cheques compensados. 2 — Média ponderada dos índices de preços por atacado, custo da vida e custo da construção. 3 — Valor dos negócios deflacionados pelos preços. 4 e 8 — índices ponderados, critério de Laspeyres. 5, 6, 7 e 9 — índices simples. 10 — "Quantum" da exportação multiplicado pela relação de trocas. 11 e 12 — índices simples com ajustamento sazonal. PARA DETALHES TÉCNICOS: Cols. 1, 2, 3, 4, 8, 10 e 12 — Ver CE, ano VIII, n.º 2, págs. 14, 15 e 16.

(r) Dados retificados.

ÍNDICES

Base : Média mensal de 1948 = 100

NUMERO	PERÍODO	PRODUÇÃO INDUSTRIAL													
		VOLUME FÍSICO													
		BENS DE PRODUÇÃO						BENS DE CONSUMO						Construção civil	
		Extrativa mineral	Cimento	Vidro e cerâmica	Siderurgia	Papel	Borracha	Prods. farmacêuticos	Têxtil	Calçados	Produtos alimentares	Bebidas	Fumo		
13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25			
1	Média mensal	1944	90	73	.	45	75	55	64	103	91	101	69	65	70
2		1945	91	70	81	43	76	79	83	96	98	98	82	55	83
3		1946	87	74	94	64	84	88	108	102	101	88	94	77	105
4		1947	89	82	95	79	91	86	101	95	83	93	93	94	111
5		1948	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
6		1949	104	115	113	119	116	123	105	107	101	106	102	116	87
7		1950	104	125	129	153	133	140	123	114	112	118	120	133	92
8		1951	118	130	154	167	140	159	153	110	135	128	143	156	113
9		1952	120	145	161	174	140	172	143	116	124	137	155	172	149
10		1953	120	183	190	197	156	194	147	122	128	147	161	178	151
11		1954	126	217	186	229	161	193	158	144	122	139	165	205	144
12		1955	142	234	196	233	168	199	131	151	147	157	175	224	132
13		1956	173	294	...	265	...	186	133
14		1957	.	287	.	283	.	196	138
15	1956.....	Jan.	147	282	...	235	...	169	129	
16		Fev.	142	295	...	247	...	164		
17		Mço.	158	291	...	233	...	207		
18		Abr.	141	299	...	261	...	198	131	
19		Mai.	117	299	...	258	...	207		
20		Jun.	131	297	...	260	...	186		
21		Jul.	152	283	...	260	...	192	132	
22		Ag.	163	290	...	282	...	180		
23		Set.	179	289	...	282	...	172		
24		Out.	207	291	...	273	...	203	131*	
25		Nov.	233	314	...	283	...	187		
26		Dez.	268	302	...	272	...	168		
27	1957.....	Jan.	284	298	...	282	...	211	140*	
28		Fev.	232	283	.	310	.	167		
29		Mço.	219	277	.	271	.	194		
30		Abr.	194*	277	.	294	.	197	141*	
31		Mai.	195*	281	.	278	.	220		
32		Jun.	239*	273	.	291	.	185		
33		Jul.	.	284	.	262	.	233	140*	
34		Ag.	.	287	.	291	.	217		
35		Set.	.	290	.	278	.	182		
36		Out.	.	291	.	276	.	193	132*	
37		Nov.	.	311	.	288	.	194		
38		Dez.	.	291	.	273	.	157		
39	1958.....	Jan.	187	
40		Fev.	144	
41		Mço.	276	
42		Abr.	221	
43		Mai.	252	
44		Jun.	260	
45		Jul.	
46	Ag.	

MÉDIA MENSAL DE 1948 (VALORES ABSOLUTOS): Col. 14 — 92,7 mil t. Col. 16 — Gusa = 46,0 mil t; Aço = 40,3 mil t; e Laminados = 33,6 mil t. Col. 18 — 1 611 t. Col. 25 — 654 mil m2.

OBSERVAÇÕES: (*) Dados provisórios. 13, 16, 22, 23 e 24 — índices ponderados com ajustamento das variações do calendário e sazonais. 14, 15, 17, 18, 19, 20 e 21 — índices simples com ajustamento das variações do calendário e sazonais. 25 — índice simples. PARA DETALHES TÉCNICOS: Cols. de 13 a 25 — Ver CE, Ano VIII, n.º 11, págs. 17 a 19.

(r) Dados retificados.

NOTA — Em virtude das últimas alterações havidas na lei do imposto do consumo, suspendemos a divulgação dos índices das colunas 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23 e 24, até que terminemos os novos estudos relacionados com o cálculo dos referidos índices. Pela mesma razão suprimimos a respectiva série a partir de janeiro de 1956.

ECONÔMICOS

Base : Média mensal de 1948 = 100

PRODUÇÃO INDUSTRIAL				TRANSPORTE Vagões carregados	EDIFICAÇÕES			PREÇOS								NÚMERO
VOLUME FÍSICO					ÁREA LICENCIADA			COMÉRCIO EXTERIOR					DISTRITO FEDERAL		Custo da construção	
Energia elétrica	RESUMO				Residencial	Não residencial	Total	Exportação em dólares	Exportação em cruzeiros	Importação em dólares	Importação em cruzeiros	Relação de trocas	CUSTO DA VIDA			
	Bens de produção	Bens de consumo	Total										Alimentação	Total		
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	
69	64	93	84	103	104	63	86	.	57	.	65	88	52	58	63	1
76	68	93	86	99	153	72	118	.	60	.	69	87	64	68	68	2
83	79	97	93	99	180	108	149	.	80	.	75	107	76	79	83	3
90	86	94	93	99	91	140	112	.	101	.	94	107	95	97	95	4
100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	5
108	116	106	106	100	110	60	88	.	106	.	86	119	105	104	106	6
117	135	117	118	97	123	58	95	.	152	.	78	195	114	111	112	7
126	150	124	129	91	161	108	138	.	186	.	96	194	129	128	124	8
136	157	130	137	90	179	139	162	.	182	.	106	172	155	150	134	9
138	177	137	146	86	190	147	171	185	192	98	101	189	183	172	148	10
154	193	147	156	89	191	148	139	208	304	84	141	247	221	210	180	11
168	198	156	163	86*	93	146	116	156	323	85	207	183	275	259	212	12
188	163*	134*	151*	157	343	88	275	178	340	313	256	13
207*	154	348	89	288	173	391	365	303	14
175	.	.	.	86*	92*	60*	97*	139	398	86	202	162	316	286	229	15
206	.	.	.	89*	116*	63*	95*	151	321	95	258	159	334	297	234	16
174	.	.	.	88*	106	148	124	156	325	93	252	168	331	295	236	17
188	168*	163*	167*	153	319	91	255	160	325	293	233	18
183	224*	126*	185*	157	332	98	295	160	326	299	235	19
191	191*	90*	151*	158	348	86	260	184	337	306	248	20
183	155	98	130	157	345	101	302	157	332	307	250	21
184	147	113	132	157	346	96	312	164	340	315	257	22
190	127*	104*	118*	156	343	100	281	156	354	325	283	23
189	163*	155*	160*	159	340	99	308	161	355	327	289	24
197	112	189	145	160	352	90	289	178	367	335	287	25
192	136*	257*	181*	155	346	104	306	149	366	336	286	26
196	188*	315*	239*	152	340	99	278	154	387	351	303	27
226	95	169	126	164	354	97	286	169	384	350	303	28
196	127*	207*	159*	168	370	103	309	163	382	351	304	29
209	108	184	141	151	356	103	322	147	394	359	304	30
210	191	460	298	161	360	99	306	162	392	358	304	31
210	61	234	190	159	351	96	267	165	384	355	306	32
195	132	136	134	153	343	96	287	159	385	357	300	33
197	88	63	77	160	363	90	340	177	390	362	302	34
215	162	377	99	308	163	396	369	302	35
205	157	358	89	307	175	399	373	301	36
207	157	351	95	278	166	408	376	304	37
215*	158	352	85	293	187	416	378	305	38
223*	162	358	91	256	179	427	389	307	38
252*	160	357	95	336	169	435r	394	308	40
219*	153	343	91	322	169	448	402	322	41
.	151	344	86	323	176	458	408	325	42
.	152	351	85	335	179	448	410	331	43
.	145	367	.	.	.	441	410	335	44
.	440r	414	336	45
.	438	416	344	46

MÉDIA MENSAL DE 1948 (VALORES ABSOLUTOS): Col. 26 — 489 milhões de kwh. Col. 30 — 157 704 vagões. Col. 31 — 175 799 m2. Col. 32 — 134 746 m2. Col. 33 — 310 545 m2.

OBSERVAÇÕES: (*) Dados provisórios. 26 — Índices simples com ajustamento das variações do calendário e sazonais. 27, 28 e 29 — índices agregativos. 30 — Carga remunerada em cinco grandes ferrovias, índice ajustado sazonalmente. 31, 32 e 33 — índices simples, incluem Distrito Federal e São Paulo (Capital). 34 a 37 — Índices ponderados, critério de Laspeyres. 38 — Preços da exportação sobre preços da importação. 39, 40 e 41 — índices ponderados. Dados para o Distrito Federal. PARA DETALHES TÉCNICOS: Cols. 26, 27, 28 e 29 — Ver CE, Ano VIII, n.º 11, págs. 17 a 19; Col. 30 — Ano IV, n.º 11, pág. 18; Cols. 34 e 38 — Ano VIII, n.º 2, págs. 13 e 16; Cols. 39 e 40 — Ano XII, n.º 4, pág. 33; Col. 41 — Ano IV, n.º 3, pág. 12.

(r) Dados retificados

ÍNDICES

Base : Média mensal de 1948 = 100

NÚMERO	PERÍODO	PREÇOS POR ATACADO											
		Geral	Exclusive café	Produtos agrícolas**		Produtos industriais	Segundo o grau de elaboração						
				Geral	Exclusive café		Matérias-primas			Manufaturados e semimanufats.			
							Total	Gêneros alimentícios	Outros	Total	Gêneros alimentícios	Outros	
42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52			
1	Média mensal	1944	65	68	51	51	83	57	51	72	75	55	86
2		1945	75	78	63	63	90	68	66	73	84	63	96
3		1946	86	89	75	73	101	78	73	90	98	74	111
4		1947	91	94	85	84	99	86	83	95	98	91	101
5		1948	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
6		1949	109	105	113	105	105	113	115	107	104	106	103
7		1950	124	108	137	106	109	136	140	125	108	105	109
8		1951	148	130	166	132	129	165	164	145	127	111	137
9		1952	163	147	189	155	139	185	198	148	136	128	141
10		1953	188	169	214	181	160	211	233	151	158	149	165
11		1954	245	213	276	214	211	273	306	187	209	169	236
12		1955	277	252	311	266	240	306	330	241	241	219	256
13		1956	330	307	360	318	298	356	378	296	298	275	314
14		1957	371	352	391	355	349	389	402	355	348	339	355
15	1956.....	Jan	290	270	320	286	257	315	340	251	257	238	270
16		Fev.	299	275	332	290	263	327	354	257	263	247	274
17		Mço.	303	280	333	291	271	328	353	262	271	248	286
18		Abr.	309	287	336	296	280	334	355	278	277	253	293
19		Mai.	319	295	349	305	387	346	366	291	286	257	305
20		Jun.	330	305	362	316	295	359	379	306	293	260	316
21		Jul.	337	312	369	323	302	365	385	311	303	272	324
22		Ag.	344	319	374	327	312	369	391	313	312	279	334
23		Set.	350	327	377	333	322	372	395	314	322	298	338
24		Out	357	335	384	344	328	380	402	323	328	310	340
25		Nov.	361	339	391	351	329	385	409	322	330	316	340
26		Dez	362	341	392	355	330	385	408	327	333	322	341
27	1957.....	Jan.	378	358	410	374	344	405	427	348	344	342	346
28		Fev.	377	357	406	370	347	402	422	350	347	341	351
29		Mço.	375	356	401	365	348	398	416	352	347	339	353
30		Abr.	369	349	388	351	348	386	399	353	347	337	354
31		Mai.	368	348	384	345	350	384	395	354	348	333	358
32		Jun.	368	346	385	342	350	385	393	363	347	333	356
33		Jul.	370	349	388	347	351	388	397	363	348	337	356
34		Ag.	370	353	388	356	351	387	398	358	349	338	356
35		Set.	368	351	383	351	350	382	392	353	350	340	356
36		Out.	366	349	380	348	351	378	387	355	350	342	356
37		Nov.	369	352	385	352	352	383	394	354	351	341	358
38		Dez.	374	354	395	357	352	393	405	359	352	341	359
39	1958.....	Jan*	381	358	402	357	358	399	415	358	359	344	368
40		Fev.*	380	357	397	353	361	394	408	358	361	345	373
41		Mço.*	382	362	398	359	365	395	409	357	366	346	380
42		Abr.*	388	369	401	363	374	398	409	370	374	347	393
43		Mai.*	397	379	407	371	385	404	416	375	387	350	412
44		Jun.*	398	384	404	373	392	402	410	382	393	350	421
45		Jul.*	403	389	407	377	398	406	414	385	398	351	430

(*) Dados provisórios.

(**) Inclui também produtos extrativos vegetais.

(r) Dados retificados.

PARA DETALHES TÉCNICOS: Ver Conjuntura Econômica, Ano IX, n.º 2, págs. 17 e 18.

ECONÔMICOS

Base : Média mensal de 1948 = 100

PREÇOS POR ATACADO														
SEGUNDO O RAMO DE ATIVIDADE														
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS						Combustíveis e lubrificantes	Metais e produtos metalúrgicos	Materiais de construção	Couros e calçados	Têxteis e tecidos	Produtos químicos	Diversos	NÚMERO	
Total	Exclusive café	Origem vegetal	Exclusive café	Origem animal	Bebidas e estimulantes									
53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65		
52	55	50	49	55	62	96	87	93	67	79	79	70		1
65	69	61	61	63	72	95	80	88	74	90	77	81	2	
73	75	71	65	76	83	89	87	100	94	111	83	100	3	
85	88	84	82	83	98	92	96	110	96	98	89	107	4	
100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	5	
112	105	114	103	105	113	106	113	114	103	103	96	100	6	
130	101	134	93	119	117	107	118	125	107	119	106	109	7	
149	115	149	99	159	126	111	140	153	129	131	119	146	8	
177	151	173	130	211	138	117	143	156	140	144	128	154	9	
206	179	195	166	235	146	146	209	183	156	153	146	181	10	
264	208	269	186	286	167	174	262	239	204	225	198	232	11	
296	253	289	223	364	197	245	300	245	242	250	241	261	12	
347	307	345	285	400	233	284	382	321	305	296	302	323	13	
383	349	373	320	449	307	416	401	383	353	344	305	364	14	
308	276	296	243	394	219	279	326	250	261	257	267	266	15	
321	282	316	255	385	215	283	335	257	260	259	273	265	16	
321	283	316	256	387	215	278	352	268	269	267	293	284	17	
324	287	320	263	383	220	291	380	279	269	272	294	306	18	
333	291	332	269	385	216	268	393	316	280	285	307	316	19	
342	298	344	278	387	220	285	399	334	290	298	313	321	20	
350	305	353	286	391	228	280	402	338	305	309	315	343	21	
350	312	359	293	395	245	279	398	358	328	316	318	345	22	
357	325	368	306	408	248	284	399	363	342	317	319	348	23	
374	336	374	318	423	251	296	399	362	346	322	318	361	24	
380	343	381	326	428	258	294	400	366	351	323	304	361	25	
381	346	383	331	428	258	296	406	366	351	325	304	362	26	
401	367	400	349	444	305	384	397	377	357	330	305	364	27	
397	363	394	342	445	309	390	399	384	367	335	304	364	28	
392	359	387	335	446	308	403	397	385	376	336	303	364	29	
380	346	373	320	435	305	408	398	382	366	339	300	364	30	
376	340	368	311	436	306	409	398	381	360	348	301	362	31	
375	335	365	303	439	304	436	398	382	344	350	300	365	32	
379	341	370	310	443	304	442	400	383	344	349	304	368	33	
380	350	368	318	454	308	434	400	383	346	347	303	365	34	
376	347	363	314	453	311	426	402	384	343	345	306	262	35	
373	344	359	310	449	315	420	408	382	342	345	309	364	36	
378	348	361	310	470	307	424	408	383	345	346	313	363	37	
386	351	372	313	473	306	418	414	385	348	351	313	362	38	
393	351	381	315	474	305	419	453	393	346	351	313	362	39	
389	349	375	310	475	305	419	461	399	346	350	328	366	40	
390	353	376	316	479	305	419	481	415	347	349	335	372	41	
390	355	377	320	475	305	419	519	426	355	358	372	380	42	
395r	361	384	328	477	305	419	537	439	364	377	380	395	43	
392	363	378	329	480	305	419	558	453	367	382	390	405	44	
395	367	379	330	496	305	419	575	477	367	386	391	391	45	

(*) Dados provisórios.

(r) Dados retificados.

PARA DETALHES TÉCNICOS: Ver Conjuntura Econômica, Ano IX, n.º 2, págs. 17 e 18.

Base : Média mensal de 1948 = 100

PERÍODO			MOVIMENTO FINANCEIRO											
			Depósitos		Empréstimos		Cheques compensados	Moeda em circulação	Meios de pagamento		Ouro e divisas	Emissões de capital	Títulos	
			Total	Do público	Total	Ao público			Total	Sem o Tesouro Nacional			Públicos	Particulares
66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77			
1	Média mensal	1944	67	.	72	.	57	63	64	.	75	78	137	113
2		1945	81	.	84	.	65	77	78	.	87	81	131	108
3		1946	87	.	87	.	83	92	86	91	102	89	122	103
4		1947	96	.	92	.	92	99	98	100	99	85	107	108
5		1948	100	.	100	.	100	100	100	100	100	100	100	100
6		1949	113	.	121	.	119	107	111	113	91	58	102	106
7		1950	131	.	146	.	159	128	134	140	80	78	106	127
8		1951	160	157	181	188	221	159	169	177	72	199	105	142
9		1952	183	173	213	230	236	172	195	199	46	267	110	139
10		1953	212	202	259	269	276	203	233	236	43	227	116	139
11		1954	273	243	342	342	385	248	282	287	29	411	118	148
12		1955	311	278	405	393	464	304	336	341	10	382	118	161
13		1956	384	328	497	465	641	354	403	412	33	1230	111	185
14		1957	495	395	637	554	807	411	499	510	19	534	112	212
15	1956.....	Jan.	340	304	443	426	514	326	367	375	20	426	121	163
16		Fev.	346	310	447	429	558	329	374	381	25	257	120	165
17		Mço.	355	316	457	438	535	331	382	390	27	1012	117	169
18		Abr.	364	322	473	448	571	343	389	397	25	1201	116	172
19		Mai.	375	329	484	454	664	353	398	406	31	291	115	175
20		Jun.	382	332	495	465	670	357	403	412	37	281	111	177
21		Jul.	391	334	502	468	685	360	408	416	36	725	107	181
22		Ag.	396	333	508	474	674	357	410	418	38	462	105	196
23		Set.	402	335	517	485	683	361	416	424	41	687	102	202
24		Out.	409	338	531	493	753	366	422	430	39	2706	102	211
25		Nov.	422	342	546	499	723	374	432	438	38	4617	107	205
26		Dez.	427	353	560	507	667	387	440	455	35	2089	109	200
27	1957.....	Jan.	438	356	368	507	734	380	445	455	35	1967	108	203
28		Fev.	444	360	371	513	693	384	451	462	32	585	108	210
29		Mço.	453	366	588	520	734	393	458	469	31	158	112	210
30		Abr.	460	373	592	526	742	397	465	476	23	361	114	210
31		Mai.	472	378	607	535	810	405	473	484	18	329	113	219
32		Jun.	487	381	623	551	834	407	484	493	12	2087	112	216
33		Jul.	503	386	637	562	803	410	493	502	6	436	112	212
34		Ag.	512	390	654	576	801	411	503	511	8	463	112	210
35		Set.	523	406	670	590	808	424	526	532	9	279	114	205
36		Out.	538	424	685	603	944	433	545	553	16	867	112	209
37		Nov.	549	443	707	612	925	448	561	573	19	328	114	216
38		Dez.	565	479	738	628	853	463	584	610	20	320	113	212
39	1958.....	Jan.	588	487	743	631	990	453	600	611	14	521	112	209
40		Fev.	595	500	748	639	974	641	607	624	9	268	115	207
41		Mço.	608	515	771	657	977	474	621	639	4	437	117	211
42		Abr.	623	530	794	675	1111	489	637	656	2	381	116	213
43		Mai.	630	532	807	687	1164	502	644	663	3	270	114r	224r
44		Jun.	650	547	832	705	1162	506	658	676	3	623	110	238
45		Jul.	654*	551*	834*	707*	1247	505	663*	681*	1*	449	.	.

MÉDIA MENSAL DE 1948 (VALORES ABSOLUTOS): Col. 66 — Saldo médio mensal = 50 243 milhões. Col. 67 — Saldo médio mensal = Cr\$ 42 722 milhões. Col. 68 — Saldo médio mensal = Cr\$ 49 310 milhões. Col. 69 — Saldo médio mensal = Cr\$ 40 558 milhões. Col. 70 — Média mensal por dia útil = Cr\$ 693,9 milhões. Col. 71 — Saldo médio mensal = Cr\$ 18 836 milhões. Col. 72 — Saldo médio mensal = Cr\$ 51 259 milhões. Col. 73 — Saldo médio mensal = 47 707 milhões. Col. 74 — Saldo médio mensal = Cr\$ 13 939 milhões. Col. 75 — Média mensal = Cr\$ 215 milhões. Col. 76 — Média mensal = Cr\$ 615,00.

OBSERVAÇÕES: (*) Dados provisórios. 70 — Média por dia útil. 71 — Números índices ajustados das variações sazonais. 75 — Dados para o Distrito Federal. PARA DETALHES TÉCNICOS: Cols. 66 e 68 — Ver CE, Ano I, 1, pág. 3, Ano V, 5, pág. 6 e Ano VIII, 2, pág. 15. Cols. 67 e 69 — Ano VI, 6, pág. 24; Col. 70 — Ano I, 1, pág. 2, Ano III, 1, pág. 6 e Ano VI, 7, pág. 31; Col. 71 — Ano III, 1, pág. 6; Col. 72 — Ano IV, 11, pág. 7, Ano V, 5, pág. 6 e Ano VI, 3, pág. 6; Col. 76 — Ano VI, 10, pág. 43; Col. 77 — Ano VI, 6, pág. 22.

(r) Dados retificados.

ÍNDICES PAULISTAS

Base : Média mensal de 1948 = 100

NUMERO	PERIODO	PREÇOS							MOVIMENTO FINANCEIRO			EDIFICAÇÕES		
		Agrícolas			Custo da vida		Títulos		Valor			Área licenciada		
		Produtor	Atacado	Varejo	Total	Alimentação	Públicos	Privados	Vendas e consignações	Transações	Cheques compensados	Habitações	Total	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12			
1	Média mensal	1948	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	
2		1949	114	110	107	98	96	94	94	112	113	117	106	84
3		1950	149	150	151	104	103	92	94	135	147	160	99	80
4		1951	159	163	166	113	108	109	106	174	187	224	119	110
5		1952	177	178	190	133	131	106	118	195	351	245	121	127
6		1953	230	187	233	162	172	100	126	244	420	278	136	146
7		1954	334	319	339	190	206	102	131	276	492	391	104	116
8		1955	361	340	360	226	246	100	121	352	557	468	93	119
9		1956	407	374	392	275	304	97	113	426	665	633	94	116
10		1957	437	382	418	326	341	101	101	511	956	799	75	87
11	1956.....	Jan.	339	331	370	246	267	103	114	326	630	480	86	111
12		Fev.	421	343	374	258	293	96	126	346	629	575	88	101
13		Mço.	401	338	390	259	293	97	121	341	580	495	82	114
14		Abr.	371	340	395	260	287	90	121	396	599	600	89	91
15		Mai.	377	363	392	266	287	96	119	436	753	656	101	103
16		Jun.	376	385	381	269	291	97	119	446	588	657	77	110
17		Jul.	397	390	385	276	293	97	112	449	653	707	123	113
18		Ag.	397	397	389	282	312	95	112	488	609	665	135	133
19		Set.	404	397	403	288	327	94	109	460	694	676	89	107
20		Out.	439	399	404	298	332	96	104	504	780	700	101	148
21		Nov.	441	397	406	300	333	99	102	450	709	678	79	129
22		Dez.	460	402	418	302	338	101	101	471	861	707	78	136
23	1957.....	Jan.	480	412	421	309	339	96	101	434	720	744	73	94
24		Fev.	460	393	426	311	344	97	102	444	816	682	63	86
25		Mço.	443	398	426	319	344	98	101	408	865	728	65	72
26		Abr.	390	387	427	324	343	100	102	457	806	763	66	126
27		Mai.	380	382	415	325	341	100	102	614	981	772	100	98
28		Jun.	397	328	414	322	332	101	102	614	849	836	70	112
29		Jul.	416	392	414	325	334	102	100	512	880	787	68	85
30		Ag.	447	375	416	328	339	103	100	512	1228	774	85	77
31		Set.	453	370	417	335	339	105	100	499	806	801	82	81
32		Out.	457	370	412	337	341	104	100	539	1169	850	90	63
33		Nov.	456	377	415	339	345	107	100	526	1136	936	76	56
34		Dez.	459	395	416	341	350	100	101	578	1216	921	64	91
35	1958.....	Jan.	475	424	413	.	351	93	.	509	1035	943	57	111
36		Fev.	459	416	413	.	356	100	.	488	878	896	73	100
37		Mço.	425	411	417	.	364	101	.	593	1243	1009	70	94
38		Abr.	417	419	427	.	376	101	.	594	1241	1160	74	105

MÉDIA MENSAL DE 1948 (VALORES ABSOLUTOS): Col. 8 — Cr\$ 8 969 milhões. Col. 9 — Cr\$ 99,5 milhões. Col. 10 — Cr\$ 7 786 milhões. Col. 11 — 119 672 m2. Col. 12 — 217 312 m2.

OBSERVAÇÕES: QUADRO de índices elaborados pelo Departamento de Estudos Econômicos da Bolsa de Mercadorias de São Paulo, em colaboração com o Centro de Análise da Conjuntura Econômica. PARA DETALHES TÉCNICOS: Ver CE, Ano VII, 2, pág. 12; Cols. 1, 2 e 3 — A base dos relativos é a média de junho de 1948 a maio de 1949; a média mensal referente a 1948 corresponde aos meses de junho a dezembro. Cols. 4 e 5 — índice da Prefeitura do Município de São Paulo, alterada a base para 1948 e conservada a ponderação original. Col. 7 — O índice anual é resultante de cálculo direto.

(r) Dados retificados.

INDICES MINEIROS

Base : Média mensal de 1948 = 100

NUMERO	PERÍODO	Edificações Área licenciada	Movimento de mercadorias Vendas e consignações	Energia elétrica Região central do Estado	Energia elétrica Belo Horizonte	MOVIMENTO FINANCEIRO						Transmissões de imóveis
						Depósitos bancários		Empréstos. bancários		Cheques compensados	Títulos protestados	
						Total	Do público	Total	Ao público			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	Média mensal	1948	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
2		1949	85	120	116	114	111	111	112	112	115	104
3		1950	72	146	123	120	135	135	131	131	148	129
4		1951	88	204	136	132	156	153	160	158	208	80
5		1952	84	198	163	158	161	156	186	181	236	138
6		1953	108	248	199	186	187	181	226	221	310	85
7		1954	148	314	223	205	246	231	292	284	426	79
8		1955	164	379	272	224	268	252	337	322	615	191
9		1956	118	449	396	253	300	282	370	349	882	235
10		1957	100	522	597	281	346	322	433	413	1101	325
11	1956.....	Jan.	316	345	301	238	286	273	345	324	640	210
12		Fev.	48	387	334	237	289	275	348	327	683	139
13		Mço.	54	360	342	241	292	277	355	334	562	195
14		Abr.	83	431	381	249	292	275	358	338	746	189
15		Mai.	99	386	384	240	299	278	361	340	811	187
16		Jun.	160	430	436	252	303	286	368	346	869	221
17		Jul.	88	440	443	263	305	286	373	352	987	207
18		Ag.	140	471	424	257	297	278	376	355	1016	253
19		Set.	152	522	438	265	293	278	383	363	989	192
20		Out.	62	524	428	258	300	280	389	368	1047	321
21		Nov.	139	459	428	267	305	283	391	369	1060	349
22		Dez.	78	632	418	267	335	316	394	371	1083	354
23	1957.....	Jan.	55	416	408	367	312	292	395	372	964	301
24		Fev.	37	443	524	270	312	294	403	386	988	271
25		Mço.	99	410	573	271	317	296	408	385	979	362
26		Abr.	144	478	604	276	323	303	417	395	1070	444
27		Mai.	202	454	569	275	335	307	424	402	1094	389
28		Jun.	95	445	628	286	335	311	436	413	1130	279
29		Jul.	93	522	624	271	337	310	440	420	1128	215
30		Ag.	68	582	629	266	341	314	449	430	1096	199
31		Set.	112	558	670	287	352	326	445	436	1094	359
32		Out.	92	607	687	306	374	349	455	437	1129	371
33		Nov.	91	631	699	295	397	366	453	437	1284	313
34		Dez.	109	718	584	300	422	400	464	444	1229	403
35	1958.....	Jan.	130	403	512	288	430	408	470	450	1243	473
36		Fev.	54	505	572	296	436	414	475	457	1211	325
37		Mço.	250	472	659	312	451	427	490	471	1247	284
38		Abr.	120r	583	684	292	454	432	502	485	1470	241
39		Mai.	88	.	729	295	1527	289
40		Jun.	.	.	737	281	1572	.

MÉDIA MENSAL DE 1948 (VALORES ABSOLUTOS): Col. 1 — 35.321 m2. Col. 2 — Cr\$ 1.573,4 milhões. Col. 3 — 8,4 milhões de kWh. Col. 4 — 7,5 milhões de kWh. Col. 5 — Cr\$ 4.919,6 milhões. Col. 6 — Cr\$ 4.688,1 milhões. Col. 7 — Cr\$ 5.813,0 milhões. Col. 8 — Cr\$ 5.133,7 milhões. Col. 9 — Cr\$ 18,4 milhões. Col. 10 — Cr\$ 2,2 milhões. Col. 11 — Cr\$ 11,0 milhões.

OBSERVAÇÕES: QUADRO de índices elaborados pelo Instituto de Pesquisas Econômicas, da Faculdade de Ciências Econômicas, da Universidade de Minas Gerais. PARA DETALHES TÉCNICOS: Ver CE, Ano XI, n.º 3, págs. 25 e 26. Col. 1 — Município de Belo Horizonte. Col. 2 — Exclusiva a taxa de recuperação econômica. Col. 3 — Belo Horizonte e municípios vizinhos. Índice corrigido das variações sazonais. Col. 4 — índice corrigido das variações sazonais. Col. 9 — Câmaras de Compensação de Belo Horizonte, de Juiz de Fora (a partir de julho de 1955) e de Uberlândia (a partir de julho de 1956). Col. 10 — Praça de Belo Horizonte. Col. 11 — Município de Belo Horizonte.

(*) Dados provisórios. (r) Dados retificados.

ÍNDICES SUL RIO-GRANDENSES

Base : Média mensal de 1948 = 100

Edificações Área licenciada — P. Alegre	Movimento de mercadorias Vendas e consignações	Energia elétrica	Transmissão "inter-vivos" Pôrto Alegre	MOVIMENTO FINANCEIRO						PREÇOS					Transporte ferroviário
				Depósitos bancários	Empréstimos bancários	Caixa em moeda corrente	Cheques compensados	Emissões de capital	Títulos protestados Pôrto Alegre	Títulos		Mercadorias		Custo da alimentação Pôrto Alegre	
										Públicos	Particulares (bancos)	Aos produtores (agricultura)	De atacado (exportações)		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
112	107	110	84	104	116	101	110	79	168	100	130	112	117	102	96
134	116	115	104	112	134	102	131	69	135	99	137	108	117	109	98
148	147	131	143	146	185	125	195	171	104	97	156	105	127	113	103
237	172	146	226	175	232	135	227	460	187	90	186	166	148	128	104
219	227	168	291	220	292	149	320	388	245	82	185	191	203	145	104
257	307	203	344	266	402	187	493	323	400	77	181	236	231	190	90
256	374	212	285	271	510	223	619	365	639	72	188	288	284	254	180
294	480	241	415	331	604	278	859	1234	724	71	200	354	348	316	98
268	625	271	440	363	712	308	1010	1136	944	72	184	405	397	360	96
253	445	237	462	294	562	334	645	767	733	68	198	335	297	297	102
281	413	247	211	297	542	288	797	1481	525	68	199	338	316	300	101
247	429	231	219	312	542	249	733	201	682	69	203	340	324	307	111
223	468	240	421	333	557	259	621	268	638	71	202	335	330	311	93
235	466	230	364	352	587	268	801	374	441	72	196	319	344	309	57
272	536	231	283	355	620	277	932	392	863	74	198	347	355	309	91
356	435	234	456	349	623	283	992	379	901	74	194	372	355	314	103
193	503	238	641	339	619	262	976	451	588	73	201	360	354	318	102
310	509	242	274	333	627	252	1020	186	835	71	207	375	358	319	104
332	545	252	973	330	638	245	976	1848	807	71	196	375	361	324	105
414	503	248	285	324	653	288	1001	3652	642	71	195	358	384	335	109
403	513	259	395	349	674	328	876	4806	1038	71	196	397	392	345	103
365	594	260	333	346	677	322	911	4705	871	72	178	404	396	349	102
201	561	265	298	373	667	289	1015	1013	711	72	178	420	404	355	108
133	629	259	437	388	662	311	1013	885	924	72	177	430	392	354	99
317	630	270	217	402	668	300	890	548	773	71	177	405	391	354	100
182	614	263	313	411	684	292	921	839	838	71	178	384	388	356	96
159	622	252	306	417	709	301	1053	425	975	71	177	383	384	357	86
312	606	267	631	417	720	329	1098	1317	1045	72	177	388	383	358	64
342	677	272	609	416	731	300	973	638	1058	75	187	416	403	362	97
278	634	271	951	411	735	300	1027	530	1157	75	183	410	404	366	92
311	679	284	443	408	742	284	1117	895	1243	72	197	400	404	362	92
313	649	287	405	411	756	305	1096	1059	1088	71	198	390	403	370	107
302	606	298	342	421	792	365	1000	779	1244	70	198	390r	408	380	108
518	622	303	416	443	803	407	1046	844	1387	65	189	404	412	.	.
158	614	307	311	455	804	349	1162	427	1026	66	189	402	415	.	.
238	863	305	1218	820	.	65	190	436	428	.	.
393	1280	404	.	65	193	.	442	.	.
.

MÉDIA MENSAL DE 1948 (VALORES ABSOLUTOS): Col. 1 — 30 146 m2. Col. 2 — Média diária = Cr\$ 2 701,9 mil. Col. 3 — 16 421 mil kwh (Base alterada em virtude de encampações realizadas pela C. E. E. E.), a partir de junho de 1955 (base anterior 13 870 mil kwh). Col. 4 — Média diária = Cr\$ 746,9 mil. Col. 5 — Cr\$ 2 760 milhões. Col. 6 — Cr\$ 2 990 milhões. — Col. 7 — Cr\$ 265 milhões. Col. 8 — Média diária = Cr\$ 21 920 mil. Col. 9 — Cr\$ 28,7 milhões. Col. 10 — Média diária = Cr\$ 25,5 mil. Col. 16 — Média diária = 2 164 524 t/km.

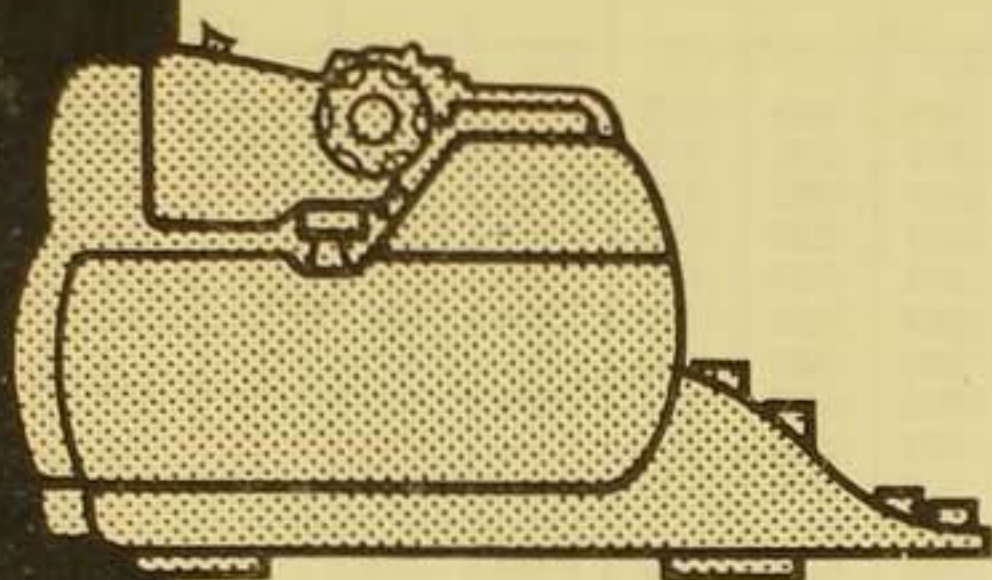
OBSERVAÇÕES: QUADRO de índices elaborados pelo Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas, da Faculdade de Ciências Econômicas, da Universidade do Rio Grande do Sul.

(*) Dados provisórios. Col. 1 — Área total. Col. 2 — Índices corrigidos das variações sazonais — Sem separação do produto do imposto de 5% a partir de janeiro de 1953. Col. 3 — Índice corrigido das variações sazonais. Col. 5 — Exclusivo os depósitos de outros bancos no Banco do Brasil. Col. 6 — Inclui empréstimos em "Conta Corrente", "Títulos Descontados" e "Empréstimos Hipotecários". Col. 8 — Índices corrigidos das variações sazonais.

(r) Dados retificados.

Remington

1ª.



máquina
de escrever
brasileira

exatamente igual
à americana



Remington Rand
Casa Pratt

Índice do custo de vida em Pôrto Alegre

Temos a satisfação de transcrever no presente número o interessante trabalho, sob o título supra, do Sr. Maurício Filchtiner, publicado no Boletim Informativo do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Rio Grande do Sul (Ano V, n.º 1 a 7, de novembro de 1957 a maio de 1958). A partir do próximo número passaremos a incluir em nosso QUADRO de Índices Sul-rio-grandenses, mais duas colunas referentes a índices do custo da vida e o de alimentação, para a cidade de Pôrto Alegre.

“A pesquisa sobre o padrão de vida do operário industrial pôrtogreense foi baseada em informações referentes ao mês de abril de 1954, procedendo-se a escolha da amostra pelo processo aleatório e com observância à técnica indicada pelo Professor Lourival Câmara (Índice de Preços ao Consumidor — Revista Brasileira de Estatística — n.º 54, ano XIV, abril/junho de 1953).

A amostra abrangeu 82 estabelecimentos industriais ou seja 8.3% dos existentes, com 15 709 operários donde foram selecionados ao acaso 1 253 famílias (compostas de, no mínimo, 3 pessoas — casal e um filho).

Feito o levantamento, recolheu o C. E. P. E. 1 024 questionários, tendo trabalhado somente com 925 em virtude de terem sido expurgados pela crítica 99. Abrangeu a apuração um total de 4 482 pessoas, sendo 408 agregados e empregados domésticos. Verificou-se, ainda, pela pesquisa, que a família modal é formada de 3 pessoas

e a família média é constituída de 4 (4,4) pessoas.

Segundo a atividade e tendo em vista o número de pessoas componentes das famílias pesquisadas, 38,84% são economicamente ativas e 64,16% não ativas. A receita familiar estava assim constituída: 91,7% proveniente de salários, 2,9% de contribuições dos agregados, 1,8% de produção doméstica e 3,6% de rendas anuais.

Quanto ao aspecto salarial podemos concluir que o salário médio das famílias pesquisadas foi de Cr\$ 2 500,00. A renda média, por família, foi de Cr\$ 3 713,00 e a renda por pessoa foi de Cr\$ 2 321,00.

Terminada a apuração da pesquisa do padrão de vida do operário industrial em Pôrto Alegre, e analisados os vários quadros dos componentes das despesas familiares, foi possível organizar os quadros de composição dos distintos grupos de consumo e, com base nesses levantamentos e estudos, estruturar o Índice de Custo de Vida para o operário industrial de Pôr-

CUSTO DE VIDA EM PÔRTO ALEGRE

PERÍODO	ALIMEN- TAÇÃO	HABITA- ÇÃO	VESTUÁ- RIO	SAÚDE E HIGIENE PESSOAL	FUMO E BEBIDA	COMBUS- TÍVEL	PREVI- DÊNCIA E SINDICA- LISMO	OUTROS CONSUMOS	TOTAL
1948....	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1949....	102	132	104	104	117	104	100	104	110
1950....	108	131	118	113	179	105	108	104	118
1951....	113	143	151	118	200	106	119	117	129
1952....	128	168	158	141	206	108	122	117	144
1953....	146	194	175	149	247	117	122	125	162
1954....	190	381	208	192	385	161	122	163	242
1955....	260	408	271	227	413	198	122	217	290
1956....	323	502	338	262	422	225	135	258	350
1957....	370	517	386	294	468	277	144	299	392
1955:									
Janeiro.	215	407	234	220	420	192	122	217	268
Fevereiro	222	406	236	222	421	196	122	217	271
Março...	257	406	249	224	422	196	122	217	287
Abril...	264	407	261	224	407	192	122	217	290
Maio....	263	407	273	224	407	199	122	217	291
Junho...	265	407	283	224	411	199	122	217	292
Julho...	261	408	284	224	411	201	122	217	293
Agosto..	265	407	284	224	411	201	122	217	293
Setembro	267	407	289	224	411	201	122	217	295
Outubro.	270	407	289	225	411	201	122	217	296
Novembro	283	415	284	245	411	201	122	217	304
Dezembro	287	414	285	245	411	202	122	217	305
1956:									
Janeiro.	310	495	266	253	421	220	122	242	334
Fevereiro	313	495	292	260	421	222	122	242	339
Março...	316	495	291	260	421	222	122	242	340
Abril...	318	497	311	260	421	225	122	242	343
Maio....	317	497	311	262	421	225	141	242	344
Junho...	314	497	313	262	421	225	141	242	344
Julho...	322	497	381	262	419	226	141	274	345
Agosto..	325	506	376	265	421	226	141	274	358
Setembro	322	512	377	265	420	227	141	274	358
Outubro.	329	512	376	265	423	227	141	274	361
Novembro	340	512	376	265	424	227	141	274	365
Dezembro	348	512	383	266	429	227	141	274	370
1957:									
Janeiro.	356	517	389	290	449	260	141	299	380
Fevereiro	365	517	387	294	449	260	141	298	384
Março...	363	517	387	294	451	260	144	299	389
Abril...	363	517	387	294	451	269	144	299	389
Maio....	361	517	387	294	471	269	144	299	390
Junho...	361	517	384	294	471	274	144	299	390
Julho...	361	517	384	294	472	279	144	299	390
Agosto..	375	517	385	294	457	279	144	299	395
Setembro	379	517	385	294	457	286	144	299	397
Outubro.	375	518	385	294	494	294	144	299	398
Novembro	383	518	385	294	497	294	144	299	401
Dezembro	393	518	385	295	497	294	144	299	405

to Alegre. Para o cálculo do índice foi empregada a fórmula agregativa ponderada de Laspeyeres, modificada, com ponderação das quantidades consumidas no mês de abril de 1954 e outras correspondentes ao total do ano de 1953.

O índice se compõe das despesas referentes à Alimentação, Habitação, Vestuário, Saúde e Higiene Pessoal, Fumo e Bebidas, Combustíveis, Previdência e Sindicalismo e Outros Consumos, representando, respectivamente, as seguintes percentagens ou pesos: 39,07, 23,02; 10,41; 7,83; 5,60; 4,24; 4,15 e 5,68%.

Nas despesas com Alimentação entram 35 artigos com os seguintes pesos: *Cereais e Derivados*: arroz 6,55; farinha de trigo, 2,13; feijão 1,87; macarrão 2,45; milho 1,52; *Carnes e Embutidos*: carne de gado 20,9; carne de galinha 2,92; charque 0,78; linguiça 2,41; salame 0,99; *Gorduras*: banha 4,42; óleo comestível 1,66; óleo de oliva 0,68; *Laticínios*: leite 10,27; manteiga 3,72; queijo 1,02; *Frutas e Verduras*: aipim 1,10; alface 1,20; banana 2,17; batata-doce 0,91; cenoura 0,81; couve e repolho 1,04; laranja ou uva 1,87; maçã 0,96; tomate 1,27; *Condimentos*: alho 0,30; cebola 1,14; fermento 0,31; sal 0,36; tempêro verde 0,35; vinagre 0,34; *Diversos*: açúcar refinado 5,00; batata-inglês 3,33; ovos 2,10; pão 11,36.

No título Habitação foram incluídos 10 itens com os seguintes pesos: aluguel 71,39; cêra 0,53; consertos e pinturas 2,72; insetici-

Telegrate e telefone para o Exterior



VIA RADIOBRAS

(VIA DIRETA)

Serviços Rápidos de Radio-
comunicações Internacionais

(37 ligações diretas
com o Exterior)

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - SANTOS - RECIFE

das 1,02; lixas 0,56; móveis 10,30; palha de aço 0,41; roupa de cama e mesa 4,41; sabão 7,31; vassouras 1,35.

Nas despesas com Vestuário entram 13 artigos com os seguintes pesos: casaco e abrigo 7,99; chapéu 0,89; camiseta (homem) 1,35; roupa branca (homem) 9,58; roupa de brim 5,12; traje de lã 15,60; traje de linho 11,54; sapatos 19,48; camiseta (mulher) 0,81; roupa branca (mulher) 5,52; saia e blusa 4,80; vestido de lã 8,37; vestido de algodão 8,95.

Nas despesas com Saúde e Higiene entram 9 itens com os seguintes pesos: barbeiro 7,89; dentifício 4,52; dentista 6,93; lâminas para barbear 2,58; médico 7,64; pó de arroz 3,60; remédio de casa 56,75; remédio de hospital 4,79; sabonete 5,30.

Nas despesas com Fumo e Bebida entram os artigos seguintes com os respectivos pesos: café em pó 49,26; cerveja 5,06; cigarros

34,54; erva para chimarrão 5,35; vinho 5,79.

Nas despesas com Combustíveis entram 4 itens com os pesos seguintes: lenha 50,97; eletricidade 29,93; álcool 9,94; querosene 9,16.

Nas despesas com Previdência e Sindicalismo entram os Institutos e Caixas, e Sindicatos com os pesos, respectivamente, de 92,55 e 7,45.

Nas despesas com Outros Consumos entram os itens seguintes com os pesos: educação e cultura 33,33; diversões 15,91; transporte 50,76."

Divulgamos também um QUADRO, discriminando os títulos que compõem o Índice, a partir de janeiro de 1949 a dezembro de 1957. As pequenas oscilações que se verificam em alguns meses na coluna "Alimentação", devem ser atribuídas às variações de preços de gêneros, frutas e, principalmente, verduras.



Para a Europa ou para o Sul

HOMENS DE NEGÓCIOS VOAM PELA LUFTHANSA

— a tradicional eficiência alemã a serviço de seu conforto!

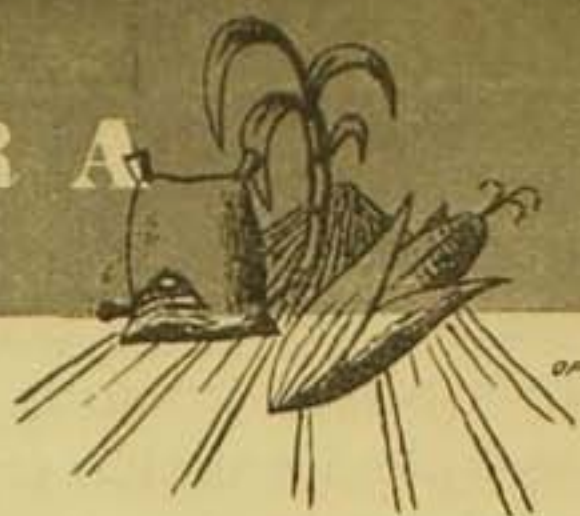
Com luxo e conforto inexcusáveis, V. S. chegará *mais depressa* pelos modernos Super-G Constellation da Lufthansa. Três vôos semanais colocam-no em contato com os mais ricos e conceituados centros comerciais e industriais da Europa. Dois vôos por semana para o Sul, constituem rápida e excelente aproximação com os maiores mercados na América Latina: Montevideu, Buenos Aires e Santiago do Chile.

Correspondência - Encomendas - Cargas — Consulte sua agência de viagens ou a

LUFTHANSA
LINHAS AÉREAS ALEMÃS

Primeira Classe
e
Classe Turista

Rio de Janeiro Av. Presidente Wilson, 123 - Tels.: 22-3480 - 42-6578 - 42-7903
São Paulo: Praça da República, 186 - Tels.: 37-1464 - 35-2423 - 35-2309
Porto Alegre: Av. Borges de Medeiros, 308 - 13º andar - s/133 - Tel.: 9-2955



ALGODÃO – Melhoram as perspectivas

Na região meridional do país, já há interesse, nesta época do ano, pela próxima safra algodoeira, de vez que se acerca a fase do plantio. No Nordeste, dentro de mais um mês terá início a nova colheita, que não será das melhores, em virtude da seca que tem assolado grandes áreas da Região. Anuncia-se ser a produção nacional da safra de 1959, não obstante a quebra no Nordeste, cerca de 50 a 60% mais elevada que a presente no mercado. Admite-se que a colheita do ano vindouro se aproximará de 450 mil t, o que dará para atender as 240 mil t consumidas pelo mercado interno e deixar um excedente exportável da ordem de 200 mil t.

Estas previsões são sobremaneira animadoras, notadamente quando se sabe que nas três últimas safras a produção algodoeira se mostrou sensivelmente reduzida. A colheita que está sendo negociada não ultrapassará 300 mil t: cerca de 186 mil t na Região Sul e mais ou menos 100 mil t no Norte. Considerando as necessidades do consumo nacional, as disponi-

bilidades exportáveis deste ano não vão além de 50 mil t.

* * *

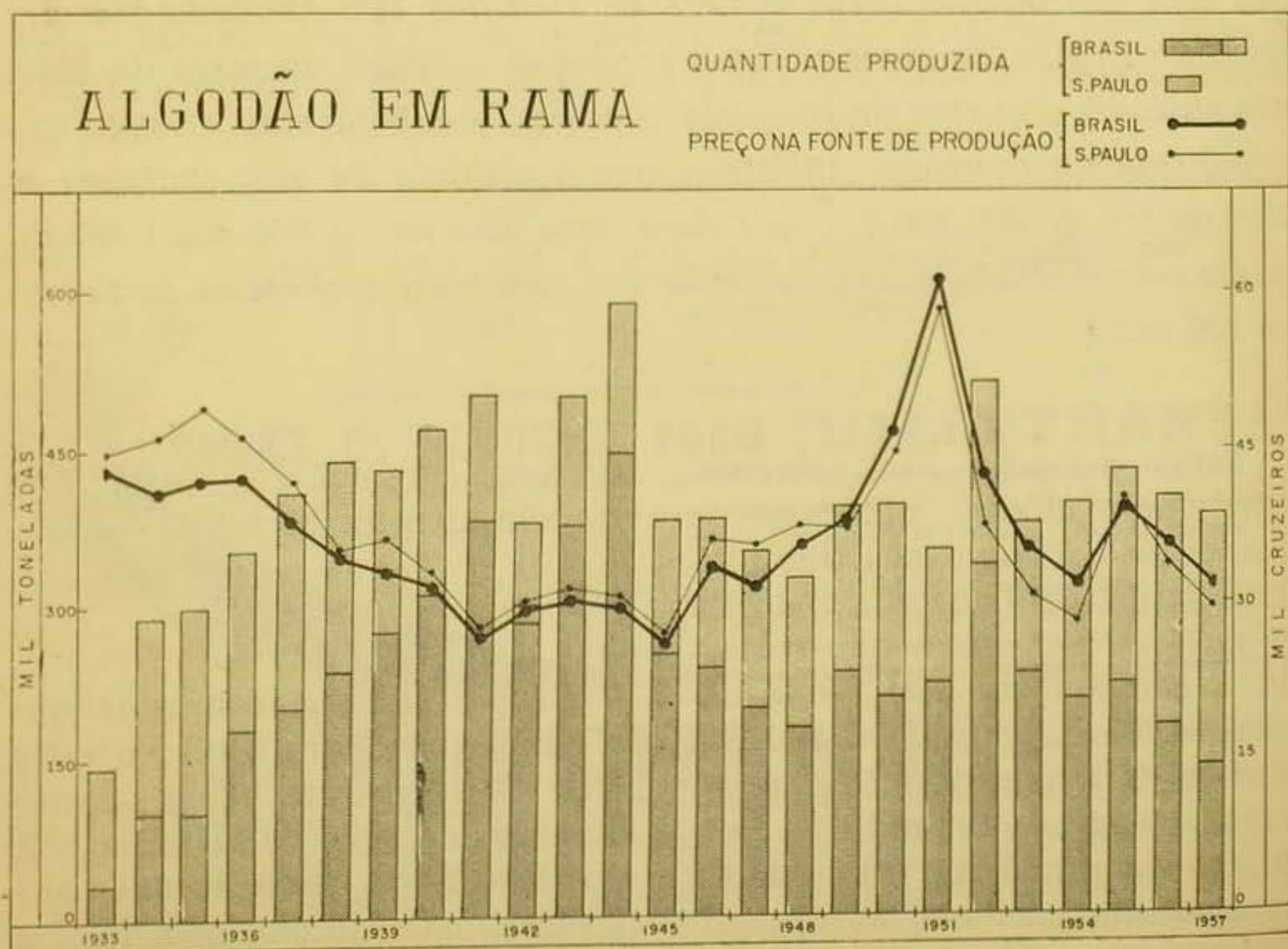
As perspectivas otimistas que se apresentam para a futura safra estão estreitamente ligadas à melhor remuneração do lavrador pelo seu trabalho. A elevação das bonificações, determinada pela Instru-

ção 157 da SUMOC, de junho último, permitindo ao algodão ser exportado a uma taxa de câmbio de 70 cruzeiros por dólar, contra 61,40 cruzeiros anteriormente, além da promessa de financiamento governamental em bases mais altas, revigorou o ânimo dos cotonicultores a expandirem a área de plantio na próxima safra.

Aliás, é nesse aspecto da remuneração dos lavradores que repousa a maior parte dos motivos da crise algodoeira dos últimos tempos, muito embora alguns analistas indiquem razões climáticas, presença de pragas, cansaço das terras, além de outras, que prejudicam o rendimento cultural, motivando o desinteresse dos lavrado-

res. Entretanto, conforme nos parece, afastadas as causas climáticas, onde a interferência corretiva do homem se torna mais difícil e de resultados mais ou menos remotos, as demais apontadas são tecnicamente corrigidas em curto prazo, necessitando apenas de recursos apropriados. Dessa forma, tais males são, portanto, efeitos e não causas, residindo estas na escassez dos citados recursos.

A análise dos preços recebidos pelos lavradores, em moeda constante, mostra que nos dias atuais os produtores estão sendo menos remunerados que anos atrás. Essa perda de substância na remuneração dos cotonicultores, assinalada nos últimos anos, constitui, sem



dúvida, a causa central do recesso da cotonicultura nacional, notadamente a da Região Meridional do país. Vista a questão algodoeira sob êsse prisma, vamos a seguir analisar a produção e o mercado nacionais de algodão, emprestando maior destaque à cotonicultura paulista.

EVOLUÇÃO DAS SAFRAS

Não obstante a cultura algodoeira no país se haver incrementado em 3 fases distintas da história moderna — a) durante a revolução industrial; b) por ocasião da Guerra de Secessão, nos Estados Unidos; c) com a crise econômica mundial e, conseqüentemente, com o resultante “crack” do café nos primeiros anos da década de 1930 —, o nosso interesse irá circunscrever-se exclusivamente ao último período, pois foi nêle que o Brasil se tornou destacado produtor mundial.

A sensível redução nos níveis de renda da maioria dos países, determinada pela depressão econômica mundial nos primeiros anos da década de 1930, motivou forte diminuição na procura internacional do café, deslocando, assim, fatores de produção dessa para outras culturas. Isso deu lugar, a partir dos primeiros anos de 1930, à expansão da cultura algodoeira em São Paulo, onde antes era praticada em reduzidíssima escala. O Nordeste possuía então uma cultura de algodão mais desenvolvida,

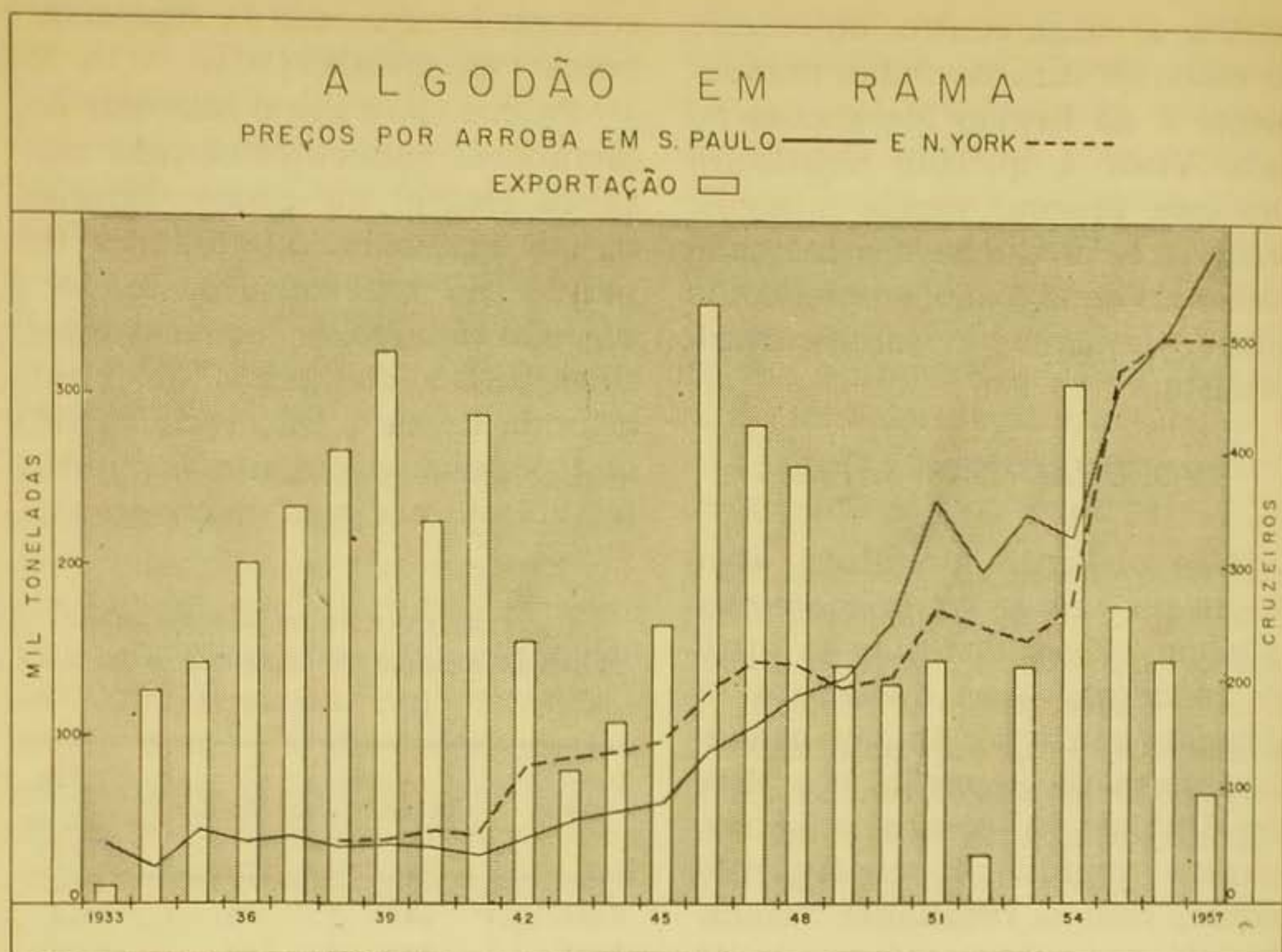
com predominância da espécie arbórea (ver QUADRO I).

Parece claro que o interesse dos lavradores bandeirantes pela malvacea estêve, na época, estreitamente ligado às dificuldades reinantes na cafeicultura, tendo o algodão aparecido como simples substitutivo da perda de renda oriunda do café. Não resta dúvida que o desenvolvimento da indústria têxtil nacional determinaria,

I - PARTICIPAÇÃO DE SÃO PAULO NA PRODUÇÃO BRASILEIRA DE ALGODÃO EM RAMA
(Mil toneladas)

ANOS	BRASIL	SÃO PAULO	% DE SÃO PAULO SÔBRE O BRASIL
1933....	148	36	24,3
1934....	285	102	35,8
1935....	296	98	33,1
1936....	350	179	51,1
1937....	405	200	49,4
1938....	437	233	53,3
1939....	429	273	63,6
1940....	469	307	65,5
1941....	503	381	75,7
1942....	377	283	75,1
1943....	496	375	75,6
1944....	592	446	75,3
1945....	378	249	65,9
1946....	378	235	62,2
1947....	347	194	55,9
1948....	320	175	54,7
1949....	396	233	58,8
1950....	393	205	52,2
1951....	349	222	63,6
1952....	515	337	65,4
1953....	374	227	60,7
1954....	395	205	51,9
1955....	428	217	50,7
1956....	400	178	44,5
1957....	383	134	35,0

Fonte: S.E.P.



de qualquer forma, um avanço na cultura algodoeira naquele Estado, mas não nas proporções a que atingiu, tornando-se o segundo grande produto da nossa pauta de exportação. Tal aconteceu, graças à necessidade de compensar a diminuição da receita da cafeicultura auferida pelos agricultores. Por outro lado, o progresso da indústria têxtil mundial, que se anunciava com a cessação dos efeitos da crise econômica, abriu perspectivas novas para a cotonicultura nacional, notadamente tendo-se em vista a situação de superprodução do café, determinando permanente aviltamento dos preços da rubiácea no mercado internacional.

Esse complexo de condições econômicas impulsionou a produção de algodão no Estado de São Paulo a partir de meados da década de 1930, cujo sucesso percorreu o decênio de 1940, para na década presente iniciar um movimento reversivo. No último decênio, portanto, o interesse paulista pela cotonicultura passou a diminuir progressivamente. Basta lembrar que, da média de 362 mil t de pluma produzidas em São Paulo, no quinquênio 1940/44, passamos para 175 mil t nos últimos cinco anos (1954/58), o que representa menos da metade dos níveis alcançados na década anterior. Acredita-se que, caso não houvesse crescentes solicitações do mercado in-

terno, a diminuição das safras algodoeiras teria sido ainda maior. Inúmeros fatores determinaram essa situação, mas todos eles, praticamente, se resumem nas questões de preços, sejam os da concorrência internacional, sejam os do mercado interno.

RENDA DOS COTONICULTORES

Está comprovado que o Estado de São Paulo possui condições satisfatórias para o cultivo do algodão. Os conhecimentos oriundos das pesquisas promovidas pelos técnicos da Secretaria da Agricultura após 8 anos de trabalho contínuo, segundo afirma a Comissão Especial do Algodão, podem proporcionar, quando aplicados, colheitas abundantes. Mas, a nosso ver, o que está faltando aos lavradores são os recursos necessários para a aplicação daquelas técnicas ensinadas. A alegação de que o problema da economia algodoeira paulista é fundamentalmente educativo, isto é, dependente do preparo do agricultor no sentido de produzir maior quantidade de algodão de melhor qualidade por área e por preço de custo, não parece totalmente verdadeira. É certo que grande número de agricultores ainda não atentaram para tais vantagens. Mas, seria conveniente, antes de tais generalizações, analisar se os preços atualmente pagos aos lavradores lhes permitem o emprêgo de técnicas mais aprimoradas de cultivo; se o encarecimento dos custos atuais de produ-

ção, face à renda dos agricultores, ainda deixa margem para maiores gastos, com a cultura da malvácea; e se os preços obtidos nos mercados internacionais, convertidos à taxa de câmbio da categoria dos produtos exportáveis em que se enquadra o algodão, constituem estímulos à produção. Estas indagações, esclarecidas pelas estatísticas disponíveis, levam-nos à conclusão de que o maior entrave ao desenvolvimento da cotonicultura repousa na ausência de preços remunerativos.

Os QUADROS II e III oferecem as principais séries da evolução da cotonicultura no conjunto do país e no Estado de São Paulo. No QUADRO II nota-se que a produção brasileira de algodão se caracteriza nos últimos anos por certa diminuição da área cultivada e maior redução das quantidades colhidas, o que se traduz em sensível queda do rendimento médio das plantações. Quanto ao valor da produção, verifica-se que, em cruzeiros de 1957, nos últimos tempos os preços pagos aos produtores são menores que antes da Segunda Guerra Mundial e no quinquênio 1948/52. Essas mesmas características, com tendências mais acentuadas, aparecem nas séries relativas à cotonicultura paulista, refletindo ser a crise algodoeira nacional localizada no Estado bandeirante, principalmente.

Parece certo que residem nessa baixa real dos preços pagos aos lavradores os motivos da queda da produção. De fato, em 1933, o la-

II - PRODUÇÃO BRASILEIRA DE ALGODÃO

ANOS	ÁREA CULTIVADA (1000 ha)	RENDIMENTO MÉDIO		QUANTIDADE TOTAL (1 000 t)		VALOR DA PRODUÇÃO (Milhões de Cr\$)		PREÇO NA FONTE DE PRODUÇÃO (Cr\$/t)			
								Em moeda corrente		Em moeda de 1957	
		Kg/ha	Cr\$ / ha	Rama	Caroço	Rama	Caroço	Rama	Caroço	Rama	Caroço
1933...	889	570	636	148	353	438	127	2 959	360	42 271	5 142
1934...	1 589	600	660	285	664	814	235	2 856	354	40 800	5 057
1935...	1 765	560	692	296	694	978	243	3 304	350	41 300	4 375
1936...	1 968	600	740	350	820	1 179	277	3 369	338	42 112	4 225
1937...	2 181	604	779	405	945	1 379	319	3 405	338	37 833	3 755
1938...	2 350	619	787	437	1 019	1 504	346	3 442	340	34 420	3 400
1939...	2 273	629	776	429	1 000	1 421	342	3 312	342	33 120	3 420
1940...	2 412	648	728	469	1 094	1 475	282	3 145	258	31 450	2 580
1941...	2 493	673	711	503	1 174	1 487	286	2 956	244	26 873	2 218
1942...	1 931	651	927	377	880	1 434	356	3 804	405	29 261	3 115
1943...	2 424	682	1 203	496	1 158	2 414	501	4 867	433	30 419	2 706
1944...	2 808	639	1 277	592	1 167	3 147	439	5 313	376	29 517	2 089
1945...	2 722	421	851	378	746	2 040	276	5 390	370	25 667	1 762
1946...	2 478	462	1 403	378	744	3 168	309	8 386	415	33 544	1 660
1947...	2 470	425	1 480	347	683	3 255	403	9 387	590	31 290	1 967
1948...	2 308	420	1 698	320	629	3 484	434	10 903	689	35 171	2 223
1949...	2 497	480	2 112	396	780	4 774	500	12 057	641	37 678	2 003
1950...	2 689	443	2 575	393	774	6 273	652	15 963	842	46 950	2 476
1951...	2 487	400	3 551	349	620	8 101	731	23 225	1 179	61 118	3 103
1952...	3 035	496	3 391	515	942	9 234	1 059	17 915	1 125	41 663	2 616
1953...	2 587	429	2 929	374	695	6 347	1 230	16 928	1 769	34 547	3 610
1954...	2 487	469	3 994	395	742	8 462	1 471	21 411	1 983	36 290	3 361
1955...	2 617	490	5 224	428	813	12 034	1 636	28 087	2 012	39 010	2 794
1956...	2 663	448	5 411	400	762	12 318	2 091	30 826	2 744	35 432	3 154
1957...	2 405	488	5 813	383	753	11 921	2 059	31 125	2 734	31 125	2 734

Fonte: S.E.P.

III - PRODUÇÃO PAULISTA DE ALGODÃO

ANOS	ÁREA CULTIVADA (1000 ha)	RENDIMENTO MÉDIO		QUANTIDADE TOTAL (1 000 t)		VALOR DA PRODUÇÃO (Milhões de Cr\$)		PREÇO NA FONTE DE PRODUÇÃO (Cr\$/t)			
		Kg/ha	Cr\$/ha	Rama	Caroço	Rama	Caroço	Em moeda corrente		Em moeda de 1957	
								Rama	Caroço	Rama	Caroço
1933...	177	680	819	36	85	113	32	3 139	376	44 843	5 371
1934...	393	870	074	102	239	327	95	3 206	397	45 800	5 671
1935...	606	540	784	98	229	383	92	3 908	402	48 850	5 025
1936...	982	610	821	179	417	660	146	3 687	350	46 088	4 375
1937...	984	690	930	200	473	750	165	3 750	370	41 667	4 111
1938...	1 186	643	...	233	530	815	...	3 498	...	34 980	...
1939...	1 026	783	...	273	530	994	...	3 641	...	36 410	...
1940...	1 217	745	...	307	600	1 006	...	3 277	...	32 770	...
1941...	1 261	906	...	381	762	1 135	...	2 979	...	27 082	...
1942...	1 346	700	1 031	283	660	1 091	297	3 900	500	30 000	3 846
1943...	1 667	750	1 358	375	875	1 860	403	5 000	500	31 250	3 125
1944...	1 794	752	1 536	446	878	2 406	351	5 400	400	30 000	2 222
1945...	1 658	454	948	249	489	1 375	196	5 533	400	26 348	1 905
1946...	1 360	524	1 692	235	463	2 117	185	9 000	400	36 000	1 600
1947...	1 241	474	1 829	194	383	2 040	230	10 500	600	35 000	2 000
1948...	1 001	529	2 252	175	344	2 027	227	11 600	660	37 419	2 129
1949...	1 163	606	2 637	233	458	2 792	275	12 000	600	37 500	1 875
1950...	1 256	496	2 701	205	405	3 081	312	15 000	600	44 118	1 765
1951...	1 039	589	5 145	222	371	4 935	411	22 200	1 110	58 421	2 921
1952...	1 460	660	4 137	337	590	5 392	649	16 000	1 100	37 209	2 558
1953...	1 024	638	3 996	227	396	3 389	703	14 952	1 776	30 514	3 624
1954...	862	678	5 517	205	361	4 105	651	20 000	1 800	27 778	2 500
1955...	871	721	8 090	217	387	6 221	825	28 616	2 133	39 744	2 963
1956...	790	658	7 805	178	322	5 233	933	29 387	2 896	33 709	3 328
1957...	474	876	9 892	134	258	3 943	746	29 425	2 891	29 425	2 891

Fonte: S.E.P. e Bolsa de Mercadorias de São Paulo.

vrador brasileiro recebia por uma tonelada de pluma (em cruzeiros de 1957) cerca de Cr\$ 42 300,00. Durante vários anos subsequentes os níveis de preços reais foram favoráveis, declinando consideravelmente a partir de 1938, para atingir o ponto mais baixo em 1945 (Cr\$ 25 700,00). O triênio 1950/52 constituiu o período de preços mais altos para o produtor desde 1933, quando giraram em torno da média anual de Cr\$ 50 000,00 por tonelada. No que tange ao Estado de São Paulo, nota-se idêntico comportamento nos preços reais recebidos pelos cotonicultores, não obstante as flutuações se tornarem às vezes mais suaves. Os preços reais pagos aos produtores pelo caroço de algodão acompanharam a marcha percorrida pelo pluma. Convém salientar, entretanto, que as vantagens auferidas pelo algodão em rama no triênio 1950/52 não foram verificadas com relação ao caroço. Isso, talvez, tenha sido consequência do tabelamento de preços a que o produto tem estado sujeito.

Tendo em vista essa depreciação dos preços reais e, portanto, quebra na renda dos agricultores, e ainda a substancial elevação do custo de produção, parece compreensível que tal situação resultasse em desestímulo à cotonicultura. Como consequência decisiva da inflação, registrou-se o encarecimento progressivo da mão-de-obra e das utilidades essenciais à cultura.

Segundo uma pesquisa realiza-

da pela Comissão Especial do Algodão na safra de 1956/57, o custo de produção de uma arroba de algodão paulista era de 118,00 cruzeiros, enquanto na mesma safra o preço médio de venda da arroba foi de 187,10 cruzeiros. De acordo com esse cálculo do custo de produção, a renda bruta por alqueire plantado era de 41 070,60 cruzeiros, e as despesas com a produção de 24 696,00 cruzeiros, resultando, assim, uma renda líquida de 16 374,60 cruzeiros por alqueire.

Aquêle custo de produção da safra de 1956/57, estimado em 118,00 cruzeiros por arroba, quando confrontado com o cálculo que se fez para a safra de 1953/54, cujo resultado ideal era de 63,36 cruzeiros, mostra que a sua elevação no decorrer dessas cinco safras foi da ordem de 86%. Nesse mesmo período o custo da vida cresceu de 112%. Aparentemente, tais cifras indicam que parece ter havido larga vantagem entre os preços dos bens e serviços empregados no cultivo do algodão, relativamente ao encarecimento global das utilidades de consumo generalizado. Todavia, a interpretação mais razoável para o problema deve ser a de que, não permitindo os preços obtidos pelo produto no mercado custos mais elevados, os lavradores passaram a gastar proporcionalmente menos com o cultivo. Tal fato parece verdadeiro quando se examina a distribuição percentual das diversas despesas que compõem o custo da produção (ver QUADRO IV).

IV - SÃO PAULO - CUSTO MÉDIO DAS
OPERAÇÕES POR ALQUEIRE

DISCRIMINAÇÃO DAS DESPESAS	SAFRA 1956/57		SAFRA 1951/ 1952 %
	Gastos em cruzeiros	%	
Arrendamento....	3 196,20	11,5	7,1
Preparo do solo..	2 366,70	8,5	6,7
Adubação.....	4 995,00	17,9	11,8
Plantio.....	814,20	2,9	3,2
Desbaste.....	417,10	1,5	1,1
Cultivo.....	2 181,70	7,8	9,8
Capação.....	310,70	1,1	0,3
Tratamento.....	4 179,50	15,0	25,0
Colheita.....	6 298,50	22,6	22,7
Transporte.....	1 086,70	3,9	2,6
Arrancamento de soqueira.....	584,60	2,1	8,2
Eventuais.....	1 460,90	5,2	1,5
T O T A L	27 891,80	100,0	100,0

Fonte: Comissão Especial do Algodão.

O algodão, como é sabido, exige grande quantidade de mão-de-obra na época da colheita, em virtude de os processos mecânicos ainda não serem muito generalizados e da premência com que a fibra deve ser colhida após a abertura da maçã. Daí resultar forte participação das despesas com a mão-de-obra na formação global do custo de produção. Os itens relativos à colheita, ao tratamento das plantações e à adubação, os mais importantes na constituição do custo, absorveram na safra de 1956/57 cerca de 55,5% do total, enquanto na de 1951/52 carregavam 59,5%. O item referente ao tratamento prende-se quase exclusivamente ao combate às pragas, o que é feito na quase totalidade

com inseticidas e fungicidas importados; em 1956/57 absorveu ele somente 15% do custo total contra 25% na safra de 1951/52. Esse é, pois, um dos principais motivos que têm determinado a quebra do rendimento e da qualidade da fibra registrada nas últimas colheitas. Por outro lado, o arrendamento, que participava com apenas 7,1% (1951/52), naquela safra de 1956/57 teve sua quota aumentada para 11,5%. Essas considerações e as cifras do QUADRO IV evidenciam que, tendo havido maior encarecimento daqueles itens de que mais depende o aprimoramento da cultura algodoeira, e não havendo os preços do produto permitido aos lavradores acompanhar esse encarecimento, foram exatamente tais itens os que sofreram maior compressão dos gastos, com reflexos prejudiciais sobre as colheitas.

PERSPECTIVAS

A crise algodoeira dos últimos anos, cujos reflexos mais sérios têm-se localizado no Estado de São Paulo, necessita ser debelada quanto antes. A melhoria esperada na próxima safra pode significar o início do término de tais dificuldades nesse importante setor da nossa produção agrícola. É necessário que os lavradores encontrem estímulos concretos e estes têm de começar com medidas que propiciem a elevação de sua renda real, a fim de poderem aplicar com eficiência as técnicas mais aprimoradas de cultivo que se conhecem.

A redução do espaçamento nos algodoeiros, a melhor observação das épocas de plantio, o aprimoramento dos tratos culturais (preparo e conservação do solo), além do uso mais generalizado e tecnicamente adequado de adubos, fertilizantes e inseticidas, quando se tornam economicamente viáveis, poderão impulsionar consideravelmente os níveis de produção. A perda relativa de substância da renda dos agricultores, aliada à ausência de financiamento técnico, vem determinando notável relutância no uso de inseticidas e fertilizantes, em contínuo processo de encarecimento. Essa situação tem sido prejudicial à produção, notadamente no que tange à insuficiência observada no combate às pragas. Diante de tais desestímulos, em particular quando o café era protegido invulgarmente, não constitui fato estranhável a queda vertical no volume das últimas safras, com reflexos gravíssimos sobre as exportações do produto e, conseqüentemente, sobre a receita cambial do país e a sua posição competitiva nos mercados mundiais.

A formulação de uma nova política, como a que no momento se encontra em pauta nos meios governamentais, visando à expansão de nossas exportações, deve ter em vista, em primeiro plano, as possibilidades que o algodão oferece. Já exportamos quantidades apreciáveis de algodão e seus subprodutos, constituindo esta uma experiência que precisa ser revivida. A Região meridional do país, especialmente o Estado bandeirante, possui ótimas condições para o desenvolvimento da cultura algodoeira, necessitando-se fazer apenas com que aqueles estímulos reclamados pelos lavradores e que já foram usufruídos em outras épocas voltem a produzir os seus efeitos. A expansão das exportações brasileiras depende consideravelmente, pelo menos a prazo médio, do aumento das safras de algodão. Espera-se, pois, que as perspectivas de crescimento da produção no próximo ano se concretizem e que as condições propiciadoras de melhores resultados na cotonicultura sejam ampliadas e se tornem estáveis.



BANCO DA AMÉRICA

Sociedade Anônima

MATRIZ: SÃO PAULO

Capital e Reservas: Cr\$ 303.000.000,00

UMA INSTITUIÇÃO BANCÁRIA A SERVIÇO
DA ECONOMIA BRASILEIRA

No Rio: Rua da Quitanda, 71/75 — Rua da Alfândega, 69

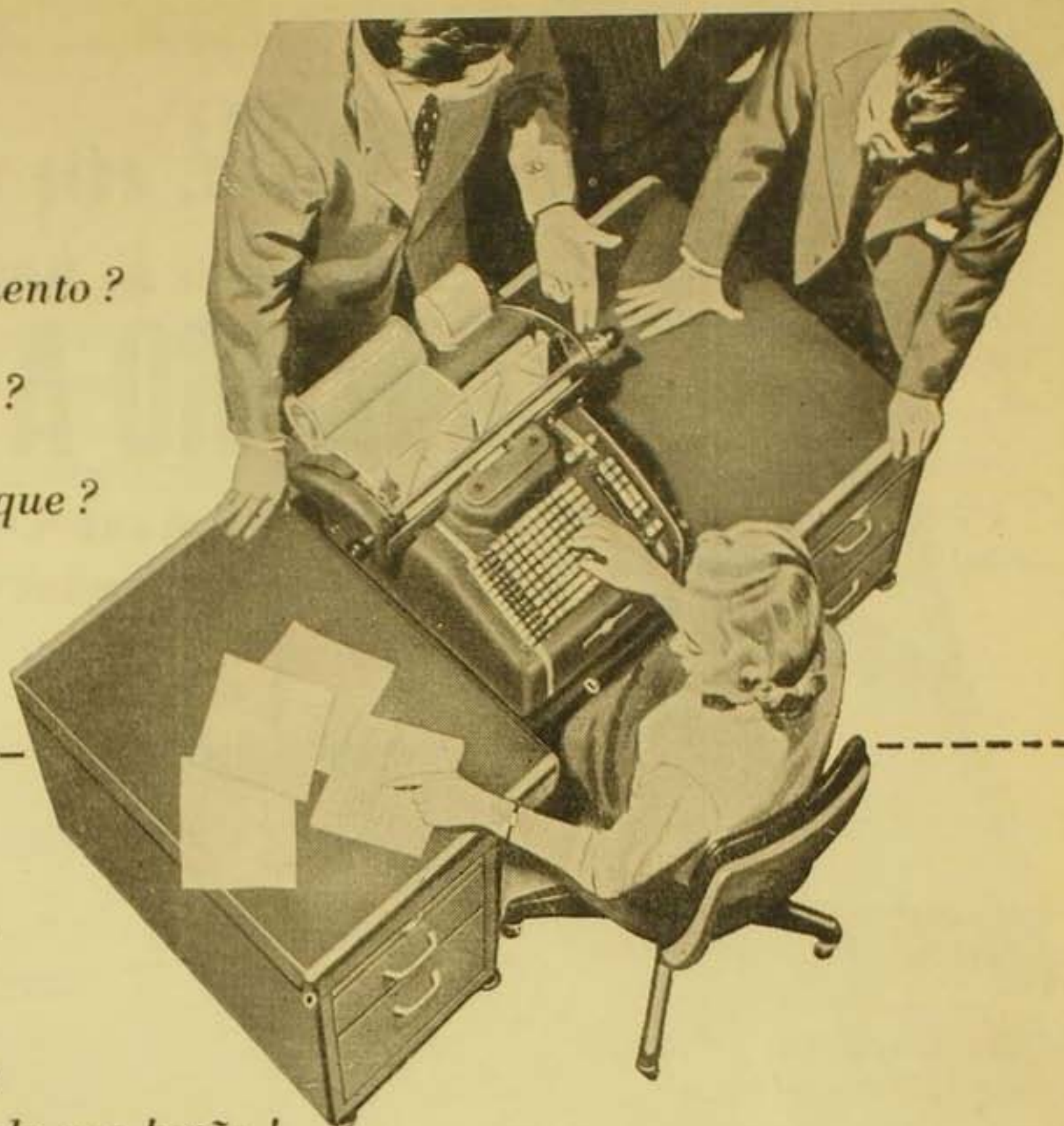
Av. N. S. de Copacabana, 1.120

Diário e Razão?

Fôlhas de Pagamento?

Contas Correntes?

Contrôle de Estoque?



Sim!

*Inúmeras tarefas
ao simples girar de um botão!*

Sensimatic

realiza uma "revolução" em sua contabilidade

Este exclusivo painel de controle dirige automaticamente cada movimento do carro e as diversas operações contábeis. Cada painel controla 4 serviços diferentes — em qualquer combinação. Podem ser permutados instantaneamente... e não há limite para o número que pode ser usado.



Onde há negócios
há máquinas Burroughs

Burroughs

CIA. BURROUGHS DO BRASIL, INC.

Rio de Janeiro: Rua Visconde de Inhaúma, 134-12.º andar - Tel.: 23-1847

São Paulo: Largo do Paissandu, 51-Sobreloja - Tel.: 37-5174

Pôrto Alegre: Rua Pinto Bandeira, 534 - Tel.: 9-1251

Distribuidores em todo o Brasil

Em vez de adiar sua viagem, adie o pagamento...

utilizando-se das facilidades do

"CRUZEIRO A PRAZO"

PLANO A
20% de entrada e
3 prestações

PLANO B
20% de entrada e
5 prestações

PLANO C
20% de entrada e
8 prestações



Um desses planos, certamente, enquadra, em seu orçamento, a viagem que o Sr. quer fazer. A Cruzeiro do Sul estendeu as facilidades do CRUZEIRO A PRAZO a todas as suas linhas e escolas, permitindo-lhe viajar para qualquer ponto do território nacional. Ao planejar sua viagem de negócios ou de férias, procure conhecer as vantagens do "CRUZEIRO A PRAZO"

Os novos e modernos

"Convair 440" da Cruzeiro do Sul oferecem:

- Cabine pressurizada
- Ar condicionado
- Poltronas reclináveis
- Refeições quentes durante a viagem
- Máxima atenção aos passageiros

Viaje com rapidez e conforto num "Convair - 440" da Cruzeiro do Sul, utilizando-se das facilidades do "CRUZEIRO A PRAZO"



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

ERVA-MATE — RECUPERA-SE COMO PRODUTO EXPORTÁVEL

A erva-mate ocupa posição de certo destaque na economia nacional, sendo um dos mais importantes produtos de nossa atividade extrativa vegetal. Com efeito, a produção da *ilex*, além de atender a ponderável demanda interna, proporciona ao país, através de suas exportações, uma receita da ordem de 15 milhões de dólares anuais. Representa, ainda, cerca de 7%, 28% e 39% do valor total alcançado por nossas vendas a três países da América Latina — Argentina, Uruguai e Chile.

A PRODUÇÃO

A produção de erva-mate se faz em quatro Unidades da Federação — Paraná, Santa Catarina, R. G. do Sul e Mato Grosso —, que detêm 38%, 25%, 24% e 13%, respectivamente, do total nacional: aproximadamente 120 mil t anuais. Nos referidos Estados se disseminam extensas concentrações de ervais, cuja exploração vem sendo realizada dentro da intensidade que as condições gerais de cada região permite.

Obtém-se nos ervais do Paraná, Santa Catarina e R. G. do Sul um rendimento médio de 300 kg de erva-mate por hectare. Dado que o ciclo vegetativo da planta do *ilex* é de 3 anos, adota-se ali a prática de se dividir o erval a ser explorado em 3 partes, realizando-se a colheita do primeiro terço, que, assim, só voltará a receber nova poda uma vez decorridos 3 anos.

Antes de chegar ao consumidor, a erva-mate passa por duas grandes fases, uma das quais — a

primeira — a cargo do produtor. Esta se denomina “ciclo do cancheamento”, comportando o corte, a sapêco, a secagem, a malhação e finalmente a coagem, isto é, o peneiramento ou limpeza.

Os Estados do Paraná e Santa Catarina produzem um tipo de erva com semelhança de paladar (fraco, em confronto com o mato-grossense), sendo iguais os processos de produção utilizados. Disso resulta que, de acordo com as características finais do produto já submetido aos processos de “cancheamento”, será ele classificado como de 1.^a ou 2.^a qualidade, desde que satisfaça os seguintes requisitos:

a) para o de 1.^a qualidade, destinado quase totalmente às exportações para os mercados externos:

1. apresentar coloração uniforme, estar isento de folhas pintadas e sem vestígios de frutificação;

2. coagem em peneiras de 1 1/2 × 50 mm;

3. não conter mais de 3% de pó;
4. conter resíduos superiores a 50%;
5. não conter mais de 10% de umidade;
6. não conter mais de 9% de cinzas;
7. não conter mais de 1 1/2% de cinzas insolúveis em ácido clorídrico a 10%.

b) o de 2.^a qualidade, para atender ao consumo interno, e só em casos raros à exportação, não necessita apresentar coloração uniforme. Pode conter até 2% de frutificação, sua coagem é feita em peneiras das mesmas dimensões da usada para o produto de primeira qualidade, admitindo-se, porém, a existência de pausinhos triturados e frutificação. Deve, todavia, satisfazer as condições constantes dos itens 5, 6 e 7, exigidas ao de 1.^a qualidade. Finalmente, deve conter resíduos superiores a 25%.

O R. G. do Sul produz ervas de duas espécies de paladar: a de *paladar forte*, e a de *paladar fraco*. Essas espécies são também classificadas, de acordo com suas características finais, como de 1.^a ou de 2.^a qualidade. Para as de 1.^a são exigidas as mesmas qualificações indicadas para os produtos paranaense e catarinense, devendo a coagem ser feita em peneiras de malhas de $2\frac{1}{2} \times 70$ mm, não podendo conter mais de 10% de paus e seu resíduo ser superior a 40%. Da mesma forma, o produto de 2.^a qualidade terá as mesmas características, podendo, entretan-

to, conter, após a coagem, até 25% de paus, bem como resíduo superior a 25%.

O Estado de Mato Grosso produz um tipo de cancheado, que também varia de qualidade (1.^a e 2.^a), uma vez satisfeitas as condições mencionadas, variando, apenas: a coagem (peneira de malha de $2\frac{1}{2} \times 70$ mm); resíduo superior a 40% para a de 1.^a qualidade e 25% para a de 2.^a.

A produção de erva-mate não é diretamente contingenciada. Ao contrário do que ocorre com o açúcar, cuja produção sofre a limitação de quotas determinadas anualmente pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, o Instituto Nacional do Mate, autarquia encarregada da execução da política econômica estabelecida para a comercialização e produção do mate, não contingencia diretamente as quantidades a serem produzidas em cada colheita. Todavia, fixa todo ano, a duração da época do corte, limitando-a ou expandindo-a. Para tanto, louva-se no acompanhamento da comercialização das safras anteriores, bem como nas informações recebidas de seus representantes nos mercados importadores, dando conta das disposições e perspectivas para colocação do produto.

No QUADRO I, podemos acompanhar a evolução da produção de erva-mate no período 1944 a 1957. Como se vê, a variação das quantidades produzidas mostra claramente os reflexos daquela sistemática adotada pelo I. N. M., isto é,

I - PRODUÇÃO NACIONAL DE
ERVA MATE CANCHEADA

ANOS	QUANTIDADE (t)	VALOR (Cr\$1 000)	VALOR MÉDIO (Cr\$/t)	ÍNDI- CE (1948= =100)	ÍNDI- CE GE- RAL DE PRE- ÇOS (1948= =100)
1944.	66 272	61 328	925	58	63
1945.	72 941	77 257	1 059	66	72
1946.	62 582	68 121	1 089	68	84
1947.	72 541	91 876	1 267	79	92
1948.	65 772	105 286	1 601	100	100
1949.	73 473	104 135	1 417	89	107
1950.	60 321	92 182	1 528	95	119
1951.	64 796	109 180	1 685	105	140
1952.	60 288	116 463	1 932	121	156
1953.	56 641	163 174	2 881	180	180
1954.	66 382	281 401	4 239	265	228
1955.	67 149	315 785	4 703	294	265
1956.	71 193	406 976	5 717	357	317
1957*	85 000	362

(*) Estimativa.

Fontes: S.E.P., Ministério da Agricultura. Índices Gerais de Preços: "Conjuntura Econômica".

o ajustamento da produção às perspectivas do consumo. Figuram ainda no referido QUADRO colunas relativas a valor da produção, valor médio da t, que expressam a evolução dos preços ao produtor. Estes dados nos permitem notar que até 1952 o comportamento dos preços ao produtor não foi muito favorável a este último, ficando mesmo, nos anos de 1949 e 1950, abaixo do nível de 1948, sem acompanhar o ritmo de crescimento revelado pelo índice geral de preços. Todavia, a partir de 1953, passaram os produtores a ter melhor remuneração, crescendo acentuadamente o valor da tonelada produ-

zida a um ritmo que ultrapassou o da evolução dos preços gerais. Com efeito, enquanto o preço da tonelada registrou um aumento de 98%, entre 1954 e 1956, no mesmo período o índice geral de preços acusou um crescimento de 76%.

Da observação de tais cifras infere-se, pois, que o produtor nacional de erva-mate vem sendo, nos últimos anos, perfeitamente compensado em seus esforços.

Por outro lado, eles recebem atualmente assistência técnica e financeira do I. N. M., que, segundo se anuncia, baixou instruções regulando as normas para a aplicação do "fundo rotativo", recém-criado na referida autarquia e destinado ao financiamento dos produtores. Tal financiamento será no valor unitário de Cr\$ 350 mil para a construção de barbaquás (aparelhamento de secagem) e de Cr\$ 150 mil para formação de campo de semente. A taxa de juros desses empréstimos não ultrapassará 8% ao ano.

Com esta medida, o I. N. M. pretende incentivar também a proliferação de ervais plantados, tendo em vista os bons resultados obtidos em plantações experimentais no R. G. do Sul e em Mato Grosso.

O BENEFICIAMENTO

Conforme já tivemos oportunidade de assinalar, antes de ficar em condições de demandar a maior parte dos mercados consumidores interno e externo, a erva-mate é

submetida a mais um processamento, este, agora, a cargo do industrial e que consiste no beneficiamento da erva "cancheada" nos engenhos. Nesta fase executam-se as seguintes operações: retificação de secagem, limpeza e trituração a várias granulações e em seguida a prensagem. Dessas operações surgem os diversos tipos que disputam as condições preferidas pelos importadores.

De modo geral, os industriais procuram localizar seus engenhos nas proximidades dos centros de produção, evitando, assim, o ônus das despesas com transportes e as quebras mais pesadas que sempre se verificam ao levar-se o produto cancheado a distâncias maiores.

Do beneficiamento em aprêço surgem dois grupos: o *chá* e o *chimarrão*. Estes são, por sua vez, classificados em vários tipos, segundo a composição final e sempre em obediência às exigências e disposições dos mercados consumidores, especialmente o externo.

O Paraná e Santa Catarina, por exemplo, elaboram 11 tipos padronizados de *chimarrão*, dos quais: 1 para exportação para a Argentina, etc; 5 para atender à demanda do Chile; 3 para o Uruguai, Estados do R. G. do Sul e Mato Grosso e 2 exclusivamente destinados ao consumo interno do país. Nos tipos em causa, variam as porcentagens de composição de folhas trituradas, de talinhos, goma e pó, bem como o índice de aproveitamento. No tocante ao *chá*, as Unidades Federadas referidas produ-

zem 5 tipos, todos para exportação e consumo nacional.

Tôda a erva-mate beneficiada no R. G. do Sul se destina ao consumo próprio, que é o mais elevado do país. No entanto, a despeito das dimensões do consumo local, é ele inferior ao do Uruguai, muito embora sejam notórios os pontos de contacto dos costumes e hábitos, quanto à preferência pelas infusões do mate como beberagem cotidiana que se observa entre o uruguaio e o gaúcho, e não obstante a população do R. G. do Sul ser sensivelmente maior que a do Uruguai.

São produzidas, finalmente, nessa Unidade da Federação 6 tipos de beneficiada (o *chimarrão*), nos quais varia a composição de folhas e talinhos triturados ou socados, de paus e pó.

Finalmente, Mato Grosso produz apenas um tipo de beneficiada, todo ele reservado ao consumo nacional.

O *industrial*, pessoa que se ocupa do beneficiamento da erva-mate, é sempre o próprio exportador do produto. Todavia, aparece ainda, nos meios ervateiros, a figura do *exportador*, que se dedica apenas à exportação do produto simplesmente "cancheado". Deve-se assinalar que apenas o Uruguai e a Argentina, sem falar no mercado interno, adquirem o produto não beneficiado.

COMERCIALIZAÇÃO

O QUADRO II resume cifras

II - MOVIMENTO TOTAL DAS VENDAS DE MATE

ANOS	MERCADOS EXTERNOS			MERCADO INTERNO			TOTAL	
	Quantidade (t)	Valor* (Cr\$1000)	Valor médio (Cr\$/ t)	Quantidade (t)	Valor (Cr\$1000)	Valor médio (Cr\$/ t)	Quantidade (t)	Valor* (Cr\$1000)
1944....	47 633	84 726	1 779	16 256	23 108	1 422	63 889	107 834
1945....	52 099	121 766	2 337	17 051	28 388	1 665	69 150	150 154
1946....	50 104	134 644	2 687	15 234	34 921	2 292	65 338	169 565
1947....	54 534	156 870	2 877	16 766	47 807	2 851	71 300	204 677
1948....	48 696	142 578	2 928	15 882	49 237	3 100	64 578	191 815
1949....	45 855	143 175	3 122	15 366	53 733	3 497	61 221	196 908
1950....	48 210	152 516	3 164	15 421	53 873	3 493	63 631	206 389
1951....	46 617	159 390	3 419	18 410	58 533	3 179	65 027	217 923
1952....	46 057	167 533	3 638	16 979	66 902	3 940	63 036	234 435
1953....	39 717	178 350	4 491	21 808	89 313	4 095	61 525	267 663
1954....	49 005	232 321	4 741	20 613	146 461	7 105	69 618	378 782
1955....	51 772	245 459	4 741	22 580	196 461	8 701	74 352	441 920
1956....	62 632	294 619	4 704	29 843	260 316	8 723	92 475	554 935
1957....	55 564	262 143	4 718	30 216	309 106	10 230	85 780	571 249
1958**..	40 206

(*) Exclusive bonificações. (**) Até julho.
Fonte: Instituto Nacional do Mate.

relativas à comercialização da produção de erva-mate. Nêles aparecem colunas referentes ao comportamento dos mercados interno e externo.

Conforme se verifica, o consumo nacional do *ilex* vem-se expandindo regularmente, atingindo, no presente, quase o dôbro da média do período 1947/51. Não obstante, os preços obtidos para a tonelada do produto, embora tenham crescido sensivelmente a partir de 1953, não acompanharam nos 2 últimos anos (1956/57), o ritmo evolutivo do índice geral de preços. Com efeito, considerando-se o ano de 1948 como base (1948 = 100), verificamos que enquanto este último índice alcançou 317 e 362 em

1956 e 1957, respectivamente, o da erva-mate, no mercado interno, cifrava-se em 281 e 330.

Das Unidades Federadas grandes produtoras de mate, o Paraná é a que tem suas vendas disseminadas por todos os pontos do território nacional. Todavia, é curioso acentuar que não é o referido Estado o maior abastecedor do mercado interno. Esta posição pertence nitidamente a Santa Catarina, que vende também ao Paraná uma grande parcela de sua produção. Enquanto o Paraná exportava, respectivamente, 2 758 mil t e 2 718 mil t (em 1956 e 1957), Santa Catarina mandava aos mercados internos 9 566 mil t e 5 678 mil t,

das quais 7 223 mil e 3 729 mil t, para o próprio Paraná.

No Norte e Nordeste destacam-se as vendas aos Estados do Pará e Pernambuco, sendo que este último as vem incrementando satisfatoriamente.

No tocante às remessas para o exterior, o mate aos poucos recupera a posição que desfrutava no cômputo do valor total do comércio externo. Efetivamente, a participação desse produto no valor total de nossas exportações alcançava 2,29% no quinquênio 1921/25; elevou-se para 3,10% nos 5 anos imediatos, começando a declinar a partir de 1931/35, com 2,43% para atingir apenas 0,60% no quinquênio 1949/53. Em 1954 começou a reação do produto, elevando-se a sua participação a 0,88% em 1954, 1,18% em 1955, 1,29% em 1956 e 1,32% em 1957.

O declínio das vendas de mate ao exterior, nos períodos em exame, afetou gravemente a economia ervateira do país, ao mesmo tempo em que se aguçavam os entreshques de interesses entre produtores, industriais e exportadores. Por outro lado, a Argentina, nosso maior importador, já começava a colher os frutos de suas plantações de erva-mate, que nossa imprevidência ajudou a se expandirem. Em pouco, de fornecedores únicos desse país, passamos a atender apenas 1/6 de suas necessidades.

Tal estado de coisas gerou um clima de inanição para os produtores nacionais. Nessa conjuntura é que o governo resolveu intervir

na economia ervateira, criando, em 1938, o Instituto Nacional do Mate, organismo encarregado da execução de uma política de defesa do produto, de promover sua propaganda, objetivando a conquista ou reconquista dos mercados externos.

Para tanto, a autarquia deu início à disciplinação do mercado interno, proibiu a produção de tipos inferiores, enquanto conciliava interesses de produtores e industriais no estabelecimento de preços justos e equânimes.

No presente, embora as exportações se destinem, em sua grande maioria, aos 3 maiores importadores tradicionais de nossa erva — Argentina, Uruguai e Chile —, a demanda de outros mercados, em especial, da Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra, vem-se firmando gradativamente (vide QUADRO III).

Todavia, nossos principais compradores latino-americanos constituem mercados de acentuada instabilidade, pois condicionam as aquisições de erva-mate às suas disponibilidades cambiais. Daí por que a estabilização da economia ervateira nacional dependerá — segundo a unânime opinião — da conquista do grande mercado norte-americano.

Ao que se sabe, são bem amplas as possibilidades para a penetração do produto em causa naquele mercado, que, face às suas reconhecidas dimensões e recursos, poderá vir a constituir-se em nosso principal importador da *ilex*, cana-

lizando para o Brasil apreciável receita em moeda forte. Tudo dependerá, todavia, de uma ação imediata junto ao consumidor em potencial daquele país, através de uma contínua campanha de propaganda das propriedades dietéticas e estimulantes do mate. Por outro lado, é indispensável que os preços do produto estejam ao nível dos de infusões semelhantes. Tudo isso poderá ser conseguido mediante coordenação de esforços do I. N. M., dos produtores, industriais e exportadores e o apoio integral das esferas oficiais. Contudo, a curto prazo, não se deve perder de vista que são fundamentais a manutenção e o desenvolvimento dos atuais mercados sul-americanos, habilitados a absorverem

maior parcela de nossa produção, além do fato de precisarmos manter sempre firmes as nossas correntes de comércio com eles.

É de se considerar também que a conquista do mercado norte-americano implicará de imediato em ponderável elevação dos níveis atuais de produção. Aliás, nas gestões realizadas junto aos importadores americanos, surgem sempre indagações sobre se o Brasil, para atender a uma expansão da demanda, poderá elevar tão rapidamente sua produção. A esse respeito, o I. N. M. realizou recente levantamento de nossas reservas ervateiras, chegando à conclusão de que poderemos multiplicar várias vezes as safras presentes. Contudo, essas extensas reservas têm sua ex-

III - EXPORTAÇÃO DE MATE, SEGUNDO PRINCIPAIS IMPORTADORES
(Em toneladas)

PAÍSES	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958*
Argentina.....	12 349	11 952	10 035	13 804	20 652	20 200	26 764	19 090
Uruguai.....	26 393	22 774	22 274	29 510	25 079	27 501	21 659	13 290
Chile.....	7 788	11 157	7 188	5 261	5 563	14 592	6 717	7 635
Estados Unidos..	24	12	15	26	20	19	22	...
Cuba.....	5	10	5	10	5	10	15	...
Alemanha.....	40	129	154	287	343	239	306	...
França.....	9	4	7	19	33	24	36	...
Inglaterra.....	4	14	26	57	48	29	29	...
Portugal.....	1	-	4	-	3	3	6	...
Suécia.....	1	1	2	2	8	5	3	...
Suíça.....	-	1	2	3	3	3	2	...
Outros.....	3	3	5	26	15	7	5	191
T O T A L	46 617	46 057	39 717	49 005	51 772	62 632	55 564	40 206

(*) Até julho.

Fonte: Instituto Nacional do Mate.

ploração na dependência da construção de estradas adequadas, que atinjam as concentrações ervateiras para o escoamento do produto.

Ainda no QUADRO III aparecem cifras referentes ao valor médio da t exportada, de acordo com os registros do Instituto Nacional do Mate. Esse valor não computa as bonificações concedidas aos exportadores.

Se fôssem estas computadas, o valor médio da t recebido nos últimos anos pelos exportadores revelaria um incremento ponderável (5,0, 7,6, 12,3, 13,3 e 14,6 milhares de cruzeiros, nos anos de 1953 a 1957, respectivamente). Esse crescimento foi muito mais rápido do que o registrado pelo índice geral de preços, conforme se verifica a seguir:

PREÇO DA TONELADA DE MATE EXPORTADA INCLUSIVE BONIFICAÇÕES

Anos	Cr\$/t	Índice:	Índice geral de
		1948=100	preços (1948=100)
1953	4 979	167	180
1954	7 613	258	228
1955	12 281	416	265
1956	13 265	449	317
1957	14 564	493	362

PERSPECTIVAS

São favoráveis as perspectivas para a comercialização da safra atual. Até julho p. p., segundo informa o I. N. M., já se haviam exportado cerca de 40,2 mil t, das quais, 19,1 mil para a Argentina, 13,3 mil para o Uruguai, 7,6 mil para o Chile e 192 para outros mercados. Em igual período de 1957 exportamos 25,9 mil t, portanto, 14,3 mil a menos do que no ano em curso. Note-se que as aqui-

sições já efetuadas pela Argentina nos 7 meses de 1958 são inferiores apenas em 8 mil t a toda a importação daquele país em 1957. O Chile, por sua vez, já nos comprou mais, de janeiro a julho último, do que em todo o ano precedente. Também estão firmes as exportações para o Uruguai (13,3 mil t, de janeiro a julho de 1958, contra 21,7 mil t em todo 1957).

Espera-se, a prazo mais longo, forte incremento na demanda de outros mercados, inclusive o norte-

americano, ante o interêsse que diversos países, entre os quais sobressaem os europeus, liderados pela Alemanha, França e Itália. Também se anunciam possibilidades de aquisições ponderáveis de mate, por parte da União Soviética.

Por outro lado, há notícias de descobertas recentes, realizadas na França, de possuir o mate o ácido pantotênico, base da geléia real de abelha, que vem sendo utilizada em

medicamento de grande procura e custo elevado. A confirmar-se tal possibilidade (segundo as últimas informações, parece já fora de dúvida), abrem-se novas e enormes perspectivas para a economia erva-teira nacional. Também, no intuito de facilitar o consumo interno, cogita-se de promover, no país, a industrialização do produto, com a fabricação intensiva do mate solúvel.

BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS S. A.

Fundado em 1889

Sede : JUIZ DE FORA

SUCURSAIS : Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Agências no Distrito Federal e nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Ceará, Pará e Santa Catarina

RESUMO DO BALANCETE EM 31 DE JULHO DE 1958

A T I V O		P A S S I V O	
	Cr\$		Cr\$
Caixa e Banco do Brasil	1.779.965.906,70	Capital e Reservas	720.700.000,00
Empréstimos e Descontos	7.478.031.569,10	Depósitos	8.782.124.027,30
Outros Créditos ..	2.818.706.258,40	Outras Responsabilidades	2.974.130.742,70
Imóveis e Móveis .	512.871.788,10	Contas de Resultados	193.743.719,20
Contas de Resultados	81.122.966,90	Contas de Compensação	8.577.274.120,00
Contas de Compensação	8.577.274.120,00		
Total	21.247.972.609,20	Total	21.247.972.609,20

Presidente : Joel de Paiva Côrtes — Diretores : João Tavares Corrêa Beraldo, Alvaro Cardoso de Menezes, Carlos Vaz de Melo Megale, José Pereira Teixeira, Daniel S. de Carvalho — Contador : G. Mazzoli, CRC, MG. 703

SÃO PAULO : Rua Líbero Badaró, 152 - 12.º andar — Telefone 36-6341

RIO DE JANEIRO : Av. Franklin Roosevelt, 137 - 8.º andar — Tel. 32-9494

SANTOS : Rua Riachuelo, 42 - 4.º andar — Telefone 2-7263

Escritório Técnico Ramos de Azevedo

Fundado em 1886

SEVERO e VILLARES S.A.

PROJETO e CONSTRUÇÃO
DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS



FORD
FABRICA DE MOTORES

DIRETORIA :

Presidente : Arnaldo Dumont Villares, O. B. E., M. I. C. E.

Vice-Presidente : Eurico Bastos Guimarães

Dir. Superintendente : Roberto Baptista Pereira de Almeida

Diretores : Affonso Iervolino — Carlos Alberto Del Castillo — José Ricardo da Costa Aguiar — José da Silva Couto — Archibald Joseph McIntyre



EXPORTAÇÕES — INDISPENSÁVEIS AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O comércio exterior de qualquer país transforma-se no curso de um processo de desenvolvimento econômico. À medida que se altera a composição dos custos e dos gastos dos consumidores, nota-se correspondente modificação na estrutura das exportações e das importações, com o aparecimento de novos produtos, tanto de um lado como de outro da balança comercial. Igualmente, o comércio exterior acompanhará, com maior ou menor demora, a expansão do volume da produção interna, dependendo da extensão da área territorial do país e da maior ou menor integração econômica existente entre as suas várias regiões.

Quaisquer que sejam, no entanto, os padrões dessa evolução, o certo é que o volume tanto das exportações como das importações deve crescer em ritmo semelhante, pois em essência as importações se pagam com as exportações. Durante certos períodos, as variações nos preços dos produtos importados e exportados (relações de troca) e os movimentos de capitais estrangeiros podem permitir divergências entre a tendência do volume das exportações e das importações. Durante períodos mais longos, porém, esses fatores se compensam.

Tudo isso depende, todavia, de um mínimo de equilíbrio no funcionamento do sistema econômico. Em caso contrário, dá-se o que os

economistas convencionaram chamar de “desequilíbrio fundamental” do balanço de pagamentos e que resulta de um estímulo exagerado às importações, acompanhado de verdadeiro desencorajamento das exportações. A não ser que ocorra paralelamente excepcional melhora das relações de trocas — elevando-se os preços de exportação relativamente aos de importação — a crise cambial se torna insustentável até forçar uma completa modificação estrutural do sistema econômico.

O CASO BRASILEIRO

Se compararmos o crescimento da produção nacional com o com-

portamento das exportações e das importações, desde 1939, eliminando a influência dos preços, sem o que estaria prejudicada aquela comparação, dada a falta de homogeneidade de seu comportamento nos 3 elementos citados, teremos uma idéia da gravidade do "desequilíbrio fundamental" que caracteriza o sistema econômico nacional. No quinquênio 1939/43 exportávamos 15,1% da produção nacional, ao passo que hoje só conseguimos 7,4% (quadriênio 1954/57).

Da mesma forma, as importações passaram de 9,9% para 12,7% nos dois períodos considerados, não obstante a modificação do regime cambial a partir de 1953 (ver QUADRO I).

Outra maneira de aquilatar o desequilíbrio que se faz sentir em nosso intercâmbio comercial com o exterior é através dos índices de quantum. Os dados constantes do QUADRO II indicam que o quantum (volume físico estimado) das exportações decresceu desde 1940,

I - PRODUÇÃO NACIONAL E COMÉRCIO EXTERIOR - 1939/1957
(Bilhões de cruzeiros de 1952)

ANOS	PRODUTO TERRITORIAL	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		MÉDIAS ANUAIS (%)	
		Valores absolutos	% do Produto Territorial	Valores absolutos	% do Produto Territorial	Exportações/Produto Territorial	Importações/Produto Territorial
1939.....	200,3	39,4	19,7	23,6	11,8	15,1	9,9
1940.....	200,3	32,5	16,2	20,8	10,3		
1941.....	210,0	25,7	12,2	21,4	10,2		
1942.....	203,5	28,1	13,8	16,1	7,9		
1943.....	209,0	28,9	13,8	19,2	9,2		
1944.....	219,4	31,7	14,4	23,4	10,7	14,6	11,8
1945.....	234,6	34,1	14,5	23,8	10,1		
1946.....	257,7	42,2	16,4	26,7	10,4		
1947.....	278,3	39,8	14,3	40,9	14,6		
1948.....	294,1	40,1	13,6	36,9	12,5		
1949.....	302,1	36,9	11,9	39,3	13,0	9,3	13,6
1950.....	324,1	31,7	9,8	32,1	13,3		
1951.....	346,5	34,9	10,1	61,3	17,7		
1952.....	360,9	26,1	7,2	55,0	15,2		
1953.....	376,1	30,9	8,2	44,8	11,9		
1954.....	409,2	29,0	7,1	55,0	13,4	7,4	12,7
1955.....	423,9	32,9	7,8	53,5	12,6		
1956.....	438,2	34,1	7,8	54,6	12,5		
1957(1)...	462,7	31,7	6,9	57,9	12,5		

(1) Dados sujeitos a retificação.

Fonte: Conselho Nacional de Economia - Exposição Geral da Situação Econômica do Brasil - 1957, anexo E.

II - PRODUTO REAL E QUANTUM DO COMÉRCIO EXTERIOR
Índice com base 1948 = 100

ANOS	PRODUTO REAL	QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES		QUANTUM DAS IMPORTAÇÕES		MÉDIAS ANUAIS	
		Índice	$\frac{b}{a} \times 100$	Índice	$\frac{d}{a} \times 100$	Das relações da coluna (c)	Das relações da coluna (e)
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)
1947.....	94,1	97	103,1	110	116,9	74,9	125,1
1948.....	100,0	100	100,0	100	100,0		
1949.....	104,4	90	86,2	115	110,2		
1950.....	111,5	78	70,0	140	125,6		
1951.....	118,4	82	69,3	173	146,1		
1952.....	125,6	66	52,5	158	125,8	55,1	100,6
1953.....	128,7	74	57,5	164	127,4		
1954.....	138,8	84	60,5	207	149,1		
1955.....	144,5	82	56,7	145	100,3		
1956.....	149,0	85	57,0	148	99,3		
1957.....	153,4	79	51,5	157	102,3		

Fonte: Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas.

enquanto o das importações apresentou tendência bem ascendente, superando o aumento do produto real interno até 1954, para nos três últimos anos (1955, 1956 e 1957) igualar-se praticamente com êle, em virtude da contenção observada nas importações, por via do sistema cambial vigente desde fins de 1953.

Esse processo só foi possível porque houve, no período (principalmente após 1950), grande elevação nos preços em dólares do café. Tal fato compensou de sobejo a queda do *quantum* das exportações; com efeito, o valor do total das exportações em dólares cresceu significativamente no último decênio (QUADRO III). Esse crescimento é que permitiu, basicamente, a expansão quase simultânea do valor em dólares das im-

portações, ou seja, do volume destas, de vez que o seu preço teve comportamento favorável no período.

Observa-se ainda pelo QUADRO III que o incremento do produto real (volume físico da produção) foi quase paralelo ao do valor em dólares das exportações e importações, superando-o ligeiramente (ver colunas f e g). De 1955 em diante, porém, o produto real subiu mais rapidamente do que o valor em dólares das exportações. Não obstante o fato de grande parte das importações de bens de capitais terem sido financiadas com capitais estrangeiros a partir de 1956, como o valor em dólares das exportações começou a cair a partir de 1955, iniciou-se forte tendência no sentido do desequilíbrio do balanço de pagamentos naquele

ano. Parece não ser mais possível ao produto real continuar a crescer nos próximos anos em ritmo mais acentuado do que o *quantum* e o valor em dólares das exportações, pois o processo de desenvolvimento industrial exige crescentes importações de equipamentos, matérias-primas e combustíveis. Como, entretanto, o crescimento do valor em dólares das importações depende basicamente do aumento do valor em dólares das exportações, vê-se que o incremento do produto real está na estreita dependência do aumento do *quantum* das exportações e dos seus preços.

Daí a ênfase que as atuais autoridades do país têm dado ao problema das exportações, pois sua solução é fundamental à continuação do nosso processo de desenvolvimento econômico.

A POLÍTICA DE EXPORTAÇÃO NO ÚLTIMO DECÊNIO

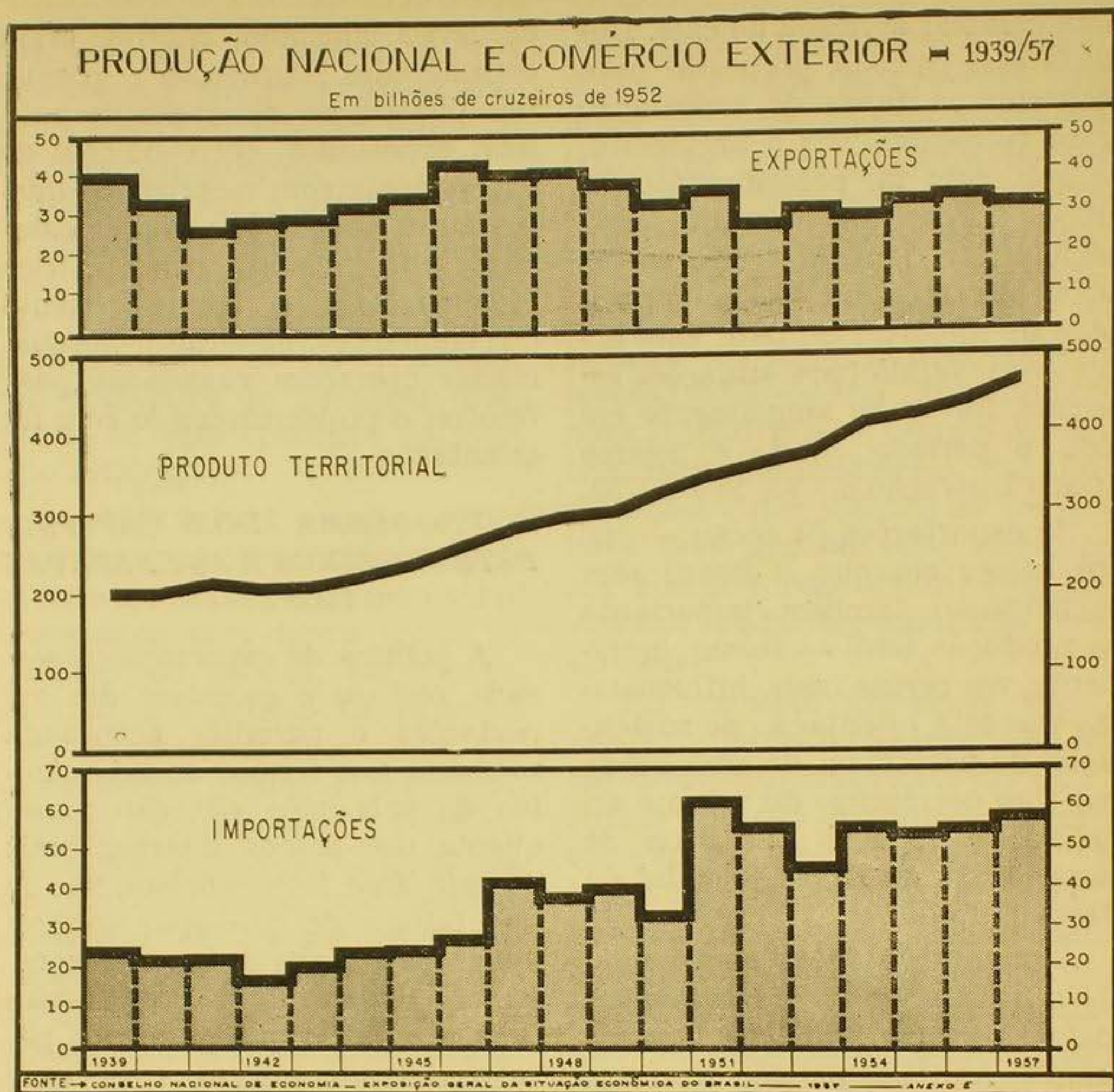
A política de exportação do Brasil nos últimos 10 anos girou em torno do café. A idéia predominante na política do café foi o uso de uma condição de mercado — a posição dominante do Brasil — para melhorar os termos de intercâmbio do país. Até 1953, não obstante a contínua desvalorização monetária interna (o índice do custo da vida no D. Federal, com base 100 em 1948, alcançou 172 em 1953), a taxa cambial aplicada às exportações de café não se alterou, mantendo-se no nível de Cr\$ 18,50 por dólar. Desde 1947, no entanto, a procura de café nos Estados Unidos, Canadá e outros países vinha apresentando persistente tendência ascensional. Os estoques acumulados contribuíram para

III - PRODUTO REAL E VALOR EM DÓLARES DO COMÉRCIO EXTERIOR

Índice com base 1948 = 100

ANOS	PRODUTO REAL	VALOR EM DÓLARES DAS EXPORTAÇÕES		VALOR EM DÓLARES DAS IMPORTAÇÕES CIF		MÉDIAS ANUAIS	
		Índice	$\frac{b}{a} \times 100$	Índice	$\frac{d}{a} \times 100$	Das rela- ções da coluna (c)	Das rela- ções da coluna (e)
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)
1947.....	94,1	97,9	104,0	108,6	115,4	102,2	109,3
1948.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0		
1949.....	104,4	93,1	89,2	98,4	94,3		
1950.....	111,5	115,1	103,2	96,8	86,8		
1951.....	118,4	150,2	126,8	177,3	149,7		
1952.....	125,6	120,4	95,9	177,2	141,1		
1953.....	128,7	131,5	102,2	107,5	83,5	82,3	79,5
1954.....	138,8	133,5	96,2	144,1	103,8		
1955.....	144,5	121,6	84,2	115,3	79,8		
1956.....	149,0	126,7	85,0	108,8	73,0		
1957.....	153,4	119,0	77,6	131,3	85,6		

Fontes: Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas e S.E. E.F. do Ministério da Fazenda.



manter, por certo tempo, os preços em Nova York em torno de 27.0 cents por libra-pêso (26.4 cents-média de 1947; 26.8 cents-média de 1948; e 26.8 cents-média do período janeiro/junho de 1948 na Bôlsa de Nova York para o café Santos 4, em Nova York em bases FOB). No segundo semestre de 1949, todavia, os preços se adaptaram às novas condições da produção corrente e da procura, atingindo 49.6 cents em novembro, numa alta súbita precipitada pela situação da co-

lheita 1949-50 e pela redução dos estoques dos torrefadores e misturadores. Estabeleceu-se, então, uma situação do mercado do café, a qual, em virtude do longo período que decorre entre o plantio e o início da produção dos cafêzais, deveria manter-se por um período relativamente dilatado.

Após 1950, o ritmo inflacionário acelerou-se. A média do custo da vida no D. Federal, que fôra de 111 em 1950 (1948 = 100), atingiu 172 em 1953, continuando fixa a

taxa cambial aplicada ao café. Durante esse período, propostas para reajustar as taxas de exportação eram recusadas, sob o argumento de que, com tal procedimento, os preços do café no mercado internacional cairiam, afetando as relações de troca, ou seja, a capacidade de importar do país. Este argumento, válido para situações especiais, foi usado amplamente em todo o período citado e mesmo após a Instrução n.º 70, de 9/10/53.

As exportações de cacau — outro artigo em que o Brasil tem participação também importante na produção total — foram, igualmente, em certas fases, influenciadas por esta orientação de sustentação de preços em dólares, ainda que com decréscimo do volume exportado e redução paulatina da participação do Brasil no total da oferta mundial.

A orientação adotada com relação a esses produtos líderes da exportação influenciou a política dos demais. Aquêles que são de largo consumo interno (como o algodão, as carnes, o arroz, etc.) deixaram de ser exportados nas quantidades exigidas pelas necessidades de importar do Brasil, sob a alegação de que, face às quantidades produzidas e estreitamente dependentes das taxas de exportações a eles aplicadas, seu escoamento para o exterior iria perturbar o abastecimento interno. Como consequência, afirmava-se que somente deveria ser exportado o “excedente” do consumo interno.

Outros produtos, que não são

de largo consumo interno, eram considerados “gravosos”, porque não podiam ser colocados no país, nem exportados, em condições de equivalência com os produtos-líderes cujos preços em dólares estavam influenciados pela política brasileira. Daí o desenvolvimento das transações bilaterais e das chamadas operações vinculadas para resolver o problema criado com tal orientação.

O PROBLEMA DOS CAPITAIS ESTRANGEIROS E AS RESERVAS CAMBIAIS

A política de exportação observada reduziu o *quantum* das exportações e permitiu acentuada melhoria nos termos de intercâmbio do país, pela elevação consequente dos preços internacionais do café. Esse fato permitiu, não só que fatores de produção antigos, aplicados às atividades de exportação, pudessem ser transferidos para atividades que produzem para o mercado interno (principalmente na indústria), bem como que o crescimento vegetativo da força de trabalho adicional e as poupanças líquidas da comunidade tivessem o mesmo destino.

A melhoria das relações de troca possibilitou ao país manter elevado ritmo de importações no decênio, principalmente a partir de 1949. Mas o crescimento da procura de importações, resultante da mencionada concentração de fatores de produção nas atividades que produzem para o mercado interno, e o aumento inflacionário da pro-

cura por bens de capitais e bens de consumo, suplantaram as disponibilidades de divisas propiciadas pelas exportações.

Não obstante o extremo rigor da política de importação, houve fases, como a que se seguiu ao conflito coreano no segundo semestre de 1950, em que ela foi afrouxada, com o objetivo de melhorar a situação do abastecimento do mercado interno.

Em 1951 e 1952, o valor em dólares das importações atingiu limites nunca ultrapassados nem antes desses anos, nem depois (cêrca de 2 bilhões de dólares, valor CIF). Em 1951, a expansão das exportações, decorrentes da procura aumentada de produtos primários, também foi grande, porém em nível menor que o da importação, mas em 1952 voltou praticamente ao normal, de vez que os demais países foram mais ativos do que nós ao aplicarem restrições de regularização, e houve relutância de nossos país em aceitar o movimento dos preços nesta fase. Dêsse fato, voltaram os atrasados comerciais, que alcançaram 611 milhões de dólares em tôdas as moedas (posição em dezembro de 1952), havendo uma redução das reservas cambiais de cêrca de 300 bilhões entre dezembro de 1950 e dezembro de 1952.

A crise cambial gerada por êstes eventos e o recrudesimento da pressão inflacionária interna em 1952 e 1953 obrigaram o governo a alterar a política de exportação, de importação e de capitais

estrangeiros. Inicialmente, através da Lei n.º 1 807, de 7/1/1953, que instituiu uma desvalorização de fato para certos produtos de exportação e criou um mercado financeiro livre, ao qual tinha acesso parte das cambiais de exportação. Com a Instrução n.º 70, a alteração foi mais radical, pois a pressão inflacionária existente tornava insuportável o regime da distribuição administrativa das importações cujos montantes em dólares deveriam ser reduzidos face aos compromissos financeiros assumidos para regularização dos atrasados.

Tal situação ameaçava interromper o curso do processo de desenvolvimento observado no quinquênio anterior. A política do café, baseada no temor de redução da capacidade de importar e em virtude da ausência de reservas cambiais, enrijeceu-se na defesa dos preços em dólares, do que resultaram os fatos mencionados anteriormente, com reflexos sôbre tôda a política de exportação.

Tentou-se, então, obter a manutenção do ritmo de importar pelo maior acesso ao uso de créditos a curto prazo junto a bancos comerciais no exterior, atração de investimentos diretos estrangeiros, obtenção de financiamento a prazo médio (supplier's credit) e outras a prazo longo junto a instituições especializadas, principalmente o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e o Banco de Exportação dos Estados Unidos.

Essa política, contudo, somente dilatou no tempo o problema, de vez que os compromissos financeiros assumidos pelo Brasil devem guardar certa relação com o valor em dólares da exportação, e este não foi aumentado. Trouxe, no entanto, substancial contribuição à continuação do processo de investimento no período subsequente a 1953, em particular sob forma de entrada de bens de capital sem cobertura cambial, tanto por efeito de investimentos diretos, como por financiamentos a prazo médio (*supplier's credit*) e longo. Todavia, continuaram a pesar sobre o balanço de pagamentos as solicitações de divisas, não tanto para importações de bens de capital duráveis (que as entradas de capitais estrangeiros sem cobertura cambial em parte substituíram), mas para transferências de rendas de investimentos efetivamente registrados, amortização de empréstimos oficiais e particulares, bem como resgate de operações de regularização efetuada no passado para atender a deficits do balanço de pagamentos.

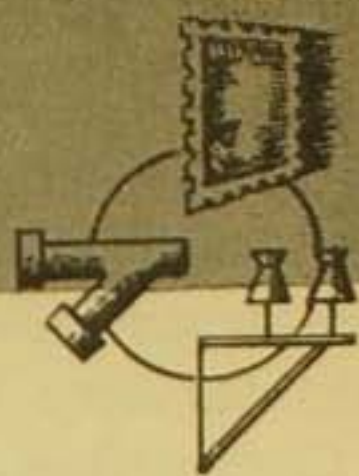
Além dessas solicitações "diretas" por divisas, tem havido outra procura, já agora nos leilões, que assume caráter rígido se o país desejar manter intacto o montante de capital construído durante o decênio. Referimo-nos às necessidades de reposição do equipamento industrial que se está desgastando ou se tornando obsoleto; estas necessidades são muito maiores no momento, quando o volume do ca-

pital à disposição da indústria nacional é bem superior ao existente no passado. Esse fato contribui para reduzir as divisas disponíveis para importação de equipamentos adicionais (para expansão das empresas existentes e para lançamento de novos empreendimentos por firmas constituídas com capitais nacionais) e para importações de bens de consumo, combustíveis e matérias-primas necessárias à manutenção do ritmo corrente do volume de produto real atingido pela atividade econômica interna.

PERSPECTIVAS

Mesmo na hipótese otimista de que a tendência declinante das relações de troca seja interrompida pela assinatura de um acordo internacional que mantenha os níveis de preços atualmente em vigor para o café no mercado internacional, as dificuldades não serão inteiramente aplainadas a não ser que o país resolva seguir uma política agressiva de expansão do *quantum* das exportações e realize uma vigorosa política interna de estabilização econômica para frear o consumo inflacionário de bens importados e de consumo interno, permitindo a liberação de fatores para a produção de exportação.

Somente uma tal política permitirá ao Brasil continuar a expansão do seu estoque de capital fixo e ser suprido em quantidades necessárias de combustíveis e matérias-primas requeridos pelo processo de desenvolvimento industrial.



ELETRIFICAÇÃO NA ÁREA SÃO PAULO-PARANÁ

Mesmo sem considerar o início do funcionamento da Usina de Furnas (1 100 000 kW, sendo 200 000 iniciais), em meados de 1962, e o das Usinas de Graminha e Rio Turvo, ou ainda a de Urubupungá — Itapura (3 000 000 kW, com usina-piloto no início), a área S. Paulo — Paraná irá dispor, dentro dos próximos oito anos, de uma capacidade adicional de 2,5 milhões de kW, ou seja, pouco menos de toda a capacidade instalada no país. A razão da substancial melhoria nessa disponibilidade regional de energia elétrica, em particular a partir de 1960 em maior escala, reside na implantação sistematizada dos Planos de Eletrificação dos Estados de São Paulo e Paraná, além do programa de ampliação da Usina Piratininga, da "Light-São Paulo".

O PLANO DE ELETRIFICAÇÃO DE SÃO PAULO

Aprovado em fim de 1955, não obstante, o Plano de Eletrificação de São Paulo já se achava em execução há alguns anos, constituindo sua obra principal a Usina do Salto Grande do Paranapanema, recém-inaugurada, com o nome de "Usina Lucas Nogueira Garcez".

Mas é a partir, sobretudo, do último triênio, que se acentuam tais obras, com o cometimento vultoso de recursos orçamentários

estaduais, de créditos nacionais (pelo BNDE) e estrangeiros, atingindo só a Usina de Salto Grande um investimento acumulado de 2,5 bilhões de cruzeiros até sua finalização (global em todas as moedas).

Como se sabe, a orientação da execução de tal Plano cabe ao Departamento de Águas e Energia Elétrica, autarquia estadual, que superintende as diversas obras e executa algumas delas, seja diretamente, seja em convênio com sociedades de economia mista, a CHERP e a USELPA.

Assim, ao lado da atuação das Superintendências dos Planos dos Vales do Tietê, do Ribeira e do Paraíba, integrantes do DAEE-SP, realizam serviços e obras correlatas a Companhia Hidrelétrica do Rio Pardo (CHERP) e as "Usinas Elétricas do Paranapanema" (USELPA). Esta última, aliás, em convênio com a Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL), também sociedade de economia mista, vem trabalhando na área comum e especialmente na Usina Interestadual de Itararé (400 000 kW).

Ao todo, a realização da atual etapa do Plano de Eletrificação de São Paulo, excluindo Urubupungá, deverá orçar, no mínimo, em cerca de 25 bilhões de cruzeiros, até 1965. Para esse fim há recursos das cotas estaduais no Fundo Federal de Eletrificação e do Fundo Estadual, constituídos da arrecadação de taxas próprias e oriundos de financiamento (BNDE e Bancos Internacionais).

O PLANO DE ELETRIFICAÇÃO DO PARANÁ

Possuindo como principais obras as indicadas no QUADRO, Usinas de Capivari-Cachoeira, Campo Mourão, Curitiba e Figueira, é esta última, sem dúvida, a que apresenta maior interesse.

De fato, a Usina Termelétrica de Figueira, com a potência projetada de 20 000 kW, visa ao aproveitamento pela queima, à boca da mina, do carvão mineral da bacia do Rio Peixe, uma das mais impor-

NOVAS USINAS DA ÁREA SÃO PAULO-PARANÁ (Exclusive Furnas, Graminha e Rio Turvo)

USINAS	ESTADO	KW	DATA OPER.
PERÍODO 1958/1960			
Térmicas (Estaduais).....	SP	40 000	1959
Piratinga (ampliação).....	SP	250 000	1960
Euclides da Cunha	SP	98 000	1960
Limoeiro.....	SP	28 000	*1958
Salto Grande do Paranapanema....	SP	68 000	*1958
Gurumirim.....	SP	100 000	1960
Barra Bonita.....	SP	100 000	1960
Juquiá (Cia. Bras. Alumínio).....	SP	68 000	1960
Curitiba(térmica)	PR	16 500	1960
Figueiras(térmica)	PR	20 000	1960
Campo Mourão.....	PR	10 000	1960
Subtotal.....	-	798 500	-
PERÍODO 1961/1962			
Itararé.....	SP/PR	400 000	1962
Curitiba (térmica - ampliação)....	PR	16 500	1962
Capivari - Cachoeira.....	PR	150 000	1962
Subtotal.....	-	566 500	-
PERÍODO 1963/1965			
Bariri.....	SP	128 500	1963
Caraguatatuba....	SP	510 000	1965
Paraibuna.....	SP	6 500	1965
Paraitinga.....	SP	25 000	1965
Jaguari.....	SP	30 000	1965
Buquira.....	SP	7 500	1965
Ibitinga.....	SP	118 000	1964
Lajes.....	SP	226 000	1964
Piraju.....	SP	100 000	1964
Subtotal.....	-	1151 500	-

(*) Em operação:

tantes conhecidas atualmente no país.

Embora apresentando razoáveis características físico-químicas, o carvão paranaense dessa bacia tem contra si o fato de exigir transporte a longa distância, o que impõe a queima parcial de sua fração menos aproveitável economicamente, a fim de que se transporte somente a parte mais nobre. Daí a idéia, ora projeto em vias de concretização, da queima da moinha dêsse combustível, subproduto que é da lavagem e seleção.

Visando a tal aproveitamento constituiu-se sociedade de economia mista, em que participam a própria COPEL, a USELPA e a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN).

Em conjunto, os investimentos previstos na atual etapa do Plano Paranaense de Eletrificação mon-

tam a cerca de 4 bilhões de cruzeiros, a serem cobertos também com recursos federais, estaduais e de financiamento (BNDE e Bancos Internacionais).

CONCLUSÃO

Ultrapassada que seja a fase de nova crise energética, esperada para o biênio 1959/1960, embora não tão aguda quanto a de 1949/1954, são altamente favoráveis as perspectivas de desenvolvimento da produção industrial e agropecuária na área São Paulo-Paraná.

Tal previsão baseia-se nos investimentos em curso ou em fim de projeto, que trarão a essa área substancial capacidade aditiva superior a 2,5 milhões de kW, instalados nos 7 a 8 anos a contar de 1958.

Se V. Sa. já é assinante desta Revista, certamente far-lhe-á justiça, recomendando-a aos seus amigos. Estes, por sua vez, lhe ficarão muito gratos. E nós também.



S. A. TUBOS BRASILIT
Marconi, 131 • 7.º • 34-4127 • S. PAULO
Distribuidores em todo o Brasil

Tradição em
produtos de

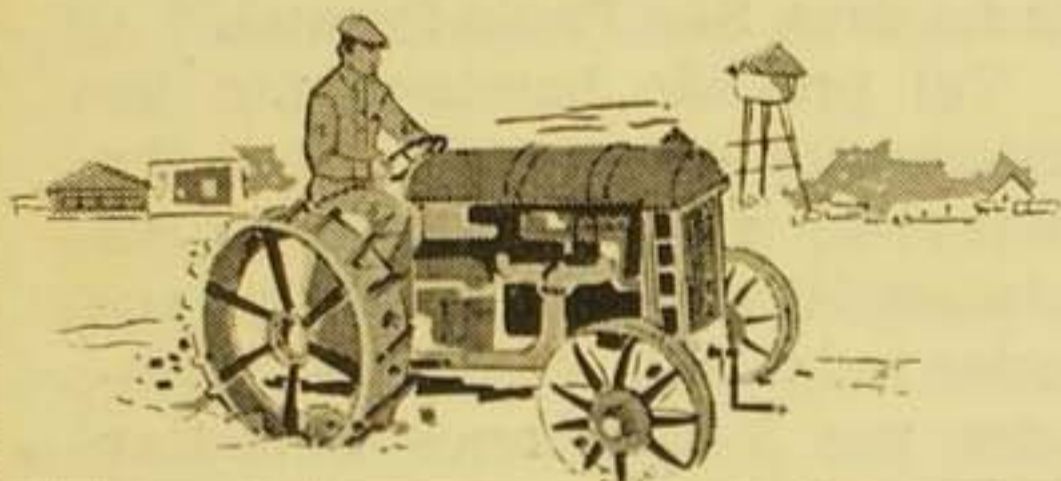
CIMENTO-AMIANTO

VEÍCULOS QUE MARCARAM ÉPOCA...

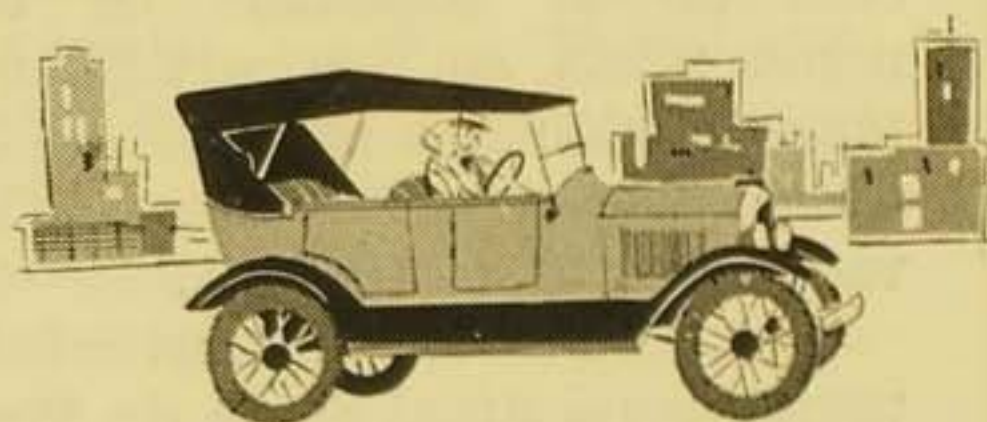
1896 — Um veículo histórico: o primeiro automóvel idealizado e construído pelo próprio Henry Ford.



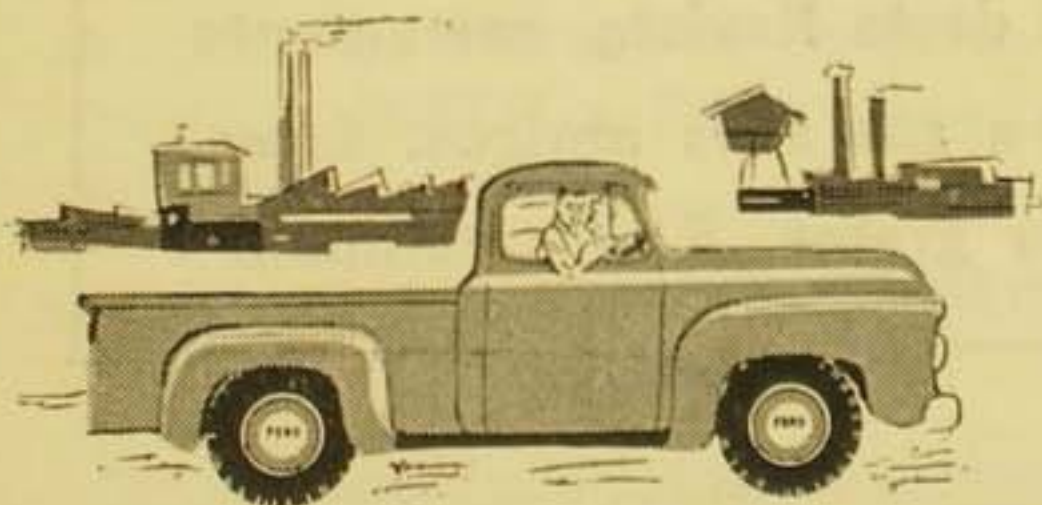
1917 — É lançado o Trator Fordson. O primeiro trator produzido em série, que revolucionou a agricultura.



1927 — O último Modelo T fabricado. Ainda hoje é encontrado prestando serviços no Brasil e no mundo inteiro.

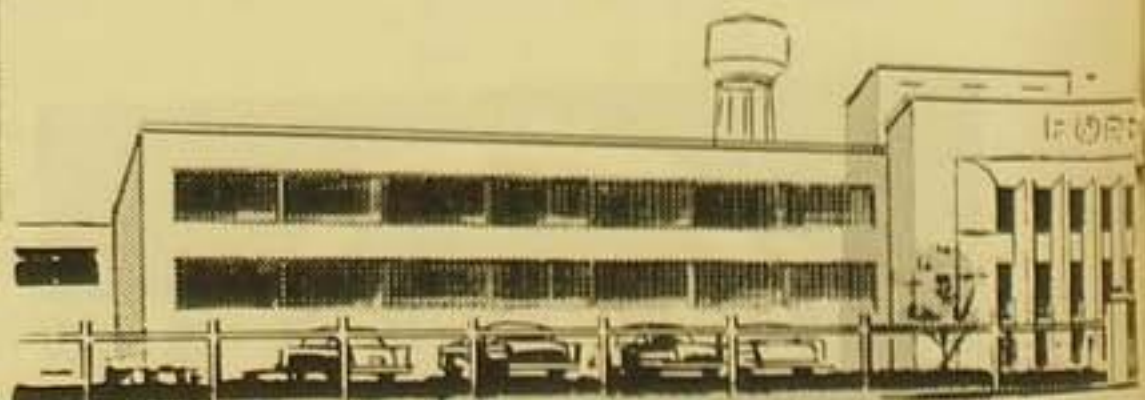


1957 — A Ford inicia no Brasil a produção do caminhão Ford brasileiro em três tipos: F-100, F-350 e F-600.



...e afinal, em 1958 —

a Ford Motor do Brasil S.A. se prepara para lançar o Caminhão Ford Brasileiro equipado com o famoso Motor V-8, bloco em Y, fabricado no Brasil.

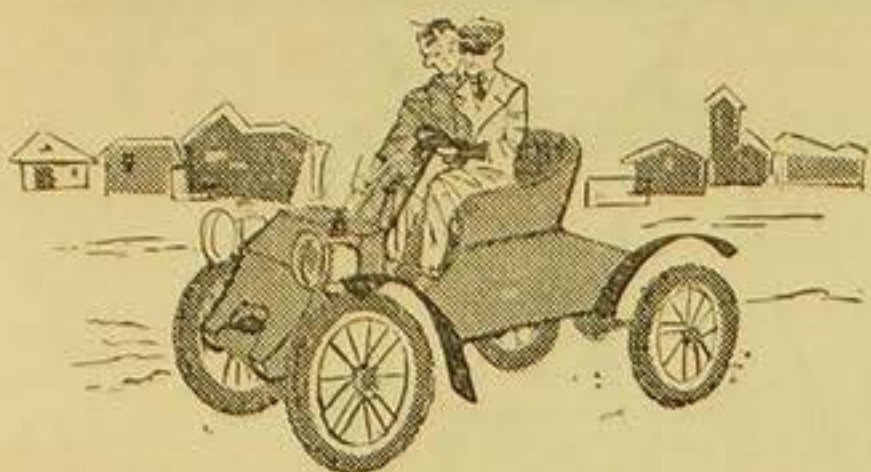


Milhares de
caminhões Ford brasileiros
já estão rodando
pelas estradas do Brasil!

E, em 1960, trinta mil destes veículos estarão saindo das linhas de montagem, anualmente, com 90% do seu peso em material nacional.

Para alcançar esse objetivo, a Ford Motor do Brasil S. A. está aplicando vinte e quatro milhões de dólares na adaptação e ampliação de suas atuais instalações, o maior e mais importante

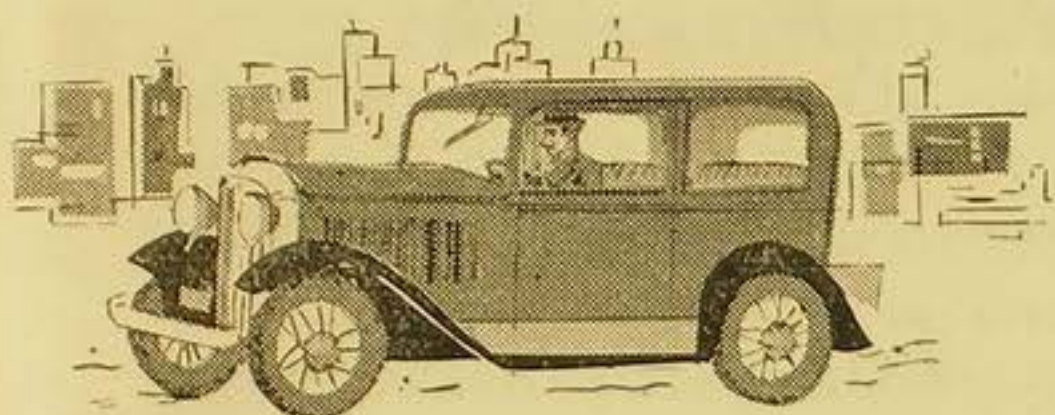
1903 — Lançado pela Companhia Ford, o primeiro Modelo A popularizou o automóvel, até então excentricidade.



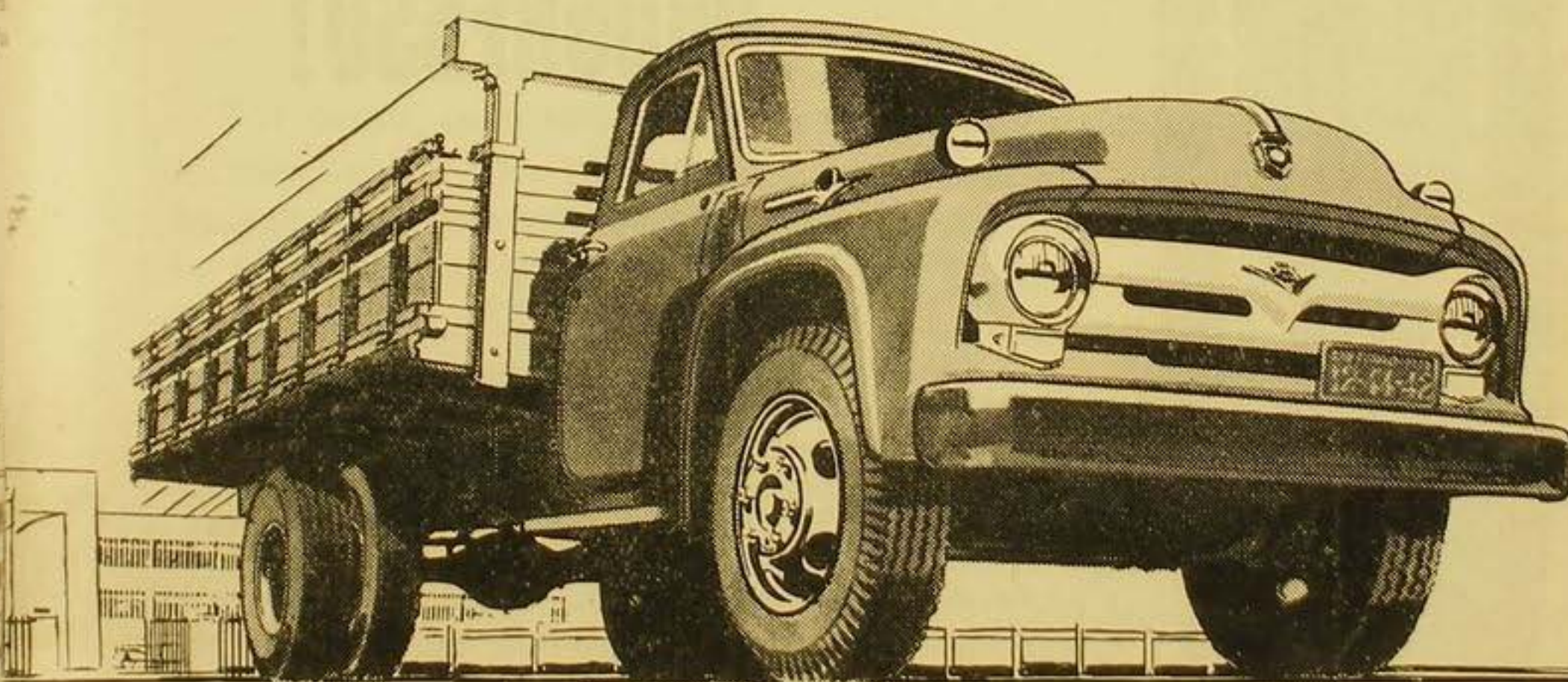
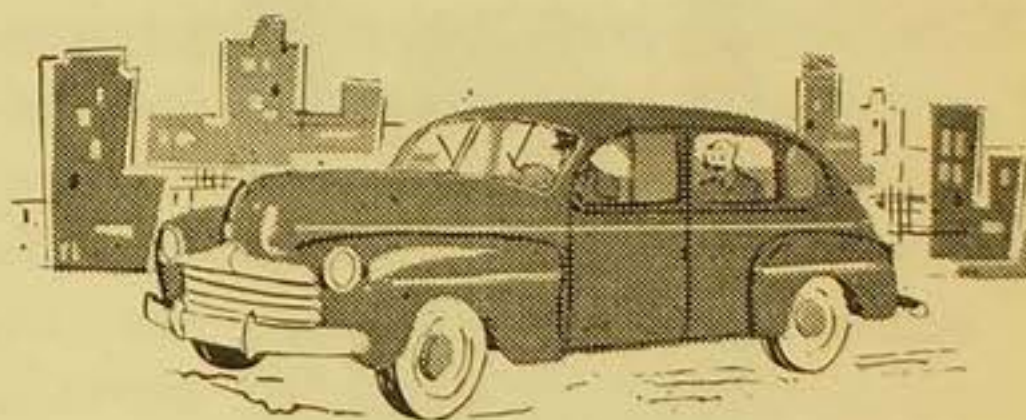
1908 — Surge o famoso Modelo T. Pela sua simplicidade e resistência, tornou-se o símbolo da Indústria Ford.



1932 — A Ford usa pela primeira vez em seus veículos o motor V-8, que se tornou universalmente famoso.



1946 — O Modelo Ford passeio de após-guerra, que apresentou aperfeiçoamentos realmente notáveis.

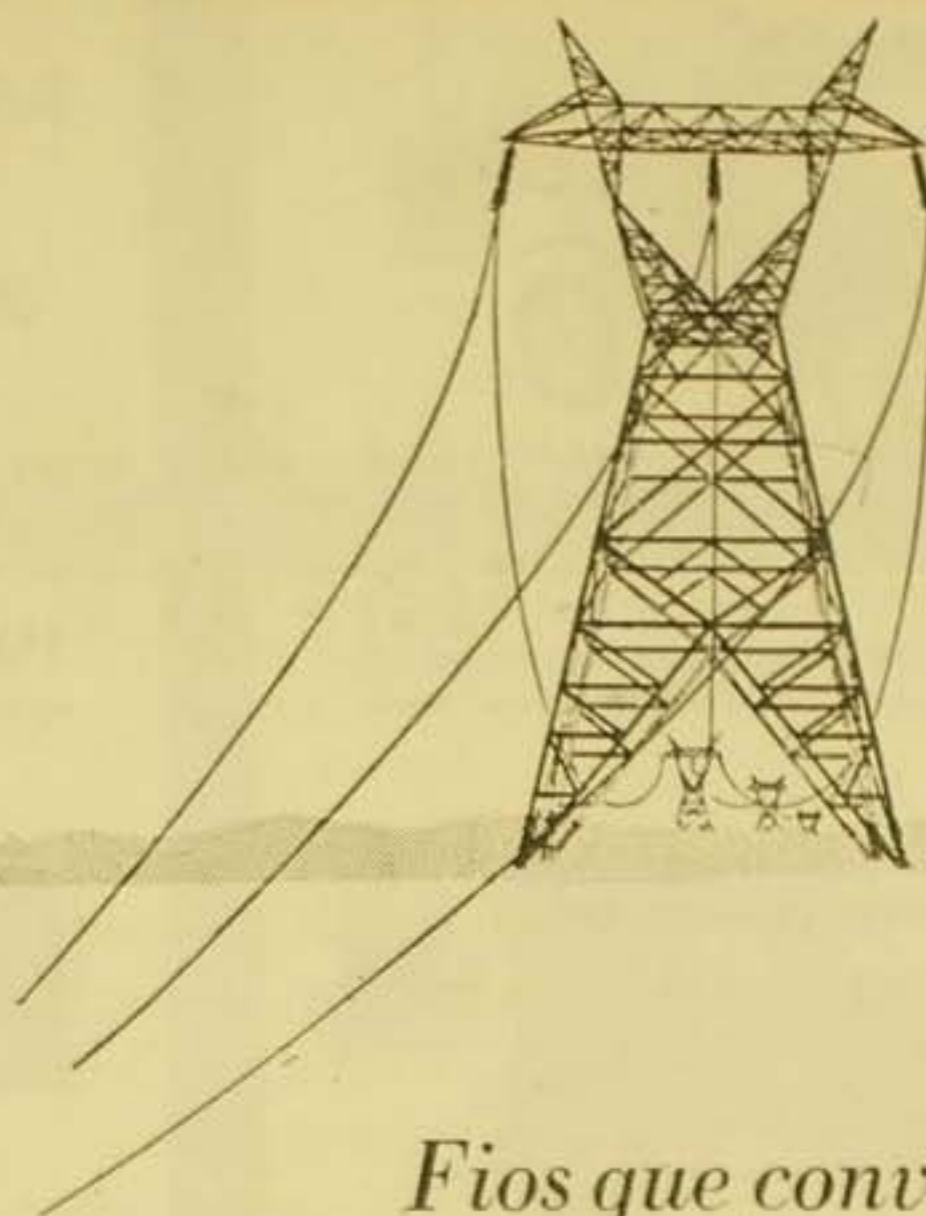
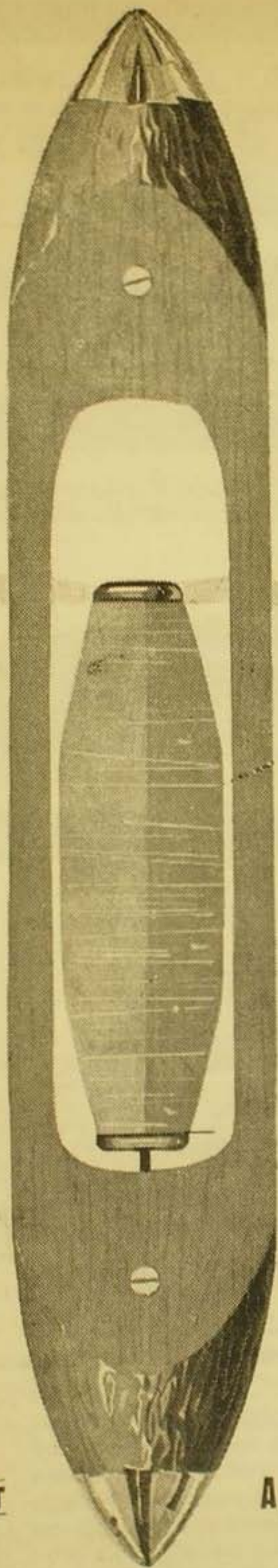


investimento até hoje feito no Brasil por uma indústria estrangeira no campo da manufatura.

Uma fundição moderníssima está quase concluída. E uma completa fábrica de motores já está em fase final de instalação, no conjunto industrial Ford do Ipiranga, para usinagem e montagem do famoso motor V-8 com bloco

em Y, que representa a última palavra no gênero! Nada menos do que três tipos de caminhão Ford serão fabricados no País — leves, médios e pesados — dentro do mais completo programa de produção nacional de veículos motorizados, produção que deverá colocar o Brasil entre os grandes países produtores de caminhões do mundo!





*Fios que convergem
para um objetivo comum:*

PROGRESSO!

Pelos seus elevados padrões de técnica, beleza e qualidade, os tecidos brasileiros conquistaram justificado renome internacional.

A indústria têxtil, com uma produção anual já superior a 50 bilhões de cruzeiros, desempenha relevante papel na economia do País.

Parte substancial dessa indústria está localizada na região Rio-São Paulo, onde a energia elétrica contribuiu de maneira decisiva para o seu extraordinário progresso.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL



NOVAS IDÉIAS DE DEFESA PARA AS MATÉRIAS-PRIMAS

A recessão americana e suas repercussões em outros países demonstraram que o sistema internacional de crédito não é suficientemente elástico e adaptável às oscilações da conjuntura. O crédito baseia-se sobretudo no princípio do velho provérbio: "Não se empresta senão aos ricos". Este é, sem dúvida, um princípio honesto, sólido e, pelo menos aparentemente, pouco oneroso para os credores, pois os riscos não são grandes. Mas tem valor relativo para a economia em seu conjunto, porque acarreta redução dos créditos nos períodos menos favoráveis, em que se tornaria necessária uma expansão.

Por certo, os institutos internacionais de crédito prestaram, durante a recessão também, assistência a países particularmente atingidos pelo recuo econômico, mas os créditos deste tipo que têm caráter de saneamento são raramente encorajadores. Sua importância para a conjuntura é muito limitada, no espaço e no tempo. Eles não bastam para criar outro clima, para estimular a procura e, portanto, a produção, em suma, para anular os fatores que ocasionaram a recessão. Frequentemente, seu efeito psicológico sofre ainda o entrave de condições especiais para a utili-

zação dos créditos, de restrições e medidas de controle impostas aos devedores. Tudo isto é talvez justificado do ponto de vista financeiro, mas, sob o aspecto da conjuntura, é um erro.

Considerações deste tipo fizeram surgir recentemente diversos projetos visando a uma reforma do crédito internacional. O objetivo é minorar, senão prevenir, a recessão por meio de créditos. Sobre esse ponto todo mundo está de acordo. As divergências existem apenas quanto aos meios mais apropriados e ao volume para eles requerido. Isto porque ninguém

quer iniciar uma nova inflação internacional. Eis o duplo problema: estimular a conjuntura, sem provocar efeitos inflacionários. Na época em que a teoria de John Maynard Keynes estava universalmente em voga, tinha-se menos medo de tais efeitos, visto como, segundo Keynes, a depressão é uma grave deflação e a recessão uma pequena deflação; por conseguinte, é preciso combater a depressão e a recessão com medidas inflacionárias. Mas Keynes não conhecia ainda o tipo da recessão atual: aquela que existe em todos os países, onde os preços têm tendência ascendente, enquanto a produção baixa e os outros sinais de recuo da conjuntura são manifestos. Os riscos de uma inflação artificial parecem, portanto, maiores que há 25 anos, na época de Keynes.

Todavia, o medo de inflação não deve paralisar o espírito reformador. Seria lamentável que nos limitássemos exclusivamente à política da taxa de descontos, como se fez nos últimos anos. A taxa de descontos é um método, entre outros, para influenciar a marcha da conjuntura. Não deveria ser o único. A ciência e a arte do crédito, desenvolvidos durante cinco séculos, oferecem ainda outras possibilidades que merecem ser examinadas e adaptadas às circunstâncias.

PLANO INGLÊS PARA AS MATÉRIAS-PRIMAS

Entre os projetos de reforma

distinguem-se, especialmente, um plano inglês e um norte-americano. O primeiro tem caráter oficial: foi o Primeiro Ministro britânico quem o divulgou, em sua recente visita a Washington. Bem entendido, não se trata, até o momento, de um plano tão concreto e preciso quanto os que levaram à criação do Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial. Segundo a expressão do próprio chefe do governo inglês, ele é antes de tudo “uma nova maneira de pensar em matéria econômica”. Contudo, os ingleses não gostam de pensar de modo puramente teórico e platônico. Preferem as idéias realizáveis, e o plano britânico em questão compõe-se também de duas proposições concretas.

A primeira visa à criação de um novo instituto financeiro destinado a conceder aos países menos desenvolvidos créditos em base multilateral. A outra proposição refere-se à venda das matérias-primas no mundo ocidental. Os produtores de matérias-primas devem ser libertos da necessidade de oferecerem seus produtos aos países comunistas. Por certo, o governo inglês não recomenda bloqueio econômico nem refôrço dos embargos para a exportação aos países do bloco oriental. Sabe-se que a Inglaterra se mostrou, no particular, freqüentemente mais liberal do que outros países e que seu comércio com a URSS ultrapassa amplamente o dos Estados Unidos com a União Soviética. Mas o comércio com o Leste deve limitar-se

a transações puramente comerciais e não se combinar com créditos, investimentos, assistência técnica ou outras relações que, mais cedo ou mais tarde, poderiam conduzir a uma infiltração comunista.

A fim de imunizar os países produtores de matérias-primas contra tal perigo, os países consumidores do mundo ocidental devem oferecer-lhes garantias suficientes para a venda de seus produtos a preços remuneradores e estáveis. Esta tarefa caberia naturalmente, em primeiro lugar, aos grandes países industriais. Eles deverão assumir, de maneira justa e equitativa, a responsabilidade pela utilização dos estoques e evitar, assim, as oscilações desmedidas dos preços.

Evidentemente, "a nova maneira de pensar" não é inédita. Idéias deste tipo já foram muitas vezes expostas, mas constitui, sem dúvida, um progresso o fato de que o chefe do governo de um grande país consumidor de matérias-primas as propague e considere como base para a reforma da economia mundial.

O PLANO MONRONEY

O plano do senador americano Monroney inspira-se também na idéia de que os países industriais deveriam ocupar-se mais com os países menos desenvolvidos e em particular com os produtores de matérias-primas. Ele prevê a criação de um novo instituto de crédito, que poderia ser ligado ao Banco Mundial, mas com recursos próprios. O nome proposto para



TRÊS VÔOS SEMANAIS PARA A EUROPA !

Aviões Super G * Vôos às terças, quartas e sábados * Vôo direto Rio-Dakar * Nos vôos das quartas-feiras, Dakar-Paris * Classe de Luxo e Classe Turista.

AIR FRANCE

A MAIOR REDE AÉREA DO MUNDO

Av. Rio Branco, 257 - A - Tel. 42-8838

Ou na sua

Agência de Viagens



êste organismo é o de International Development Association. Seria dotado, desde o início, do capital de 1 bilhão de dólares, para o qual os Estados Unidos contribuiriam com um terço; os outros dois terços seriam constituídos por contribuições dos demais membros. Êste esquema financeiro assemelha-se ao sistema das quotas do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Entretanto, a Associação Internacional de Desenvolvimento deve dispor ainda de outros meios. O senador Monroney recomenda, para tanto, a mobilização dos haveres dos Estados Unidos em moedas não conversíveis. O total dêstes haveres é atualmente muito elevado; provém, especialmente, das vendas de produtos agrícolas americanos, contra pagamento em moeda não conversível dos países compradores. Mais de 25 moedas diferentes, entre as quais o cruzeiro constitui importante parcela, encontram-se à disposição dos Estados Unidos, mas são para êles divisas mortas, pois não podem ser utilizadas para a compra de produtos dos respectivos países.

Êstes haveres tampouco poderão ser utilizados pela Associação como meio de pagamento de máquinas aos Estados Unidos ou em outros países que exigem moeda "forte". Mas poderiam ser investidos, sob a forma de empréstimo, no país do qual se originam. A maioria dos investimentos nos países menos desenvolvidos, por exemplo, a construção de uma usina de

eletricidade, exige parte em divisas e parte em moeda nacional. Em geral, a parcela em divisas é mais difícil de ser obtida. Mas, como êstes países não possuem amplo mercado de capital, o financiamento da parte em moeda nacional também oferece freqüentemente dificuldades. As empresas privadas recorrem ao autofinanciamento. São, por isso, obrigadas a manter grandes reservas, o que contribui, em última instância, para o aumento dos preços. As repercussões são mais nefastas ainda quando se trata de investimentos públicos, que aumentam o deficit orçamentário e são, em última análise, financiados por meio da inflação.

A fim de reduzir êstes métodos de financiamento duvidoso, o senador Monroney propõe que a Associação dê, além de crédito em dólares, "soft loans", ou seja, empréstimos a longo prazo e taxas de juros baixas, estipulados e reembolsáveis em moeda nacional do país devedor.

O Plano Monroney não encontrou boa acolhida em toda parte. Em particular, a observação de seu autor de que os empréstimos da Associação poderão substituir a ajuda americana no exterior suscitou vivas críticas. Entretanto, o plano contém idéias interessantes e novas.

REFORÇO DAS INSTITUIÇÕES EXISTENTES

Outros projetos limitam-se à ampliação das instituições internacionais existentes. Discute-se o

aumento, até 50%, das quotas do Fundo Monetário Internacional. Em todo caso, far-se-á uma revisão das quotas, das quais algumas não correspondem mais à situação econômica dos respectivos países. A quota da Alemanha, por exemplo, é apenas de 330 milhões de dólares, enquanto a da França se eleva a 525 milhões e a da Índia a 400 milhões. O pagamento em ouro da Alemanha, que possui hoje reservas dêsse metal no valor de 3 bilhões de dólares, limitou-se a 33 milhões de dólares — a metade do que pagou em ouro a Holanda. Tais desproporções exigem um ajustamento, o que poderia reforçar o capital de movimento do Fundo Monetário Internacional.

Mais importante para os países menos desenvolvidos seria um acréscimo, ou uma utilização, melhor, do capital do Banco Mundial. Já no ano passado o Banco intensificou suas atividades. No fim do primeiro semestre de 1958 os empréstimos comuns por eles concedidos montavam a 650 milhões de dólares. Embora este total ultrapasse de muito o nível de junho de 1957, é bem inferior à quota de garantia dos Estados Unidos. Mesmo sem aumento de quotas, o Banco Mundial poderia, por conseguinte, ampliar ainda consideravelmente seus empréstimos, seja em dólares, seja em outras moedas utilizáveis para o equipamento dos países menos desenvolvidos.

Em síntese, não são os meios nem as idéias, que faltam para se proceder a uma reforma do sistema internacional de crédito.



A “classe”
de todo
bom projeto...
ar condicionado

Carrier

COMPANHIA

PROPAC

(COMÉRCIO E INDÚSTRIA)

Rua Camerino, 79 — Tels.: 23-1761 — 43-4990

Walita

fabrica a mais completa
linha de aparelhos
elétrico-domésticos
da América Latina!



1 LIQUIDIFICADOR
WALITA

2 BATEDEIRA DE
BOLOS WALITA

3 MISTURADOR DE
MASSAS WALITA

4 CENTRÍFUGA
JÚNIOR WALITA

5 DESCASCADOR
WALITA

6 CENTRÍFUGA
WALITA

7 BOJÃOZINHO
WALITA

8 BATEDEIRA DE
COQUETÉIS WALITA

9 MOTOR WALITA
PARA MÁQUINA
DE COSTURA

10 VENTILADOR
WALITA

11 ENCERADEIRA
WALITA - 3 escovas

12 FERRO ELÉTRICO
WALITA
"Contrôle
Automático"

13 ASPIRADOR DE PÓ
WALITA

14 EXAUSTOR WALITA

15 GRELHA ELÉTRICA
WALITA

16 VENTILADOR
PICOLINO

ELETRO-INDÚSTRIA WALITA S. A.

Rua Dr. Álvaro Alvim, 76 - Caixa Postal 8018 - São Paulo

Filiais: Rua México, 90 - 2.º andar - Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro, 1116 - 6.º andar - Porto Alegre

— mais de um milhão de aparelhos WALITA em uso nos lares do Brasil!

O PETRÓLEO E A CRISE NO IRAQUE

Após a revolução de 14 de julho em Bagdá, o petróleo do Iraque tornou-se um ponto nevrálgico da situação internacional. E esta não é a primeira vez. Com efeito, os poços de petróleo em território da antiga Mesopotâmia vêm desempenhando, há meio século, importante papel na política e economia mundiais. O petróleo do Iraque constituía, desde antes da Primeira Guerra Mundial, a base econômica do “eixo Berlim-Bagdá”, ou seja, da aliança entre o Império germânico dos Hohenzollern e o Império Otomano, como se chamava oficialmente na época a Turquia.

“Iraque” é uma palavra turca e quer dizer “distrito fronteiriço”. O Iraque era a província fronteiriça oriental da antiga Turquia. Nesta província, uma companhia alemã, a Deutsche Erdoel A. G., pertencente ao poderoso grupo do Deutsche Bank, obteve ampla concessão para exploração de petróleo. Ela extraiu, com resultados medíocres, o petróleo na região de Mossoul, na localidade de Ninivé, antiga capital da Assíria. Eis por que durante muito tempo o petróleo do Iraque foi chamado “petróleo de Mossoul”.

No fim da Primeira Guerra Mundial, a concessão alemã caducou e o Iraque, separado da Turquia, foi pôsto sob mandato da Liga das Nações. Os ingleses, virtualmente donos do país, abandonaram os campos de Mossoul, mas iniciaram a prospecção de outros muito mais ricos no Extremo Leste do Iraque, em Bibi-Eibat, perto da pequena cidade de Kirkuk, onde ainda hoje se encontra o principal centro da produção de petróleo iraqueano.

DISTRIBUIÇÃO DO CAPITAL

Entretanto, as outras grandes potências não queriam deixar exclusivamente aos ingleses esta fonte de imenso valor, considerada na época o campo de petróleo mais rico de todo o Oriente. Depois de longas e difíceis negociações, concluiu-se um acôrdo em 1925, que constitui até o momento a grande carta econômica e jurídica do petróleo do Iraque.

Em virtude dêste acôrdo, criou-se uma companhia interaliada (sob o nome de Iraq Petroleum Co., com sede em Londres), que recebeu a concessão para explorar petróleo em todo o Iraque. O capital da empresa foi dividido em quatro grandes partes de 23,75% cada uma, da seguinte maneira: uma ao grupo anglo-holandês da Royal Dutch-Shell; outra à Anglo-Iranian Oil Co. (anteriormente Anglo-Persian Oil Co.), também britânica; a terceira a um grupo americano, a Near East Development Corporation, controlada pela Standard Oil; a quarta à Compagnie Française des Pétroles, da

qual o governo francês é grande acionista.

Assim, as três grandes potências ocidentais repartiram entre si o petróleo do Iraque nas proporções 2:1:1, respectivamente: Grã-Bretanha, Estados Unidos e França. Estes três países detinham em conjunto 95% do capital da Iraq Petroleum Co. Os restantes 5% foram dados ao antigo proprietário e concessionário do terreno, o armênio Gulbenkian. Graças a esta engenhosa combinação, nenhum grupo ou país tinha a maioria do capital e o controle absoluto sobre o petróleo do Iraque, mas na realidade predominava a Inglaterra.

No transcurso dos últimos 23 anos, as diversas participações passaram várias vezes de mão ou simplesmente de nome, mas sempre no mesmo quadro nacional, estabelecido pelo acordo de 1925. A participação da Anglo-Iranian Oil Co., pertence hoje à British Petroleum Co.; a americana dividiu-se, através da Near East Development Corp., em partes iguais, entre duas companhias, a Standard Oil of New Jersey e a Socony-Mobil Oil. O grupo de ações de Gulbenkian foi transferido, após a morte de seu proprietário, para uma fundação. A Compagnie Française des Pétroles esforçou-se recentemente em comprar uma parte das ações da Gulbenkian Foundation, a fim de elevar sua própria participação a 25%, mas a transação não foi ainda realizada.

DIFICULDADES DE TRANSPORTE

Em síntese, sob o ângulo do capital, tudo permaneceu como se previu em 1925. Mas sob o ponto de vista do rendimento, houve grandes modificações. A exploração do petróleo do Iraque teve períodos muito prósperos e outros menos favoráveis. O primeiro problema a resolver foi o do transporte. A fim de evitar o longo caminho marítimo pelo Golfo Pérsico e o Canal de Suez, construiu-se um oleoduto, bifurcado através do deserto da Síria, até o Mediterrâneo; um ramal atingia Tripoli, no Líbano, outro Haifa, na Palestina, mas depois que Haifa se tornou um porto de Israel, os países árabes se recusaram a deixar passar o petróleo do Iraque por este caminho e o ramal do oleoduto de Haifa teve que ser fechado. Foi substituído por um novo, que termina no porto de Banias, na Síria. Durante o conflito de Suez, os dois ramais de Tripoli e de Banias foram cortados pelo governo da Síria, de modo que o transporte de petróleo proveniente de Kirkuk — cerca de dois terços da produção do Iraque — ficou interrompido por mais de um ano.

Por isto, a Iraq Petroleum Co. se esforçou em aumentar a produção de petróleo no Extremo Sul do país, em Basra, perto do Golfo Pérsico. Um terceiro campo de petróleo, muito menor, é agora explorado em Mossoul. A produção de Basra e de Mossoul é feita por

duas companhias fiscais da Iraq Petroleum Co. Apesar das dificuldades de transporte, ainda não inteiramente vencidas, a produção do Iraque atingiu, em 1957, 22 milhões de t, contra 31 milhões em 1956. Para 1958 esperam-se 35 milhões de t. Depois do Kuwait, da Arábia Saudita e do Irão, o Iraque é o quarto produtor do Oriente-Médio.

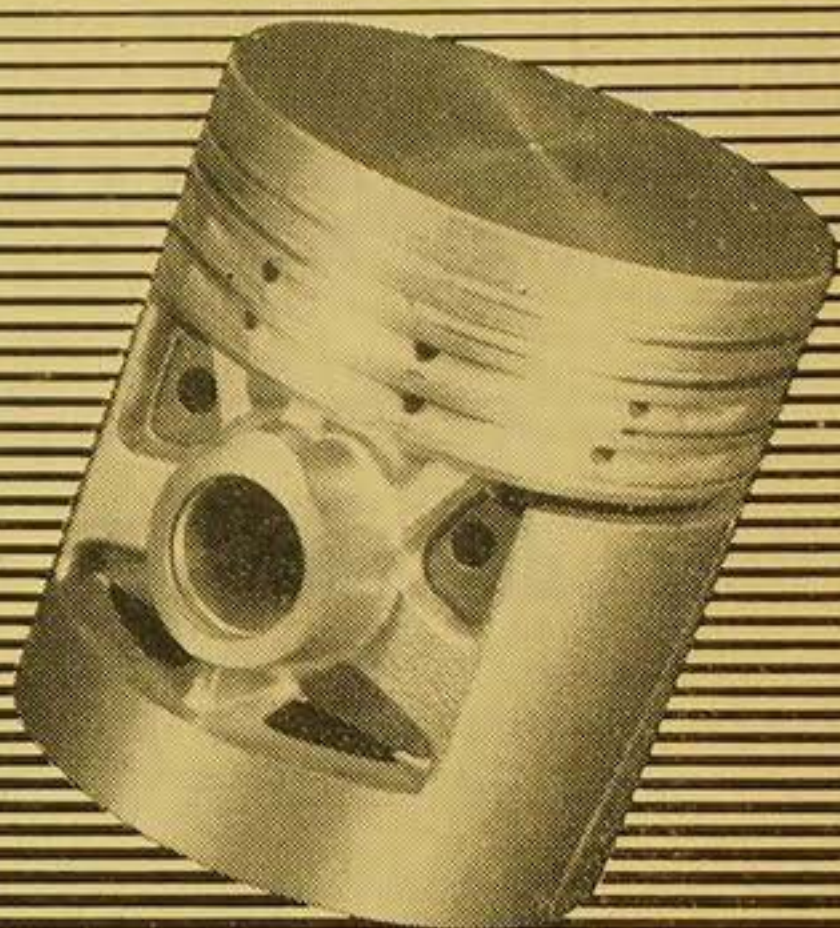
RECEITAS GOVERNAMENTAIS

Ora, os planos para o Iraque vão muito mais longe. Foi precisamente às vésperas da revolução de 14 de julho que o governo concluiu com a Iraq Petroleum Co. um novo contrato que obriga a companhia a duplicar sua produção até 1960. Por outro lado, a Companhia entregou ao governo parte de suas concessões. Embora se trate de terrenos menos produtivos, este acordo foi considerado por observadores competentes como primeiro passo para a nacionalização do petróleo.

Qualquer que seja o futuro regime de exploração, o petróleo continuará a ser para o Iraque a fonte vital de sua economia. A quase totalidade do produto é vendida ao exterior e constitui cerca de 80% das exportações do país. O petróleo assume também a maior importância para as finanças públicas. Os lucros da Iraq Petroleum Co. são distribuídos, como é costume nos países produtores do Oriente-Médio, segundo a fór-

PISTÕES

MAHLE



um produto fabricado no Brasil pela

METAL LEVE S/A

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua da Independência, 480 — Telefone 37-0146 (rede interna)
End. Telegráfico: "METALEVE" — Caixa Postal 6567 — São Paulo

PARA SUA GARANTIA

mula 50-50% entre a Companhia e o governo. Este receberá, se a produção continuar normalmente, 70-80 milhões de £ como "royalties" no ano em curso. Sem tais receitas, a realização do plano quinquenal (1955-1960), que prevê despesas de um bilhão de dólares, seria impossível.

Quanto ao abastecimento do mercado mundial, o petróleo do Iraque não tem a mesma importância que o da Venezuela ou o do Kuwait, mas não se deve subestimá-lo. Os dois principais clientes do Iraque são a França e a Itália. Em particular, a França importa

cêrca de 10 milhões de t por ano, pagas em parte com francos franceses. A Inglaterra, outrora também grande consumidor de petróleo iraqueano, compra-o apenas para satisfazer pequena parte de suas necessidades; 51% das importações britânicas provêm do Kuwait e 10% do Irão. Atualmente a produção mundial de petróleo ultrapassa a procura e, por conseguinte, uma interrupção da produção iraqueana teria pouca repercussão. Mas isto pode modificar-se e as perturbações políticas no Oriente-Médio fazem supor que em breve o mundo terá mais "sêde" de petróleo.

Banco do Commercio e Industria de São Paulo S/A.

Fundado em 20 de dezembro de 1889

MATRIZ — SÃO PAULO: Rua 15 de Novembro, 289 — Caixa Postal, 36 — Telefone: 37-2131
Enderêço Telegráfico para Matriz e Filiais: "INDUSCOMIO"

Capital	Cr\$ 500.000.000,00
Fundo de Reserva	Cr\$ 131.621.998,10
Fundo de Reserva Legal	Cr\$ 78.621.998,10
Lucros em Suspensão	Cr\$ 5.885.436,50
Fundo de Aumento de Capital	Cr\$ 97.810.101,10

AGÊNCIAS URBANAS — São Paulo — Brás — Consolação — Jardim América — Lapa — Liberdade — Osasco — Paula Souza — Paraíso — Pinheiros — Praça da República — Rangel Pestana — Santa Cecília — Santa Efigênia — São Miguel Paulista — Tucuruvi. Campinas — Conceição. Recife — Santo Antônio. Rio de Janeiro — Ana Nery — Centro — Copacabana. Salvador — Cidade Alta.

FILIAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO — Adamantina — Americana — Amparo — Araraquara — Araras — Baurú — Bebedouro — Birigui — Botucatu — Bragança Paulista — Cafelândia — Campinas — Catanduva — Dracena — Franca — Garça — Jaboticabal — Jacaré — Jales — Jundiaí — Leme — Lins — Marília — Mirassol — Olímpia — Oswaldo Cruz — Ourinhos — Piracicaba — Presidente Prudente — Ribeirão Preto — Rio Claro — Salto — Santo André — Santos — São Bernardo do Campo — São Caetano do Sul — São Carlos — São João da Boa Vista — São José do Rio Preto — São Manoel — Sorocaba — Sumaré — Tanabi — Taquaritinga — Taubaté — Tupã — Valinhos — Valparaíso — Votuporanga.

FILIAIS EM OUTROS ESTADOS — Apucarana — Assaí — Blumenau — Brasília — Cambé — Campo Grande — Cornélio Procopio — Corumbá — Curitiba — Londrina — Mandaguari — Maringá — Paranaguá — Poços de Caldas — Porto Alegre — Recife — Rio de Janeiro — Salvador — Sertãozinho — Vitória

CORRESPONDENTE EM FORTALEZA — Banco Cearense do Comércio e Indústria S.A.
CORRESPONDENTES NO PAÍS E NO ESTRANGEIRO

Conselho Diretor: — Numa de Oliveira — Presidente do Conselho; José da Silva Gordo — Diretor Presidente; Leônidas Garcia Rosa — Diretor Vice-Presidente; Theodoro Quartim Barbosa — Diretor-Superintendente; Roberto Ferreira do Amaral — Diretor-Gerente; José Adolpho da Silva Gordo — Diretor-Gerente.

NOTÍCIAS

LANÇADA A PRIMEIRA MÁQUINA DE SOMAR ELÉTRICA, INTEIRAMENTE NACIONAL

A Cia. Burroughs do Brasil Inc., com sede no Rio de Janeiro e filiais nas principais cidades do Brasil, como sejam São Paulo, Salvador, Pôrto Alegre e Recife, além de distribuidores em todo o país, acaba de lançar no mercado brasileiro a primeira máquina de somar elétrica, de fabricação inteiramente nacional.

A Burroughs também monta e distribui para o mercado brasileiro um série de máquinas e equipamentos destinados a mecanizar, automatizar e racionalizar serviços contábeis.

A instalação daquela empresa no país data de 41 anos, através da Casa Pratt, seu primeiro representante aqui.

Em 1919, a Burroughs resolveu manter uma representação direta no Brasil. Em 1924 foi organizada a Cia. Burroughs do Brasil S. A., com filial em São Paulo. Mais tarde, iniciou-se a organização de turmas de montagem especializadas, de tanta importância para a formação de técnicos nacionais.

A Burroughs vem acompanhando o desenvolvimento do Brasil, e o início da fabricação nacional des-

ta máquina de somar elétrica é um índice de progresso industrial que se faz sentir no país.

INAUGURADA A FÁBRICA DA FONGRA PRODUTOS QUÍMICOS S. A. EM SUZANO, SÃO PAULO

A 28 de junho último, foi inaugurada a Fábrica da Fongra Produtos Químicos S. A., à avenida Marginal, Km 461,5 — E.F.C.B., em Suzano, Estado de S. Paulo.

Essa manufatura de produtos químicos básicos dispõe do capital social de Cr\$ 600.000.000,00 e está instalada numa área construída de 12.000 m², com 200.000 m² de terreno total.

Nos seus 6 pavilhões industriais localizam-se as seções de electrólise, fábricas de solventes, DDT e álcoois graxos, casa de força e oficina de manutenção.

As instalações compreendem vários edifícios para armazenagem, tratamento de água, e outros fins, bem assim ramal ferroviário privativo, com 1.000 metros de extensão, articulado à linha tronco S. Paulo-Rio. Estima-se em 70 milhões de cruzeiros o recolhimento anual de impostos federais, estaduais e municipais.

Consumirá a FONGRA S. A. as matérias-primas seguintes: clorêto de sódio, álcool etílico, óleo de ba-

baçu, benzeno refinado e diversos outros materiais nacionais. Em suas atividades empregam-se 400 operários, 60 funcionários de escritório e 20 engenheiros químicos especializados.

Soda cáustica, DDT 100%, cloro líquido, ácido clorídrico, monoclo-

robenzeno, ortodichlorobenzene, paradichlorobenzene, ácido acético, acetato de butila, acetato de etila, butanol cu álcool butílico, álcool graxo sulfonato de óleo de babaçu (genapol D) e asplit CN solução são os produtos de fabricação dessa nova indústria paulista.

ESCRITÓRIOS EM SÃO PAULO
DA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

RUA QUIRINO DE ANDRADE, 193 — CONJ. 71

FONE 36-1187

SÃO PAULO

Banco Mercantil de São Paulo S. A.

BALANCETE RESUMIDO EM 31 DE JULHO DE 1958

ATIVO		PASSIVO	
	Cr\$		Cr\$
Caixa e Banco do Brasil	1.622.678.821,10	Capital e Reservas	764.614.734,00
Títulos do Tes. Nacional	1.044.001.537,40	Lucros em Suspenso ...	8.396.466,80
Empréstimos e Descontos	5.093.373.520,00	Depósitos	6.880.434.133,30
Títulos e Val. Mobiliários	111.550.748,10	Agências e Correspon-	
Imóveis e Instalações .	209.857.897,00	dentes	1.969.619.438,60
Agências e Correspon-		Resultados Pendentes .	158.329.768,10
dentes	1.671.723.240,60	Contas de Compensação	4.939.357.845,30
Resultados Pendentes .	28.208.776,60		
Contas de Compensação	4.939.357.845,30		
Total	14.720.752.386,10	Total	14.720.752.386,10

(a.) J. J. Cardozo de Mello Neto — Presidente. (a.) Marcio da Costa Bueno — Vice-Presidente. (a.) Gastão Eduardo de Bueno Vidigal — Superintendente. (a.) Décio R. da Fonseca — Diretor-Secretário. (a.) João Campioni — Diretor-Gerente. (a.) Oswaldo Morelli — Diretor-Gerente. (a.) Jovert Vieira da Silva — Contador. — C.L.C.R.C. 5-108.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

BALANÇO GERAL

MATRIZ, AGÊNCIAS E SUCURSAL DE BRASÍLIA, EM 30 DE JUNHO DE 1958

A T I V O		P A S S I V O	
	Cr\$		Cr\$
VALORES DISPONÍVEIS		CONTAS EXIGÍVEIS	
Tesouraria.....	179.344.524,20	Depósitos Voluntários.....	13.273.891.123,60
Bancos.....	571.316.516,40	Depósitos Compulsórios....	238.242.680,50
Tesouro Nacional - C/Reten		Depósitos em Liquidação...	57.305.660,00
ção.....	9.401.574,20	Sucursal de Brasília.....	10.181.663,00
Congêneres - C/Depósitos..	200.000,00	Cheques em Curso.....	15.471.558,70
Sucursal de Brasília.....	777.864,90	Restituições.....	41.564.276,30
		Credores Diversos.....	119.043.630,40
VALORES EM CIRCULAÇÃO		Ordens de Pagamento.....	10.603.803,40
Empréstimos.....	12.120.826.978,40	Congêneres - C/Movimento..	3.606.549,10
Valores de Mutação.....	638.751.249,30	Gratificações a Distribuir	13.775.654,90
Valores Transitórios.....	859.623.416,20		
		CONTAS TRANSITÓRIAS	
VALORES PATRIMONIAIS		Arrecadação a Classificar.	85.557.187,20
Bens Patrimoniais.....	411.190.890,30	Diversas Contas.....	305.056.098,40
		Obras de Beneficência.....	5.639.935,70
VALORES DE COMPENSAÇÃO			
Valores em Garantia.....	7.081.932.102,70	CONTAS PATRIMONIAIS	
Valores de Terceiros.....	172.904.105,40	Patrimônio.....	497.104.649,20
Depositários de Valores...	91.748.900,00	Fundo de Reserva.....	114.388.543,50
Contratos de Empréstimos..	156.805.903,80		
Juros a Realizar.....	10.564.336,70	CONTAS DE COMPENSAÇÃO	
		Garantias de Empréstimos..	7.173.659.802,70
TOTAL GERAL... 22.305.388.362,50		Credores por Valores Depo-	172.925.305,40
		sitados.....	156.805.903,80
		Compromissos Contratuais..	10.564.336,70
		Juros Contratuais.....	
		TOTAL GERAL... 22.305.388.362,50	

REND A E DESPESA

DEMONSTRAÇÃO EM 30 DE JUNHO DE 1958

D E B I T O		C R É D I T O	
	Cr\$		Cr\$
DESPESA FINANCEIRA		RENDA FINANCEIRA	
Juros de Depósitos.....	240.901.152,10	Juros de Empréstimos.....	574.370.647,60
DESPESA ADMINISTRATIVA		Juros Diversos e Dividen-	21.929.420,10
Conselho Superior.....	7.603.718,40	dos.....	5.929.366,50
Conselho Administrativo...	1.354.500,00	Rendas de Outras Operações	
Pessoal.....	328.539.011,40	RENDA ADMINISTRATIVA	
Material.....	6.452.452,50	Emolumentos.....	24.915.295,20
Serviços de Terceiros.....	5.050.977,10	Taxas.....	14.062.464,70
Encargos Diversos.....	21.640.049,90	Comissões.....	2.342.511,60
DESPESA PATRIMONIAL			
Conservação e Reparos.....	3.740.618,80	RENDA PATRIMONIAL	
Impostos, Taxas e Seguros.	267.495,70	Juros de Títulos Próprios.	3.822.507,50
DESPESA EVENTUAL		Renda de Imóveis Próprios.	905.623,80
Extraordinárias.....	1.746.027,90	RENDA EVENTUAL	
DESPESA TOTAL.....	617.296.003,80	Juros de Mora.....	5.684.200,30
RESULTADO ECONÔMICO.....	44.148.660,80	Saldos Prescritos.....	1.058.959,00
		Extraordinárias.....	6.423.668,30
TOTAL.....	661.444.664,60	RENDA TOTAL... 661.444.664,60	

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1958.

AUGUSTO DO AMARAL PEIXOTO
Presidente

LUIZ LEITE PINTO
Contador Geral

ADAL MARIZ DE FIGUEIREDO
Contador Geral Adjunto

BANCO DO

BALANCETE EM 31 DE

COMPREENDENDO DIREÇÃO GERAL E

INEDITORIAL

ATIVO

DISPONÍVEL

Cr\$

Caixa:

Em moeda corrente.....	3.904.567.760,20	
Em outras espécies.....	7.540.549,20	3.912.108.309,40
Agências no exterior (total do disponível).....		303.467.891,90
		<u>Cr\$ 4.219.576.201,30</u>

REALIZÁVEL

Operações do câmbio - à ordem do Tesouro Nacional:		
Correspondentes no exterior.....	2.327.340.262,60	
Outras contas vinculadas a câmbio.....	3.748.370.961,60	6.075.711.167,50

EMPRÉSTIMOS EM CONTA

Da Carteira de Crédito Geral:

Ao Tesouro Nacional:

Saldo das con-		
tas de arrec-		
dação e despe-		
sa do exercí-		
cio fiscal cor-		
rente.....	12.680.920.149,30	
Contribuição pa-		
ra o Fundo Mo-		
netário Inter-		
nação.....	3.081.179.342,50	
Outros débitos.....	85.692.564.495,30	100.454.664.087,10
A governos estaduais.....	12.859.651.824,40	
A governos municipais.....	758.123.508,20	
A outras entidades públicas.....	121.503.524,00	
A autarquias.....	2.078.156.344,90	
A bancos:		
Por conta própria.....	632.611.267,70	
Por conta da Caixa de Mobilização		
Bancária.....	5.539.559.163,00	
Ao comércio (operações específicas		
sobre café, algodão, trigo nacio-		
nal, cêra de carnaúba e outros pro-		
ductos).....	3.980.616.815,60	
Ao comércio (outras operações)....	6.010.503.149,10	
A indústria (operações específicas		
sobre café, algodão, trigo nacio-		
nal, cêra de carnaúba e outros pro-		
ductos).....	518.928.098,40	
A indústria (outras operações)....	17.716.467.777,30	
A lavoura.....	1.708.354.843,90	
A pecuária.....	19.716.275,70	
A particulares.....	1.447.294.506,80	
Em moratória.....	121.161.548,50	153.987.316.734,60

Da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial:

Agrícolas.....	18.433.780.319,90	
Agro-industriais.....	36.561.118,90	
Agropecuários.....	764.960.323,10	
Pecuários.....	6.351.646.128,00	
Industriais.....	13.253.361.871,30	
Em letras hipotecárias.....	879.006,60	
Outros empréstimos.....	1.447.554.816,40	
Em moratória.....	813.550.496,90	41.102.294.081,10
		195.089.610.815,70

EMPRÉSTIMOS EM TÍTULOS DESCONTADOS

Da Carteira de Crédito Geral:

A governos estaduais.....	100.000.000,00	
A governos municipais.....	82.960.029,10	
A autarquias.....	317.000.000,00	
A bancos:		
Por conta própria.....	56.800.000,00	
Por conta da Caixa de Mobilização Bancária.....	149.802.600,10	
Ao comércio (operações específicas sobre café, algo-		
dação, trigo nacional, cêra de carnaúba e outros pro-		
ductos).....	951.846.786,30	
Ao comércio (outras operações).....	6.812.256.510,30	
A indústria (operações específicas sobre café, algo-		
dação, trigo nacional, cêra de carnaúba e outros pro-		
ductos).....	3.265.949.435,40	
A indústria (outras operações).....	14.975.354.410,10	
A lavoura.....	1.282.691.772,70	
A pecuária.....	1.400.728.173,80	
A particulares.....	124.663.393,30	29.530.053.111,10

BRASIL S. A.

JULHO DE 1958

AGÊNCIAS NO PAÍS (377) E NO EXTERIOR (2)

PASSIVO

	N Ã O	E X I C Í V E L	Cr\$
Capital.....			200.000.000,00.
Fundo de reserva.....	419.796.228,90		
Fundo de provisao.....	2.003.406.759,20		
Fundo de amortizao de imoveis, moveis e utensilios..	2.114.296.375,20		
Fundo para prejuizos eventuais.....	1.559.009.203,70		6.136.508.767,00
Fundo para o desenvolvimento de iniciativas de interesse publico.....		112.541.294,50	
Agencias no exterior (total do nao exigivel).....		81.216.940,90	6.530.267.002,40

E X I C Í V E L

Operaoes do cambio - a ordem do Tesouro Nacional:

Correspondentes no exterior.....	8.568.927.053,80	
Obrigacoes em moedas estrangeiras por emprestimos con- traidos.....	2.526.640.016,80	
Depositos obrigatorios (Decreto 24.038, de 26-3-34)..	812.275.229,70	
Outras contas vinculadas a cambio.....	2.130.843.692,10	14.038.685.992,40

DEPÓSITOS A VISTA E A CURTO PRAZO

Do Tesouro Nacional:

A disposicao de entidades federais	6.659.030.634,30	
Fundo de indenizacoes (Dec. 25.147, de 29-6-48).....	33.276.161,30	
Fundo de pavimentacao de estradas de rodagem (Lei 2.698, de 27-12- 55).....	2.475.617.671,40	
Fundo de modernizacao e recupera- cao da lavoura nacional.....	12.002.419.024,90	
Fundo para eventuais diferencas de cambio.....	24.720.155.907,30	
Fundo de recuperacao economico-ru- ral da lavoura cacaueteira.....	1.000.000.000,00	
Fundo para amparo a lavoura cafeei- ra.....	1.362.309.854,10	
Fundo especial para concessao de subsidio a fabricantes no pais (Lei 3.244, de 14-8-57 - Art.58)..	54.459.557,60	
Outros creditos.....	8.249.324.029,80	56.556.592.840,60

De governos estaduais.....	478.818.396,70
De governos municipais.....	95.804.644,20
De outras entidades publicas.....	3.865.703.916,80

De autarquias:

Superintendencia da Moeda e do Credito:

Conta de fundos.....	14.277.773.346,30	
Contas de juros.....	479.504.389,00	
Fundo Monetario Internacional..	4.162.507.717,00	18.919.785.452,30
Caixa de Mobilizacao Bancaria.....	5.600.768.890,50	
Outras Autarquias.....	13.110.490.197,50	37.631.044.540,30
De bancos.....		21.301.667.491,90

Do publico (compulsorios):

Judiciais (Decreto-lei 3.077, de 26-2-41).....	2.888.746.886,20	
De empresas concessionarias de ser- vicos publicos (Decreto-lei 3.077 de 26-2-41).....	406.521.714,70	
Obrigatorios de lucros extraordiná- rios (Decreto-lei 9.139, de 10-4- 46).....	55.021.198,60	
Outros depositos obrigatorios.....	120.292.732,70	3.470.582.532,20

Do publico (diversos):

Sem limite.....	10.067.353.295,40	
Limitados.....	1.035.162.420,50	
Populares.....	4.381.730.906,00	
Sem juros.....	771.968.226,80	
Outros depositos.....	2.663.385.125,30	18.919.599.974,00

Saldo credores de emprestimos.....	351.831.569,10	142.671.645.905,80
------------------------------------	----------------	--------------------

BANCO DO
BALANCETE EM 31 DE
COMPREENDENDO DIREÇÃO GERAL E
(Conti

ATIVO

OUTROS CRÉDITOS E VALORES

Créditos:

Títulos a receber de conta própria.....	1.627.667.009,60
Créditos em liquidação.....	1.481.485.911,20
Superintendência da Moeda e do Crédito, n/entrega cor respondente a depósitos obrigatórios (Decreto-lei 9.159, de 10-4-46).....	56.121.750,00
Superintendência da Moeda e do Crédito, e/depósito obrigatório.....	2.485.778.702,80
Compra e venda de produtos exportáveis.....	664.231.623,00
Compra e venda de produtos de importação.....	29.445.402,80
Caixa de Mobilização Bancária, conta de transferên- cia de depósitos bancários (Dec. 36.783, de 18-1-55).....	1.430.693.802,8
Comissão executiva do plano de recuperação econômi- co-rural da lavoura cacaueira (Decreto 40.987, de 20-2-57).....	149.968.809,6
Correspondentes no país.....	112.114.377,80
Outras contas.....	1.483.168.764,70

Valores:

Títulos e valores mobiliários:

Apólices e outras obrigações fe- derais.....	276.378.598,50
Apólices estaduais.....	29.980,00
Apólices municipais.....	750,00
Outros títulos e valores mobiliá- rios.....	763.093.223,10
Imóveis não destinados a uso do Banco.....	752.779.747,10

Direção Geral e Agências (contas de relações internas).....	238.091.487.542,80
Agências no exterior (total do realizável).....	1.581.241.513,70

IMOBILIZADO

Imóveis de uso do Banco.....	1.832.519.682,30
Móveis e utensílios.....	436.370.974,60
Material de expediente.....	109.575.776,40
Agências no exterior (total do imobilizado).....	35.335.599,70

DE RESULTADO PENDENTE

Despesas de juros e comissões.....	274.406.742,40
Despesas de impostos.....	8.239.592,90
Despesas gerais e outras despesas administrativas.....	1.241.897.585,00
Outras contas de resultado pendente.....	376.816.988,20
Agências no exterior (total de resultado pendente).....	15.724.362,60

1.901.360.908,50
1.917.085.271,10
490.227.534.109,20

DE COMPENSAÇÃO

Valores em garantia.....	169.978.298.691,10
Valores depositados:	
Ouro do Tesouro Nacional (288.541.409,000 g).....	6.548.070.799,90
Outros valores depositados.....	37.103.446.833,10
Efeitos a receber de conta alheia.....	43.651.517.633,00
Outras contas de compensação.....	213.629.816.324,10
Agências no exterior (total de compensação).....	92.218.686.532,40

31.917.412.936,20
866.197.464,90
338.632.113.257,60
828.859.647.366,80

BRASIL S. A.

JULHO DE 1958

AGÊNCIAS NO PAÍS (377) E NO EXTERIOR (2)

nuação)

PASSIVO

DEPÓSITOS A PRAZO

De autarquias.....	1.670.775.944,70	
Do público (compulsórios):		
Judiciais (Decreto-lei 3.077, de 26-2-41).....	20.442.382,70	
Do público (diversos):		
De aviso prévio.....	2.515.777.230,30	
A prazo fixo.....	400.865.459,00	
Letras a prêmio.....	294.000,00	2.916.936.689,30
		4.608.155.016,70

OUTRAS RESPONSABILIDADES

Títulos redescontados:		
Comerciais.....	10.242.850.150,40	
Contratos da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial.....	35.486.052.704,60	45.728.902.810,00
Carteira de Redescontos, conta de empréstimos.....	4.500.000.000,00	
Mobilização de créditos em moratória.....	2.000.000.000,00	
Carteira de Colonização, conta de recursos.....	215.165.204,80	
Bônus e letras hipotecárias da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, em circulação.....	706.643.200,00	
Correspondentes no país.....	44.659.570,40	
Ordens de pagamento.....	2.109.231.270,60	
Cobrança efetuada, em trânsito.....	3.783.931.300,10	
Clientes do país.....	1.609.059.502,90	
Dividendos a pagar.....	5.856.457,00	
Outras contas do passivo exigível.....	460.059.263,60	61.152.508.579,40
Direção Geral e Agências (contas de relações internas).....	238.745.032.959,00	
Agências no exterior (total do exigível).....	1.824.931.232,70	463.040.959.686,00

DE RESULTADO PENDENTE

Rendas de juros, descontos, comissões e diversas.....	1.639.959.611,20	
Outras contas de resultado pendente.....	18.986.726.615,30	20.626.686.226,50
Agências no exterior (total de resultado pendente).....	29.621.194,30	20.656.307.420,80
		490.227.534.109,20

DE COMPENSAÇÃO

Depositantes de valores em garantia e custódia.....	213.629.816.324,10	
Depositantes de efeitos para cobrança:		
Do país.....	91.937.059.674,70	
Do exterior.....	281.626.857,70	92.218.686.532,40
Outras contas de compensação.....	31.917.412.936,20	
Agências no exterior (total de compensação).....	866.197.464,90	338.632.113.257,60
		828.859.647.366,80

19 DE AGOSTO DE 1958.

MIGUEL SOARES DE OLIVEIRA
Chefe do Departamento de Contabilidade
(C.R.C. nº16.373)

COMPANHIA SIDER

BALANÇO GERAL EM 30

A T I V O		Cr\$	
<u>IMOBILIZADO</u>			
Imóveis		879.535.837,10	
Equipamentos e Instalações	6.076.657.901,50		
Bens Moveis	457.336.977,90		
Frota Marítima	429.701.174,80	6.963.696.054,20	
MENOS: Fundos de Depreciação		4.428.948.570,00	
Valores Intangíveis		2.534.747.484,20	
Participação no Capital de Empresas		18.137.583,90	
Construções e Obras		534.025.991,90	
		965.313.797,50	4.931.760.694,60
<u>REALIZÁVEL A PRAZO LONGO</u>			
Cauções		659.119,00	
Empresas Subsidiárias		60.960.102,30	
Governo Federal - C/Empréstimo Compulsório - Lei 1474		119.157.715,60	
Petroleo Brasileiro S/A-C/Contribuição Compulsoria-Lei 2004		765.000,00	181.541.936,90
<u>REALIZÁVEL A PRAZO CURTO</u>			
Almoxarifados e Depósitos	1.750.466.859,20		
Materiais em Trânsito	90.165.022,10		
Materiais de Importação em Trânsito	727.853.451,70		
Produtos Industriais	822.573.517,90		
Estoque de Venda	192.651.741,00	3.583.710.591,90	
Contas e Títulos a Receber	860.494.877,80		
Contas de Entidades Públicas e Autárquicas	666.476.773,30		
Contas Correntes	227.905.418,30	1.754.877.069,40	
MENOS: Fundo de Provisão		175.487.706,90	1.579.389.362,50
Export Import Bank of Washington-C/Abertura de Crédito		662.061.207,50	
Cartas de Credito no Exterior		818.250.072,50	1.480.311.280,00
Depósito para Câmbio		419.781.456,90	
Títulos Públicos		4.438.893,50	
Títulos Particulares		656.600,00	
Acionistas - C/Capital a Realizar		188.573.160,00	7.256.861.341,80
<u>DISPONIVEL</u>			
Caixas		62.416.103,80	
Bancos		743.806.708,00	
Fundos no Exterior		40.932.380,90	847.155.192,70
<u>RESULTADOS PENDENTES</u>			
Contas Suspensas		15.217.631,80	
Depositos Judiciais		1.143.641,30	
Despesas Antecipadas		14.194.312,80	
Sinistros Denunciados		49.549.493,40	80.105.079,30
<u>COMPENSAÇÃO</u>			
Valores de Terceiros		130.410.500,00	
Ações em Caução		280.000,00	
Deposítários de Valores		91.249.800,00	
Avais sobre Empréstimos no Exterior		5.377.086.220,50	
Navios Hipotecados		142.087.897,30	
Diversos		185.522.180,40	5.926.636.598,20
			19.224.060.846,50

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1958

Edmundo de Macedo Soares e Silva
Presidente

Paulo Monteiro Mendes
Diretor Secretário

João Kubitschak de Figueiredo
Vice-Presidente

Renato Frota Rodrigues de Azevedo
Diretor Industrial

ÚRGICA NACIONAL

DE JUNHO DE 1958

P A S S I V O		Cr\$	
<u>NÃO EXIGÍVEL</u>			
Capital:			
Ações Preferenciais	500.000.000,00		
Ações Ordinárias	1.750.000.000,00	2.250.000.000,00	
Reserva Decorrente da Alienação de Partes Beneficiárias		1.250.000.000,00	
Fundo de Renovação		1.437.464.499,80	
Fundo de Reserva		211.396.882,60	
Reservas Diversas		189.768.015,20	
Lucros Suspensos		121.268.215,80	
Provisão para Encargos Sociais		566.070.724,10	6.055.968.337,50
<u>EXIGÍVEL A PRAZO LONGO</u>			
Fundo de Resgate de Partes Beneficiárias		190.117.506,00	
Promissórias do Export Import Bank of Washington	4.976.172.000,00		
MENOS: Juros a se vencerem, incluídos nas promissórias	546.035.515,10	4.430.136.484,90	
Promissórias de Aquisição de Navios	23.840.738,10		
MENOS: Juros a se vencerem, incluídos nas promissórias	694.390,70	23.146.347,40	4.643.400.338,30
<u>EXIGÍVEL A PRAZO CURTO</u>			
Salários a Pagar		13.603.304,60	
Contas a Pagar	707.534.350,80		
Contas de Entidades Públicas e Autárquicas	562.636.353,30		
Contas Correntes	357.339.561,40	1.627.510.265,50	
Dividendos de Ações	177.545.970,90		
Dividendos de Partes Beneficiárias	289.061.154,40	466.607.125,30	
Participação da Diretoria		1.100.000,00	
Reserva para Impostos		183.089.106,30	
Provisões Diversas		18.377.731,70	
Promissórias do Export Import Bank of Washington	329.392.000,00		
MENOS: Juros a se vencerem, incluídos nas promissórias	101.710.423,40	227.681.576,60	
Promissórias de Aquisição de Navios	47.681.482,40		
MENOS: Juros a se vencerem, incluídos nas promissórias	3.391.642,30	44.289.840,10	2.582.258.950,10
<u>RESULTADOS PENDENTES</u>			
Contas Suspensas		15.140.865,10	
Receitas Antecipadas		655.757,30	15.796.622,40
<u>COMPENSAÇÃO</u>			
Credores por Valores		130.410.500,00	
Caução da Diretoria		280.000,00	
Valores Depositados		91.249.800,00	
Avalistas de Empréstimos no Exterior		5.377.086.220,50	
Garantias Hipotecárias		142.087.897,30	
Diversos		185.522.180,40	5.926.636.598,20
			19.224.060.846,50

Yrvaldo Magella Pires de Mello
Yrvaldo Magella Pires de Mello
Diretor Tesoureiro

Lyndolpho Pinheiro Filho
Lyndolpho Pinheiro Filho
Contador Geral Interino
Reg. nº 3.495 - CRC.-DF.

COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA DE LUCROS E PERDAS EM 30 DE JUNHO DE 1958

D É B I T O			C R É D I T O		
		Cr\$			Cr\$
1) <u>DESPESAS FINANCEIRAS</u>			1) <u>RÉDITO MERCANTIL</u>		
Juros pagos:			Rédito das vendas e operações mercantis relativo ao 1º semestre de 1958		872.502.712,80
no Brasil	100.005,80				
no Exterior	51.253.500,00	51.353.505,80	2) <u>RECEITAS FINANCEIRAS</u>		
Prejuízos diversos		752.840,40	Juros recebido:	18.243.096,80	
			Receitas diversas	3.182.925,90	21.426.022,70
2) <u>FUNDO DE DEPRECIÇÃO</u>			3) <u>LUCROS SUSPENSOS</u>		
Importância destinada ao Fundo de Depreciação do Ativo Imobilizado		500.000.000,00	Saldo do 2º semestre de 1957	143.254.150,10	
MENOS: Valor já apropriado ao custo da produção e compreendido no Redito Mercantil		214.554.202,90	MENOS: Prêmio distribuído aos empregados da Companhia, neste semestre (artº 48 dos Estatutos)	116.323.089,50	26.931.060,60
DISTRIBUIÇÃO DO LUCRO LÍQUIDO DE Cr\$ 556.375.592,20 NESTE SEMESTRE, NA FORMA DO ARTº 47 DOS ESTATUTOS.					
3) <u>FUNDO DE RESERVA</u>					
5% do lucro líquido (artº 47, item 1º dos Estatutos)		27.818.779,60			
4) <u>FUNDO DE RENOVACÃO</u>					
Importância destinada (artº 47, item 5º dos Estatutos)		270.000.000,00			
5) <u>FUNDO DE PREVISÃO</u>					
Importância destinada (artº 130, § 3º do Decreto-lei 2.627, de 26-9-1940 e artº 47, item 6º dos Estatutos)		31.320.778,70			
6) <u>DIVIDENDOS DE AÇÕES</u>					
21º dividendo semestral, a saber:					
de 6% a.a. s/2.500.000 ações preferenciais		35.000.000,00			

de 7,5% a.a. s/7.632.809 ações ordinárias pertencentes ao Tesouro Nacional, calculado proporcionalmente ao valor das chamadas realizadas	50.730.067,50			
de 10% a.a. s/1.117.191 ações ordinárias, pertencentes a particulares, calculado proporcionalmente ao valor das chamadas realizadas	<u>10.431.252,00</u>	76.161.319,50		
7) <u>PARTICIPAÇÃO DA DIRETORIA</u>				
Participação no lucro líquido, na forma do artº 22 dos Estatutos		1.100.000,00		
8) <u>FUNDO DE RESGATE DE PARTES BENEFICIÁRIAS</u>				
4% do lucro líquido (artº 14 dos Estatutos)		22.255.623,70		
9) <u>DIVIDENDOS DE PARTES BENEFICIÁRIAS</u>				
6% do lucro líquido (artº 14 dos Estatutos)		33.382.535,50		
10) <u>LUCROS SUSPENSOS</u>				
Saldo dos lucros líquidos a aplicar por proposta da Diretoria e deliberação da Assembleia Geral				
Anterior	26.931.060,60			
Deste semestre	<u>94.337.155,23</u>	<u>121.268.215,80</u>		
		920.859.796,10		
				920.859.796,10

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1958

Edmundo de Macedo Soares e Silva
Presidente

João Kubitschek de Figueiredo
Vice-Presidente

Geraldo Magella Pires de Mello
Diretor Tesoureiro

Paulo Monteiro Mendes
Diretor Secretário

Renato Frota Rodrigues de Azevedo
Diretor Industrial

Lyndolpho Pinheiro Filho
Contador Geral Interino
Reg. nº 3.495 - CRC - DF.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE SÃO PAULO

BALANÇO EM 30 DE JUNHO DE 1958

INEDITORIAL

A T I V O		P A S S I V O	
A - VALORES DISPONÍVEIS		A - CONTAS EXIGÍVEIS	
TESOURARIAS.....	122.507.964,90	DEPÓSITOS	
BANCOS		VOLUNTÁRIOS	
Banco do Brasil S/A.....	743.577.677,20	Populares.....	8.309.518.743,30
Outros Bancos.....	5.607.691,90	Prazo Fixo.....	274.412.717,40
TESOURO NACIONAL		Aviso Prévio.....	44.178.754,00
C/Retenção.....	232.083.423,30	Sem Limite.....	118.355.028,80
	1.103.776.857,30	Especiais Servidores.....	37.186.434,20
			8.783.645.677,70
B - VALORES EM CIRCULAÇÃO		DEPÓSITOS	
EMPRESTIMOS		COMPULSÓRIOS	
S/Hipotecas		Caucionados.....	49.722.116,40
Hipotecas.....	2.933.140.821,10	Judiciais.....	4.346.402,90
Casa Própria.....	1.880.253.389,40	Obrigatórios.....	5.829.306,10
Industriais.....	197.658.798,60		59.897.825,40
S/Garantias Simultâneas.....	976.946.825,40	DEPÓSITOS - LIQUIDAÇÃO.....	110.696,70
S/Caução de Títulos.....	9.931.655,00	Total de Depósitos.....	8.843.654.199,80
S/Consignações.....	826.621.670,10	CREDORES DIVERSOS.....	61.159.161,50
S/Penhores.....	213.686.097,00	OUTRAS CONTAS.....	23.628.446,80
S/Promessa de Compra e Venda.....	12.287.493,10		8.928.441.808,10
A Congêneres.....	337.388.161,60		
Total de Empréstimos.....	7.387.914.911,30	B - CONTAS TRANSITÓRIAS	
MUTUAÇÃO		ARRECADAÇÕES A CLASSIFICAR.....	19.309.097,00
Ações.....	159.500.000,00	DIVERSAS CONTAS.....	9.588.072,70
Apólices.....	10.400.000,00		28.897.169,70
Almojarifado.....	7.158.015,80		
Imóveis.....	20.550.554,80	C - CONTAS PATRIMONIAIS	
Obrigações de Guerra.....	166.099.515,50	PATRIMÔNIO.....	230.168.030,40
Imóveis Compromissados p/Venda	710.909,90	FUNDO DE RESERVA.....	258.367.791,20
TRANSITÓRIOS			488.535.821,60
Devedores Diversos.....	11.919.099,10		
Dividendos a Receber.....	44.838.250,20		
Rendas a Receber.....	83.323.640,70		
Reaj. de Venc. dos Servidores.....	12.975.931,80		
Outras Contas.....	11.535.657,10		
	167.592.578,90		
Ativo Circulante.....	9.023.703.343,50		
C - VALORES PATRIMONIAIS			
Biblioteca.....	363.086,60		
Imóveis Próprios (Prédios e Terr.).....	367.866.448,40		
Máquinas e Aparelhos.....	32.401.086,30		
Móveis e Utensílios.....	20.592.904,60		
Veículos.....	947.930,00		
	422.171.455,90		
Soma do ATIVO.....	9.445.874.799,40		
D - VALORES DE COMPENSAÇÃO			
Valores em Garantia.....	16.139.121.045,40	Garantias de Empréstimos.....	16.139.121.045,40
Valores de Terceiros.....	15.477.000,00	Credores por Valores Depositados.....	15.477.000,00
Contratos de Empréstimos.....	541.541.933,10	Compromissos Contratuais.....	541.541.933,10
	16.696.139.978,50		16.696.139.978,50
	26.142.014.777,90		26.142.014.777,90

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA "RENDAS E DESPESAS" — 1.º SEMESTRE DE 1958

D É B I T O			C R É D I T O		
A - DESPESA FINANCEIRA			A - RENDA FINANCEIRA		
JUROS DE DEPÓSITOS.....	207.371.737,00		JUROS DE EMPRÉSTIMOS.....	350.478.292,20	
B - DESPESA ADMINISTRATIVA			JUROS DIVERSOS E DIVIDENDOS.....	11.735.627,10	
CONSELHO SUPERIOR.....	7.593.718,40		RENDAS DE OUTRAS OPERAÇÕES		
CONSELHO ADMINISTRATIVO			Juros de Bancos.....	8.138.736,80	
Subsídios e Representação.....	1.376.500,00		Juros do Tesouro Nacional.....	6.914.026,50	
PESSOAL			Rendas Diversas.....	296.369,00	15.349.132,60
Vencimentos e outras despesas do Pessoal.....	129.878.881,30				386.563.051,60
MATERIAL			B - RENDA ADMINISTRATIVA		
Livros e Impressos; Custeio de Veículos; Material Mé-			EMOLUMENTOS.....	62.558,00	
dico; Farmacêutico; Material Elétrico; Fardamentos;			TAXAS.....	15.773.634,00	15.836.192,00
Artigos de Expediente e Desenho; Remessa de Material;			C - RENDA PATRIMONIAL		
Material p/Limpeza e Conservação; Serviços de Alimen-	5.091.633,90		RENDAS DE IMÓVEIS PRÓPRIOS.....		
tação.....					648.351,20
SERVIÇOS DE TERCEIROS			D - RENDA EVENTUAL		
Conservação e Reparos de Imóveis; Correios, Telégrafos			JUROS DE MORA.....	6.045.946,80	
e Telefones; Jornais e Revistas; Luz, Força e Gás;			RENDAS EXTRAORDINÁRIAS.....	2.710.207,60	
Propaganda; Publicações e Avisos; Aluguéis de Máqui-			OUTRAS CONTAS.....	194.316,00	8.950.470,40
nas; Água, Esgoto e Lixo; Serviços Médicos Especiais;					
Serviços de Fiscalização; Serviços de Avaliação; Pe-	6.875.128,90				
quenos Serviços.....					
ENCARGOS DIVERSOS					
Aluguéis; Impostos e Taxas; I.A.P.B.; L.B.A.; Seguros,					
etc.	6.816.424,70	157.632.287,20			
C - DESPESA PATRIMONIAL					
CONSERVAÇÃO E REPAROS					
Pessoal; Material; Máquinas e Instalações; Móveis e					
Utensílios.....	6.572.623,60				
IMPOSTOS, TAXAS E SEGUROS.....	127.708,20	6.700.331,80			
D - DESPESA EVENTUAL					
DESPESA EXTRAORDINÁRIA					
Despesas Diversas.....	9.080.206,40				
Despesas Totais.....	380.784.562,40				
Renda e Despesa.....	31.213.502,80				
	411.998.065,20				
			Rendas Totais.....		411.998.065,20

O CONSELHO ADMINISTRATIVO: CASTELINO BORGES FORTES - Presidente; FRANCISCO GLICÉRIO DE FREITAS - Vice-Presidente; JOSÉ ARMANDO AFFONSECA - Diretor; CAIO MONTEIRO DA SILVA - Diretor; ARMANDO SIMONE PEREIRA - Diretor. ORLANDO DELLA NINA - Chefe de Divisão Contabilidade Centralizada - Contador C.R.C.-SP. 1779. LEOPOLDO MÜLLER - Chefe do Departamento de Contabilidade - Contador C.R.C.-SP. 129. HORÁCIO BERNARDINO DA MOTTA - Chefe do Depart. Gerência. ALVARO SIMÕES MACHADO - Auditor, Chefe do Depart. Controle - Contador C.R.C.-SP. 4127.

**FAÇA SUA ASSINATURA DAS SEGUINTE PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO
GETÚLIO VARGAS:**

**Conjuntura Econômica — Revista de Direito Administrativo — Revista
Brasileira de Economia — Arquivos Brasileiros de Psicotécnica.**

Sem contestação as melhores das respectivas especialidades.

Pedidos à :

REVISTA FORENSE S. A.

Avenida Erasmo Braga, 299
Fone 42-9573 — Rio de Janeiro,
D. F. — Brasil.

BANCO DE CRÉDITO DA AMAZÔNIA S. A.

MATRIZ: BELEM — PARA

AGÊNCIAS em: Abaetetuba, Alenquer, Altamira, Bacabal, Balsas, Belém, Benjamin Constant, Bragança, Breves, Boa Vista, Cáceres, Cametá, Capanema, Castanhal, Coari, Coroatá, Cruzeiro do Sul, Cuiabá, Eirunepé, Fortaleza, Guajará-Mirim, Guiratinga, Itacoatiara, Macapá, Manaus, Marabá, Maués, Monte Alegre, Oriximiná, Parintins, Pedro Afonso, Pôrto Alegre, Pôrto Nacional, Pôrto Velho, Rio Branco, Santarém, São Luiz, São Paulo, Sena Madureira, Soure, Tarauacá, Tocantinópolis, Xapuri e no RIO DE JANEIRO (Rua da Assembléia, 62)

BALANÇO EM 30 DE JUNHO DE 1958 — Compreendendo Matriz e Agências

INEDITORIAL

A T I V O			P A S S I V O		
A - DISPONÍVEL			F - NÃO EXIGÍVEL		
C a i x a			Capital.....	150.000.000,00	
Em Moeda Corrente.....	62.880.594,70		Fundo de Reserva Legal.....	73.851.373,70	
Em Depósito no Banco do Brasil S.A.	126.740.501,80		Fundo de Previsão.....	1.124.229.149,40	
Em Depósito à Ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito.....	20.132.871,30	209.753.967,80	Outras Reservas.....	919.527.444,90	2.267.607.968,00
B - REALIZÁVEL			G - EXIGÍVEL		
Empréstimos em C/Corrente.....	1.897.475.738,20		Depósitos		
Títulos Descontados.....	1.222.251.062,10		à vista e a curto prazo		
Letras a Receber de Conta Própria.....	35.608.260,80		de Poderes Públicos.....	33.935.446,90	
Agências no País.....	3.829.289.190,70		de Autarquias.....	12.455.064,70	
Correspondentes no País.....	4.278.642,00		em C/C sem Limite.....	190.604.353,90	
Outros Créditos.....	1.217.326.429,80	8.206.229.269,60	em C/C Populares.....	98.155.591,40	
Imóveis.....	13.397.217,50		em C/C sem Juros.....	38.949.626,30	
Títulos e Valores Mobiliários			em C/C de Aviso.....	-	
Ações e Debêntures.....	17.442.200,00		Outros Depósitos.....	1.106.493,10	375.206.576,30
Outros Valores.....	2.500,00	8.237.071.187,10	a prazo		
C - IMOBILIZADO			de diversos		
Edifícios de Uso do Banco.....	91.063.376,20		a Prazo Fixo.....	6.950.561,70	
Móveis e Utensílios.....	47.620.557,60		de Aviso Prévio.....	451.493,60	
Material de Expediente.....	16.628.690,70		Letras a Prêmio.....	70.431.851,80	77.833.907,10
Instalações.....	4.967.674,80	160.280.299,30	Outras Responsabilidades		453.040.483,40
D - RESULTADOS PENDENTES			Obrigações Diversas.....	146.621.777,00	
Outras Contas.....		8.230.731,60	Letras a Pagar.....	273.880.000,00	
E - CONTAS DE COMPENSAÇÃO			Agências no País.....	3.558.007.294,10	
Valores em Garantia.....	3.103.186.662,60		Correspondentes no País.....	305.334,40	
Valores em Custódia.....	590.257.751,40		Ordens de Pagamento e Outros		
Títulos a Receber de Conta Alheia.....	1.228.533.586,00		Créditos.....	1.730.927.297,60	
Outras Contas.....	1.187.020.080,20	6.108.998.080,20	Dividendos a Pagar.....	98.518.282,70	5.808.259.985,80
	Cr\$ 14.724.334.266,00		H - RESULTADOS PENDENTES		
			Contas de Resultado.....		86.427.748,60
			I - CONTAS DE COMPENSAÇÃO		
			Depositantes de Valores em Garantia e em Custódia.....	3.693.444.414,00	
			Depositantes de Títulos em Cobrança no País.....	1.228.533.586,00	
			Outras Contas.....	1.187.020.080,20	6.108.998.080,20
				Cr\$ 14.724.334.266,00	

NOTA: - Na verba "Outros Créditos" está incluído o valor da borracha adquirida e em estoque - Cr\$390.782.870,10.

JOSÉ DA SILVA MATOS
Presidente

Belém, 30 de junho de 1958.

JOÃO MOUSINHO COELHO
Chefe da Secção de Contabilidade
Reg. 64.189 - CRC 0383

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA "LUCROS E PERDAS", EM 30 DE JUNHO DE 1958

D É B I T O		C R É D I T O	
JUROS abonados à depositantes e outras despesas de juros.....	16.449.254,20	Receita de Juros	104.310.860,40
DESPESAS GERAIS Honorários da Diretoria, do Conselho Fiscal, vencimentos e gratificações dos funcionários, aluguéis de imóveis e outras despesas gerais.....	116.123.233,50	Descontos.....	66.876.536,40
Gastos de Material.....	2.439.759,00	Menos os do exercício seguinte.....	17.343.352,60
Impostos.....	8.080.322,20	Comissões Recebidas ou Debitadas.....	95.101.051,20
Outras Cotas.....	9.763.326,80	Rendas de Capitais não Empregados em Operações Sociais.....	178.183,40
Amortização do Ativo.....	5.820.140,10	Outras Rendas.....	254.001.682,70
Perdas Diversas.....	3.387.061,70		
<u>Distribuição do Lucro Líquido</u>			
Fundo de Reserva Legal.....	17.053.093,20		
Fundo de Provisão.....	305.866.296,20		
Fundo de Assistência aos Funcionários (Artigo 48 dos Estatutos).....	6.821.237,30		
Fundo de Assistência aos Seringueiros (2%).....	6.821.237,30		
31º Dividendo à razão de 6% a.a.	4.500.000,00		
	Cr\$ 503.124.961,50		Cr\$ 503.124.961,50

JOSÉ DA SILVA MATOS
Presidente

Belém, 30 de junho de 1958,

JOÃO MQUINHO COELHO
Chefe da Secção de Contabilidade
Reg. 64.189 - CRC 0383

VOCÊ PRECISA DE EDAP!



porque é indispensável:

- Para compras
- Para vendas
- Para cadastro
- Para mala direta
- Para escolha de representantes
- Para obtenção de representações
- Para informações de necessidade cotidiana

O ANUÁRIO EDAP é a mais completa publicação no seu gênero lançada no Brasil

EDAP editora S. A.

Capital realizado :
Cr\$ 10.000.000,00

Diretor-Presidente :

FERNANDO CHINACLIA

Rio de Janeiro :

Av. Rio Branco, 57 - 14.º andar
Tels. : 23-4419 e 43-8219

São Paulo :

Av. da Conceição, 57 - 9.º and.
Tel. : 37-9827

Pôrto Alegre :

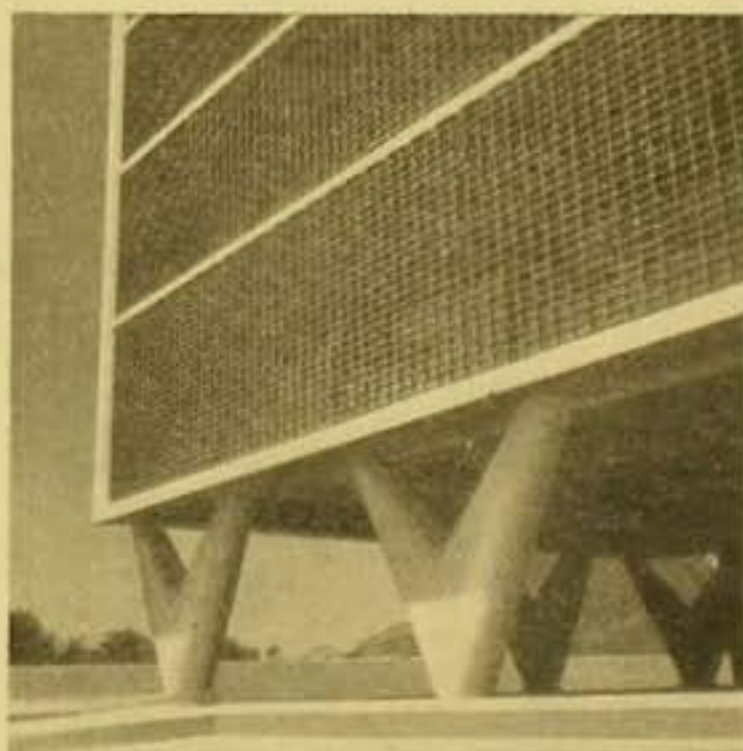
Av. Borges de Medeiros, 308 -
1.º andar - C. 13.

obras com cimento MAUÁ



O moderno Hospital Sul América, além de honrar os nossos fóros de povo civilizado, é uma jóia arquitetônica engastada num dos mais belos cenários do mundo.

Na sua construção foi empregado o cimento Portland MAUÁ que assegura a sua solidez e durabilidade.



Projeto: Oscar Niemeyer - Hélio Uchoa

Construção: Companhia Construtora Pederneiras S. A.

O cimento Portland Mauá supera as especificações exigidas para cimento Portland no mundo inteiro.



COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND

Rio de Janeiro

Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais S. A.

FUNDADO EM JANEIRO DE 1923

CASA MATRIZ: BELO HORIZONTE

No Distrito Federal: Filial do Rio de Janeiro — Rua da Alfândega, 27 e Rua Buenos Aires 22;
Agências Metropolitanas: Avenida — Castelo, Av. Rio Branco, 161; Copacabana, Praça da Bandeira,
Madureira, Bonsucesso, Pilares, Mauá-Acre, Praça Tiradentes e Campo Grande.

FILIAIS em Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife e Porto Alegre.
120 AGÊNCIAS nos Estados de Minas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo,
Distrito Federal e Pernambuco.

RESUMO DO BALANÇO GERAL EM 31 DE JULHO DE 1958

A T I V O		P A S S I V O	
A — DISPONIVEL	CR\$	F — NÃO EXIGÍVEL	CR\$
Caixa e Banco do Brasil S. A.	862.385.205,80	Capital e Reservas	621.502.031,20
A Ordem da SUMOC	121.122.100,00		
B — REALIZAVEL		G — EXIGÍVEL	
Títulos descontados e emprés- timos em C/Corrente	4.844.504.029,50	DEPÓSITOS	
Agências e Correspondentes no País	3.840.128.805,50	A vista e a prazo	6.071.588.629,40
Correspondentes no Exterior ..	23.419.428,20	OUTRAS RESPONSABILIDADES	
Capital a Realizar	18.850.800,00	Agências e Correspondentes no País	4.039.344.527,70
Outros Créditos	115.372.028,70	Correspondentes no Exterior ..	26.430.158,70
Banco do Brasil S.A. C/Aumento Capital - Dec. 5.956	31.149.200,00	Outros Créditos	416.234.979,30
Imóveis	25.256.949,60	H — RESULTADOS PENDEN- TES	139.207.692,00
Títulos e Valores Mobiliários	916.457.218,00	I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO	
C — IMOBILIZADO		Depositantes de valores em ga- rantia e em custódia	2.739.513.510,40
Edifícios de uso do Banco ..	335.851.492,20	Depositantes de títulos em co- brança	4.307.696.047,40
Móveis e utensílios e Material de expediente	108.312.918,80	Outras contas	440.972.097,00
D — RESULTADOS PENDEN- TES	71.497.841,60	Total do Passivo	18.802.489.673,10
E — CONTAS DE COMPEN- SAÇÃO	7.438.181.654,80		
Total do Ativo	18.802.489.673,10		

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — Christiano França Teixeira Guimarães, Presidente;
Josaphat Edwards Santiago, Vice-Presidente; Sebastião Dayrell de Lima, Secretário; Ruy de
Castro Magalhães, Diretor-Presidente; Aluisio Toscano de Brito, Diretor-Superintendente; Benja-
min Soares de Azevedo, Diretor; José de Almeida Barbosa Mello, Diretor; João Baptista Moura
Drummond, CRC - MG n.º 5.617.

ESCRITÓRIOS EM SÃO PAULO

DA

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

RUA QUIRINO DE ANDRADE, 193 — CONJ. 71 — FONE 36-1187

SÃO PAULO

BANCO SUL AMERICANO DO BRASIL, S. A.

Matriz: SÃO PAULO

Rua Álvares Penteado, 65 — C. Postal 8.222

End. Telegráfico: SULBANCO — Patente N. 2.948

Capital Cr\$ 80.000.000,00

Reservas Cr\$ 66.833.844,30

AGÊNCIAS

Alvares Machado — Auriflama — Capivari — José Bonifácio —
Londrina (Paraná) — Maringá (Paraná) — Mercado (Santos) —
Mirante do Paranapanema — Neves Paulista — Penápolis — Pi-
nhal — Piracicaba — Pirapòzinho — Poloni — Presidente Pru-
dente — Ribeirão Preto — Rio de Janeiro — Santos — S. João
do Caiuá (Paraná) — São José do Rio Preto — Tatuí — Urbana
n.º 1, Ipiranga — Urbana n.º 2, Vila Prudente — Urbana n.º 3,
Belenzinho — Urbana n.º 4, Av. São João — Urbana n.º 5,
Mercado — Urbana n.º 6, Jardim América

TÓDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
INCLUSIVE CÂMBIO

SEU ENORME CONSUMO PROVA QUE O PÚBLICO...

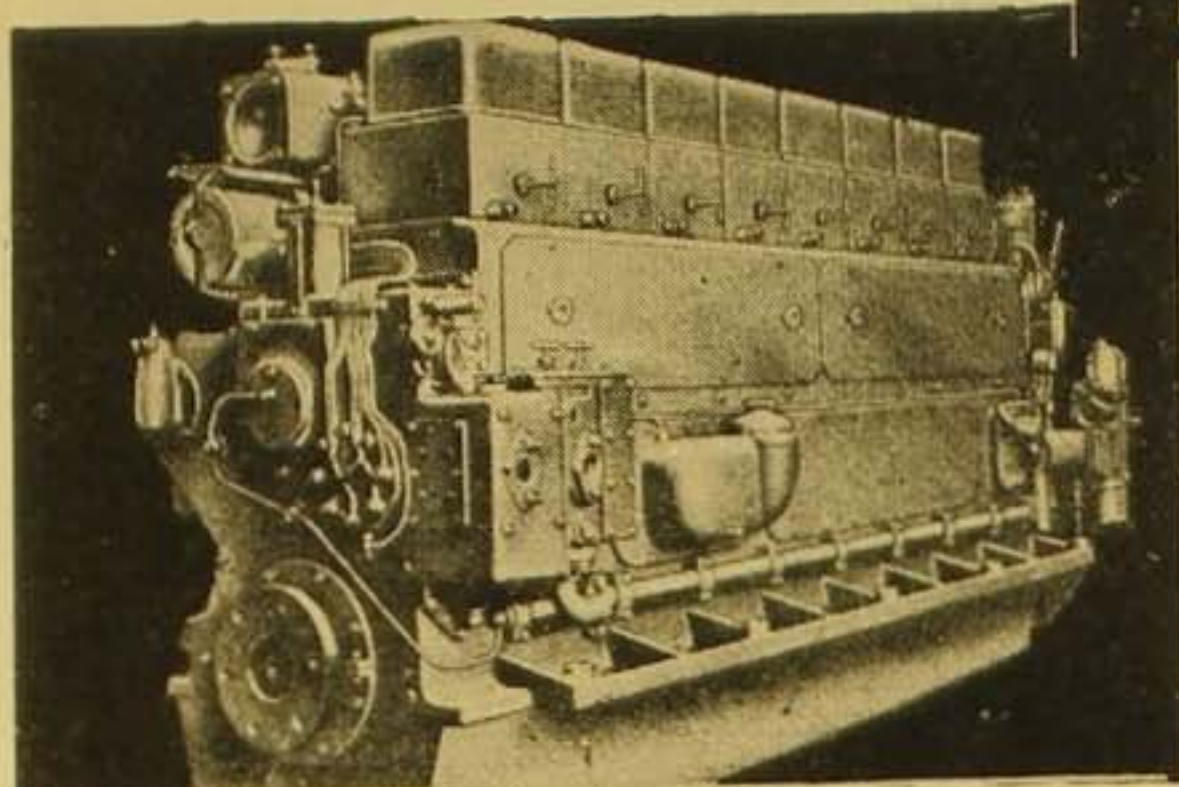


CERVEJA

FAIXA AZUL

Um produto ANTARCTICA

**MOTORES DIESEL M·A·N MAIS DE
160.000 C.V. INSTALADOS NO BRASIL**



MOTOR DIESEL MARÍTIMO M. A. N. DE 300 C V.

M·A·N

MASCHINENFABRIK AUGSBURG - NÜRNBERG A. G.

- MOTORES ESTACIONÁRIOS E MARÍ-
TIMOS.
- MOTORES À GÁS E DIESEL/GÁS
(DUAL-FUEL)
- GRUPOS DIESEL ELÉTRICOS
- MOTORES PARA VEÍCULOS FERROVI-
ÁRIOS
- TURBINAS A VAPOR E CENTRAIS
TERMO-ELÉTRICAS
- GUINDASTES, PONTES ROLANTES
- ESTRUTURAS METÁLICAS, PONTES
- BARRAGENS COMPORTAS
- BOMBAS DE DRENAGEM, IRRIGAÇÃO,
DRENAGEM, ETC.
- VAGÕES DE TRENS DE AUTOMOTRIZES

Representantes Gerais

Para todo o Brasil (exceto o Estado de São Paulo)

COMÉRCIO E INDÚSTRIA MATEX LTDA.

RIO DE JANEIRO:

Av. Rio Branco, 25 - C. P. 759
Telegr. "PRIAMUS" - Tel. 23-5830

RECIFE:

Rua da Aurora, 175 - C. P. 440
Telegr. "PRIAMUS" - Tel. 3269

Para o Estado de São Paulo

PETERSEN IRMÃOS & CIA. LTDA.

SÃO PAULO:

R. Libero Badaró, 306 - C. P. 1046
Telegr. "PRIAMUS" - Tel. 33-3649

PUBL. BRAGAUER

BRASIL AÇUCAREIRO

**Órgão Oficial do Instituto
do Açúcar e do Alcool**

(Registrado com o n.º 7.626, em 7-10-1934, no 3.º Ofício do Registro de Títulos e Documentos). — **Rua do Ouvidor, 50 - 9.º andar** (Serviço de Documentação) —
Fone 23-6252 — Caixa Postal, 420.

Diretor — RENATO VIEIRA DE MELO

Assinatura anual: Para o Brasil, Cr\$ 100,00. Para o Exterior, Cr\$ 150,00. Número avulso (do mês), Cr\$ 10,00. Número atrasado, Cr\$ 15,00.

Vendem-se volumes de **Brasil Açucareiro**, encadernados, por semestre. Preço de cada volume Cr\$ 300,00.

AGENTES: Durval de Azevedo Silva — Rua do Ouvidor, 50 - 9.º andar — Rio de Janeiro. — Agência Palmares — Rua do Comércio, 532 - 1.º — Maceió - Alagoas. Octávio de Moraes — Rua da Alfândega, 35 — Recife - Pernambuco. — Heitor Porto & Cia. — Rua Vigário José Inácio, 153 — Caixa Postal, 235 — Porto Alegre - Rio Grande do Sul. — Mariano Miranda — Franklin, 1968 — Buenos Aires. As remessas de valores, vales postais, etc., devem ser feitas no Instituto do Açúcar e do Alcool e não a **Brasil Açucareiro** ou nomes individuais. — Pede-se permuta. On demande l'échange. — We ask for exchange. — Pidesse permuta. — Si richiede lo scambio. — Man bittet um Austausch. — Intershangho dezirata.

Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais S. A.

Fundado em 1911

CAPITAL E RESERVAS : Cr\$ 220.565.891,00

Sede: BELO HORIZONTE — Praça 1 de Setembro

SUCURSAIS :

RIO DE JANEIRO — Rua 1.º de Março, 51 — S. PAULO — Rua da Quitanda, 126

AGÊNCIAS NO DISTRITO FEDERAL :

CAMPO GRANDE — Rua Campo Grande, 736 — MADUREIRA — Estrada Portela, 40

PRAÇA DA BANDEIRA — Praça da Bandeira, 281-A

AGÊNCIAS EM OUTRAS CAPITAIS :

Recife — Salvador — Vitória — Niterói — Pôrto Alegre — Curitiba — Goiânia

E mais 90 Agências e Escritórios distribuídos pelos Estados de

MINAS GERAIS — SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — ESP. SANTO — GOIAS

CORRESPONDENTES EM TODO O PAIS

DESCONTOS — CAUÇÕES — DEPÓSITOS — COBRANÇAS — VALORES

Banco Francês e Italiano para a América do Sul S. A.

Capital e Reservas : Cr\$ 170.000.000,00

MATRIZ : São Paulo — Rua 15 de Novembro, n.º 213

FILIAIS : Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Pôrto Alegre, Santos

AGÊNCIAS : Araraquara, Botucatu, Campinas, Jaú, Londrina,
Ribeirão Preto Santo André, São Carlos

e mais :

11 Agências Urbanas em SÃO PAULO, 4 no RIO DE JANEIRO,
1 em PÔRTO ALEGRE e 1 no RECIFE

TÓDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS



BANCO BOAVISTA S. A.

UMA COMPLETA ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA



CONVIDAMOS A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO
A CONSULTAREM NOSSAS CONDIÇÕES PARA
AS SUAS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Dêsde 1936 servindo a Indústria e a construção civil do Brasil.

Chapas; ferro para construção, chato, cantoneira, quadrado, Tee, vigas, tubos para todos os fins, arames; cimento e material de importação.



Macife S/A - Rio de Janeiro
Av. Pres. Vargas, 509 - Tel. 23-2151

Filial em Niterói

Rua Benjamin Constant, 231

Macife S. Paulo S/A - S. Paulo
Florêncio de Abreu, 763
Tel. 37-0551



Macife Bahia S/A - Salvador
Conselheiro Dantas, 36 - Tel. 5607

Macife Minas S/ - B. Horizonte
Av. dos Andradas, 881 - Tel. 24191

Macife R.G.Sul S/A-P. Alegre
Av. Júlio de Castilhos, 150-Tel. 5921

Banco Brasileiro de Descontos, S. A.

QUADRO DEMONSTRATIVO DO BALANCETE DE 31 DE JULHO DE 1958

A T I V O		P A S S I V O	
Caixa e Bancos	1.673.122.058,80	Capital e Reservas	662.968.742,50
Títulos Descontados ..	4.063.131.551,40	Depósitos	6.281.161.840,30
Agências	1.887.880.070,70	Agências	1.387.123.717,90
Correspondentes	36.662.672,00	Correspondentes	114.093.245,90
Apólices e Obrigações Federais	449.218.758,30	Ordens de Pagamento ..	
Imóveis e Móveis	455.689.029,60	e Outros Créditos ..	377.899.173,00
Outros Créditos	316.906.549,10	Contas de Resultados ..	146.141.002,40
Contas de Resultados ..	86.777.032,10	Contas de Compensação ..	2.751.226.861,40
Contas de Compensação ..	2.751.226.861,40		
Total	11.720.614.583,40	Total	11.720.614.583,40

(aa.) — Dr. J. Cunha Júnior, Diretor-Presidente. — Donato Francisco Sassi, Diretor-Vice-Presidente. — Amador Aguiar, Diretor-Superintendente. — Luiz Silveira, Diretor-Gerente. — Laudo Natêl, Diretor-Gerente — Basilio Troncoso Filho, Diretor-Adjunto. — Leonardo Grácia Júnior, Diretor-Adjunto — Mário Attab, Gerente — Raul Passarelli, Gerente. — José Faria Basilio, Sub-Gerente e Chefe da Contabilidade. (C. R. C. — S. P. n.º 3.094).

Banco do Comércio S. A.

FUNDADO EM 1875

O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO

Capital e Reservas Cr\$ 251.623.536,30

MATRIZ (provisória) : Rua Buenos Aires, 144-146 — Tel. 43-8966

A G Ê N C I A S :

Distrito Federal :

COPACABANA	—	Av. Copacabana, 1.155
GRAJAÚ	—	Praça Edmundo Rego, 38-C
LIDO	—	Av. Copacabana, 115-C
MADUREIRA	—	Estrada do Portela, 44
MEIER	—	Rua 24 de Maio, 1.355
OLARIA	—	Rua Leopoldina Rego, 416
QUITANDA	—	Rua da Quitanda, 67-A
RIACHUELO	—	Rua Riachuelo, 387
S. CRISTÓVÃO	—	Rua S. Luís Gonzaga, 173
TIJUCA	—	Rua Carlos Vasconcelos, 158
URUGUAIANA	—	Rua Uruguaiana, 7

SUCURSAL NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213

**TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
INCLUSIVE CAMBIO**

**SEÇÕES ESPECIALIZADAS PARA GUARDA
DE TÍTULOS E VALORES**

BRAZILIAN AMERICAN SURVEY

5.º Ano de Publicação

Interessantes artigos sobre variados assuntos brasileiros de autoria de afamadas personalidades : indústria, comércio, economia e finanças, cultura, etc .

Divulga o Brasil ao estrangeiro e traz conhecimento do estrangeiro ao brasileiro .

Tiragem comprovada de 10.000 exemplares
Assinatura anual : Cr\$ 150,00 (duas edições)
Aceitam-se anúncios para a oitava edição

PUBLICADA POR :

PUBLICAÇÕES INTERNACIONAIS LTDA.

AVENIDA ERASMO BRAGA, 227 — Grupo 213
Tel. 42-0349

Conjuntura Econômica — Edição Internacional

A Edição Internacional de Conjuntura Econômica, que já circula em quase todos os países do mundo, apresenta aos leitores estrangeiros a mesma análise econômico-financeira e social que o Sr. está acostumado a ler em cada número da Edição Brasileira, junto com outras informações indispensáveis à compreensão do panorama nacional.

Ofereça aos seus amigos, fornecedores ou clientes do exterior uma assinatura anual da Edição Internacional, ensejando-lhes assim a oportunidade de se manterem ao corrente da conjuntura econômica nacional.

No Brasil

Cr\$ 300,00 (simples)

Cr\$ 350,00 (aéreo)

Américas, Portugal e Espanha

Cr\$ 320,00 ou US\$ 4,00 (simples)

Cr\$ 700,00 ou US\$ 10,00 (aéreo)

Outros países

Cr\$ 350,00 ou US\$ 5,00 (simples)

Cr\$ 750,00 ou US\$ 10,00 (aéreo)

Pedidos à :

REVISTA FORENSE S. A.

AVENIDA ERASMO BRAGA, 299

FONE : 42-9573

RIO DE JANEIRO (D. F. — BRASIL)

BANCO FRANCÊS E BRASILEIRO S. A.

End. Telegráfico : "CREDIONAIS"



SÃO PAULO (Matriz)

Rua 15 de Novembro, 268. Tel.: 33-5178

AGÊNCIAS URBANAS :

Av. Duque de Caxias, 371

Av. Dr. Vieira de Carvalho, 123

Rua Cantareira, 596

Rua Barra do Tibagi, 592

Rua Cardoso de Almeida, 176

Av. Brig. Luiz Antônio, 2.200

RIO DE JANEIRO

Praça Pio X, 54-A. Tel.: 52-2170

AGÊNCIA URBANA :

Rua do Rosário, 161

BELO HORIZONTE

Rua dos Carijós, 550/4. Tel.: 2-284

PELOTAS

Rua Andrade Neves, 563. Tel.: 5-213

PORTO ALEGRE

Rua Siqueira Campos, 1248. Tel.: 6920 e 6134

RECIFE

R. do Imperador Pedro II, 382

Tel.: 2-6665

SANTOS

Rua 15 de Novembro, 53. Tel.: 582

SANTO ANDRÉ

R. Cel. Fernando Prestes, 79. Tel.: 365

S. JOSÉ DOS CAMPOS

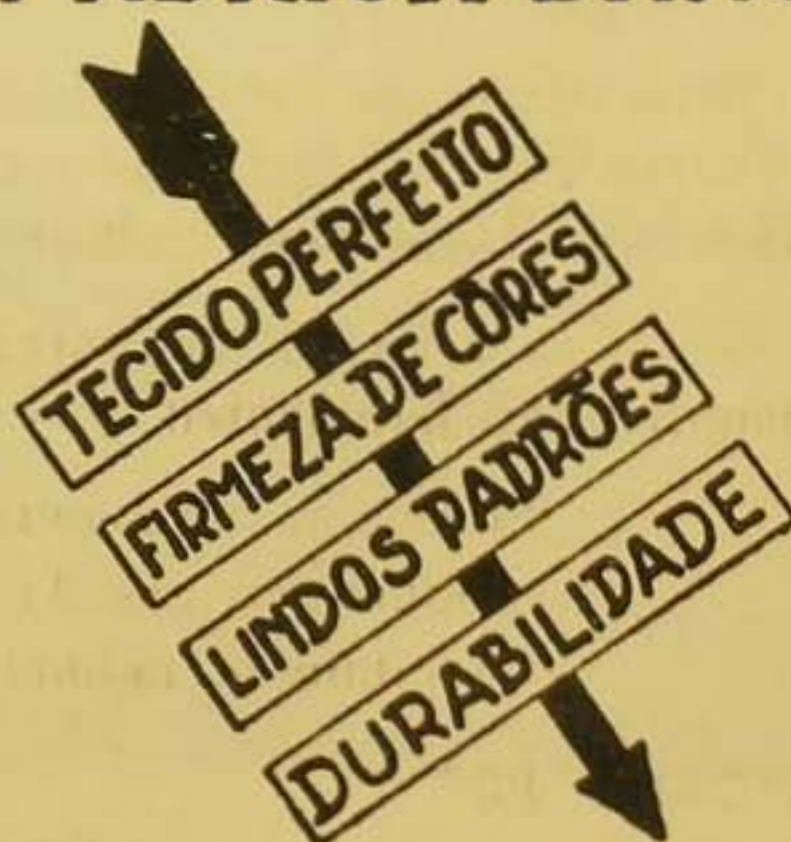
Rua 15 de Novembro, 77



Correspondente do

CREDIT LYONNAIS

FABRICA BANGU



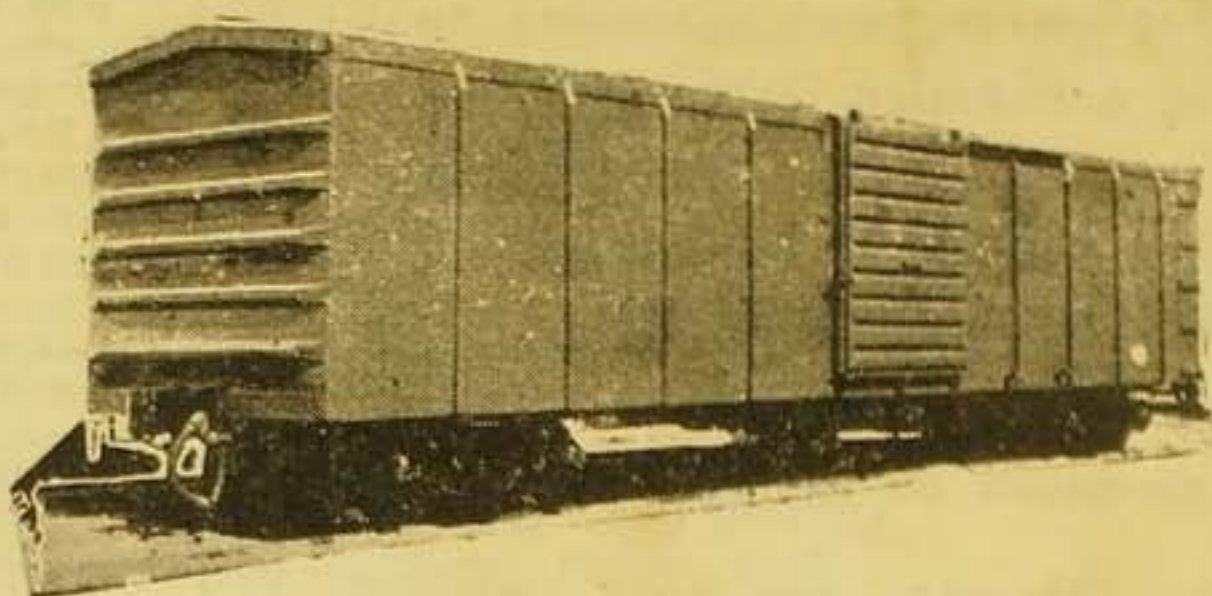
BANGU

EXIJA NA OURELLA

BANGU - INDÚSTRIA BRASILEIRA

Fábrica Nacional de Vagões S.A.

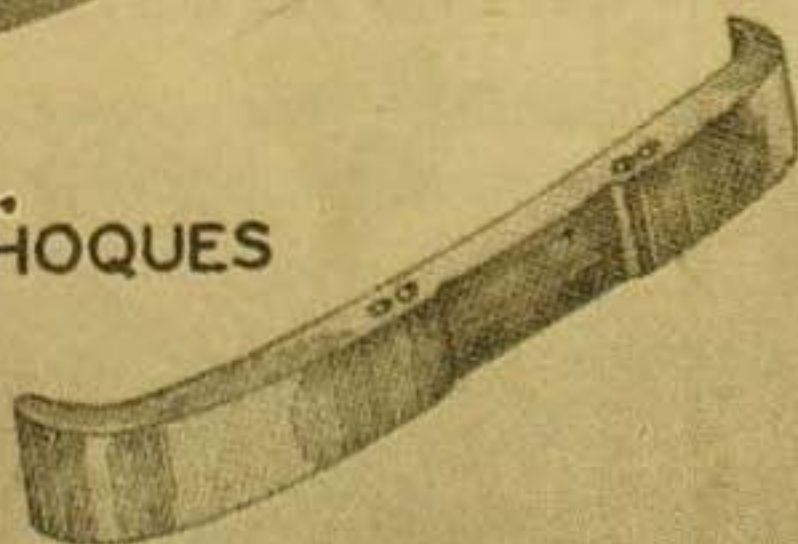
Fabricante de: 1.º Vagões de carga e carros de passageiros de todos os tipos e bitolas. — 2.º Chassis completos p/caminhões, ônibus e automóveis. — 3.º Discos e aros (licença e assistência técnica da Firestone Tire & Rubber Co. e Good Year Tire & Rubber Co.) para caminhões, ônibus e automóveis. — 4.º Para-choques para caminhões, ônibus e automóveis. — 5.º Estruturas Metálicas para armazéns, galpões e etc. (licença e assistência técnica da Soulé Buildings). — 6.º Botijões para Gás L. P. — 7.º Rolos Compressores (Hubber-Sotema). — 8.º Usinas de Asfalto (Barber-Greene).



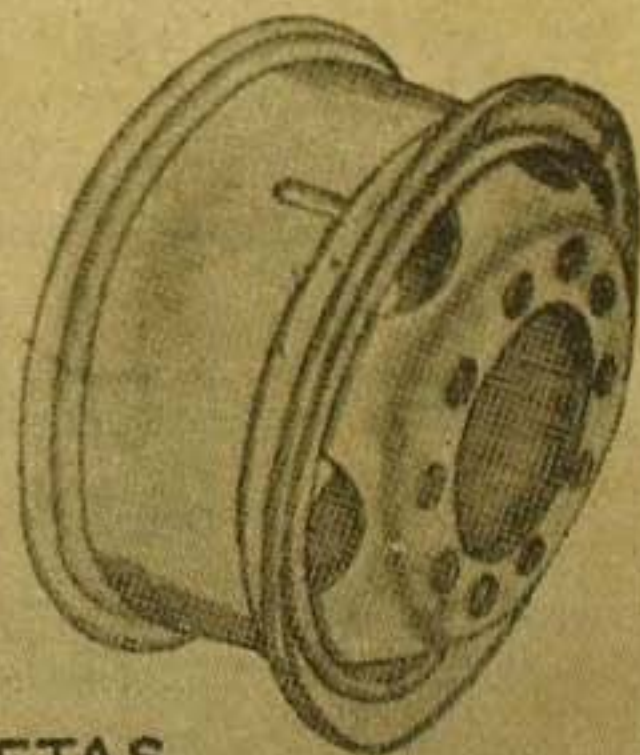
CHASSIS COMPLETOS



PARA-CHOQUES



RODAS COMPLETAS



Matriz: RUA 24 DE MAIO, 250 — 14.º ANDAR — FONE: 35-2105
CAIXA POSTAL, 4736 — SÃO PAULO

Escritório do Rio: RUA MÉXICO, 21 - 16.º AND. - S. 1601 — FONE: 32-6819

Officinas: CRUZEIRO, SÃO PAULO
MARECHAL HERMES, DISTRITO FEDERAL